

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Magda Cristina Fulan Bellini

**VOZES QUE ECOAM COTIDIANOS ESCOLARES EM SÃO ROQUE, SP: EMEF
BARÃO DE PIRATININGA**

Sorocaba/SP

2022

Magda Cristina Fulan Bellini

**VOZES QUE ECOAM COTIDIANOS ESCOLARES EM SÃO ROQUE, SP: EMEF
BARÃO DE PIRATININGA**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação

Orientadora: Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera

Sorocaba/SP

2022

Magda Cristina Fulan Bellini

**VOZES QUE ECOAM COTIDIANOS ESCOLARES EM SÃO ROQUE, SP: EMEF
BARÃO DE PIRATININGA**

Tese aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutora no Programa de
Pós-Graduação em Educação da Universidade
de Sorocaba.

Aprovado em: 08/02/2022.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Rafael Angelo Bunhi Pinto
Universidade de Sorocaba



Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota
Universidade de Sorocaba



Prof. Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro



Prof. Dra. Raquel Aparecida de Oliveira
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Prof. Dra. Vânia Regina Boschetti
Universidade de Sorocaba

Sorocaba/SP
2022

DEDICATÓRIA

Ao meu filho, jornalista Jomar Luiz Fulan Bellini. Nunca conhecerei um ser humano como ele. Amoroso, sensível, ético, alegre, inteligente, educado, curioso, pesquisador, leitor, trabalhador, sabia ouvir e trazer uma palavra amiga, tantas qualidades em uma só pessoa, o filho dos sonhos de qualquer mãe. Era de um brilho que iluminava o ambiente pelo qual passava, dono de uma leveza contagiante e uma capacidade de amar o próximo extremamente única, meu sobrinho o definiu como “perfeito”.

Por que você, Jomar? Por quê? Como sobreviver sem a sua presença física, sem a sua gargalhada, sem o seu sorriso marcante, sem as nossas conversas, não ganhar o seu abraço e o seu beijo, sem os nossos passeios, olhar o mar sem você. Sei que está comigo, sinto você, sinto o seu cheiro, mas, não consigo acreditar e muito menos entender. Agradeço, meu filho, os 30 anos, 7 meses e 21 dias, que tive a honra, a oportunidade de conviver com você, de ser a sua mãe. Tenho muito orgulho de você. Te amo e sempre te amarei, além da minha vida irei te amar. Jomar, você é luz! Jomar você é amor!

Meu filho, o Jornalista Jomar Luiz Fulan Bellini, e eu (2019)



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

AGRADECIMENTOS

Minha opção no processo de doutoramento foi a de dialogar com os sujeitos que participam ativamente do cotidiano escolar, de buscar compreender o ainda não compreendido, sentir os cheiros, os sabores, o movimento, adentrar nesse cotidiano com respeito, com ética, e perceber a importância das pequenas coisas.

Neste percurso, passei e estou passando pelos momentos mais difíceis da minha vida; os anos de sofrimento de minha mãe com uma doença terminal, que tristemente partiu no dia 08 de junho de 2021; e logo depois fui surpreendida, dilacerada, com a partida do meu filho amado Jomar, no dia 01 de julho de 2021, totalmente saudável, mas, a Covid-19 é implacável e ceifou sua vida em 12 dias. A saudade é insuportável. Foi tão difícil chegar até aqui...

À prof^a Dr^a Alda Romaguera, que foi muito mais que uma orientadora, sempre com sábias palavras que me fortaleceram. Me pegou pelas mãos, abraçou e mostrou o caminho para que eu conseguisse concluir. Sempre falou - *Vamos, você é capaz, tem uma pesquisa pronta, vai conseguir, vai no seu tempo, eu estou aqui, pelo Jomar, vamos!*

Tenho que agradecer por todo o aprendizado dos encontros nas aulas e no Grupo de Estudos Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar. Professora Alda, orientadora e amiga que levarei para a vida toda. Obrigada, muito obrigada! Gratidão eterna.

Ao prof. Dr. Marcos Reigota, a quem já admirava, antes mesmo de conhecer, e que transformou meus fazeres educacionais com os seus livros, suas pesquisas. Nas aulas maravilhosas, dialogadas reflexivamente, me encantei ainda mais pelo Reigota e, com ele, por Paulo Freire. Os encontros do Grupo de Estudos Perspectiva Ecologista de Educação, as suas palestras e participações especiais, quanto aprendizado, quanta transformação. Obrigada!

Ao prof. Dr. Sanfelice (*in memoriam*), carinho eterno, foi meu orientador no Mestrado e participou da minha Banca de Qualificação do Doutorado. Conhecedor profundo e apaixonado pela História da Educação; com seu brilho no olhar, era impossível não se envolver plenamente em suas aulas e viajar pelos tempos históricos. Obrigada!

Ao Prof. Dr. Jefferson Carriello do Carmo, que foi coordenador do Programa de Doutorado em Educação, obrigada, pelo incentivo para a conclusão do Doutorado.

À “família Barão de Piratininga”, como assim nos entendemos: “Barões e Baronesas”, vinte e um anos de convivência, por mais que tente não será possível transcrever a importância de vocês para a minha vida e pesquisa. Vocês são minha grande inspiração. É por amor, por respeito, pela competência profissional e ética que trago para esta tese um pouquinho da riqueza que é o cotidiano da EMEF Barão de Piratininga. Estudantes, ex-alunos/as professores/as, funcionários/as, equipe gestora, pais/ responsáveis, parceiros/as da escola, agradeço por cada instante vivido, por poder participar das aulas, dos diálogos, eventos, debates - que aprendizado foi conviver com vocês!

A todos os professores/as que dedicaram o seu tempo à leitura da minha tese, muito obrigada pela importante e valiosa contribuição e participação nas minhas bancas de qualificação e defesa.

A todos os professores/as e funcionários da UNISO, pela competência e dedicação.

Aos colegas das aulas e dos Grupos de Estudo, obrigada pelas contribuições.

À Prof.^a Maria Lígia Conti, agradeço o tempo dedicado para correção e formatação desta pesquisa.

Ao meu esposo Jomar Luiz Bellini, agradeço por acreditar que sou capaz, por me incentivar a cursar o doutorado e financiar o meu curso.

Ao meu filho amado, Jomar Luiz Fulan Bellini (um dia espero te reencontrar), que sempre, sempre esteve comigo nos momentos de estudo. Grande incentivador, cobrava com carinho para que concluísse a tese, sempre acreditou em minha capacidade. Em todas as minhas pesquisas e escritos, inclusive no texto da tese para qualificação, realizou o trabalho de correção e formatação. Amor eterno.

Ao meu filho amado, Matheus Francisco Fulan Bellini, que me ensina todos os dias a ser um ser humano melhor. Que colaborou em muitos momentos em que necessitei deixar minhas atribuições para seguir com a pesquisa acadêmica e que contribui com as questões tecnológicas. Você, Matheus, é a razão do meu viver.

Aos meus familiares que me ensinaram a viver a união e o amor: Antonio Fulan, meu pai; Helenice Correa Fulan (*in memoriam*), minha mãe; Helenice Maria Fulan Barbosa, Marcos Antonio Fulan, Alex José Fulan e Eli Carolina Fulan, meus irmãos; Cristiane de Campos Fulan, minha cunhada; José Luiz Bellini (*in memoriam*), meu sogro; Virginia Maria Aparecida Bellini (*in memoriam*), minha sogra; Jane Stella Aparecida Bellini, minha cunhada. Agradeço o convívio, o apoio e dedicação.

Árvore do (re)colhimento

tempos de
(re)colher-se,
espaço de (re)tecer
hora de (re)ver a vida...

na colheita de instantes
se tecem nos horizontes
gotículas verdejantes
e brotam (re)começos...

(Alda Romaguera)

RESUMO

Esta tese defende que a educação é o ponto fulcral para a transformação social. Para tanto, analisa aspectos do cotidiano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Barão de Piratininga, na cidade de São Roque/SP. Busca entender como se dá o processo de ensinar-aprender nesta escola no ano de 2020, com foco no período diurno, nas turmas de 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental. Dialoga com professores e estudantes, sujeitos desse cotidiano, na intenção de compreender o processo educativo em um ano que começou com aulas presenciais e abruptamente passou para um ensino híbrido e virtual, com o aumento de casos da Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2. Para analisar a ação educativa e encontrar possíveis respostas para o que permeia o coletivo da escola pública, conversa com alguns conceitos de Felix Guattari, Nilda Alves e Paulo Freire. Conhecer a realidade nos/dos/com os cotidianos da EMEF Barão de Piratininga, identificando as suas potencialidades e os seus desafios trouxe, nesta tese, uma contribuição para práticas pedagógicas focadas no desenvolvimento de estudantes, como sujeitos históricos, com potencial para transformar a sociedade, possibilitando um mundo mais igualitário. A opção metodológica de trazer os sujeitos envolvidos no processo para um diálogo, narrando esse cotidiano escolar, apoia-se na produção do conhecimento e das possibilidades da realidade vivida, considerando a produção de subjetividades nesse espaço e tempo. São aqui observados e documentados como a escola recebe e acolhe os alunos, os modos como os professores se preparam para as aulas, levando em conta o perfil individual dos alunos e, também, como os alunos e alunas produzem as relações entre os conteúdos apresentados e seu mundo vivido. Enquanto se constata que o grande tesouro do “Barão” são as pessoas que o frequentam, e entendendo as infinitas possibilidades existentes no corpo vivo que pulsa nesse espaço, observa-se a dura realidade social que evidencia o imenso abismo entre a escola pública e a privada neste país, ainda mais escancarado durante a pandemia. Esta tese evidencia os problemas vividos e denuncia os problemas gravíssimos nos sistemas públicos de educação, enfatizando a urgência do olhar atencioso e respeitoso do Poder Público para com suas escolas formadoras de cidadãos, atores da transformação social. Vozes que ecoam nesta tese e continuarão ecoando com a escrita do livro pelos professores dessa escola sobre práticas pedagógicas, que reflete a inquietação do exercício de ser professor(a) do povo, para o povo e com o povo.

Palavras-chave: EMEF Barão de Piratininga, SP. Cotidiano Escolar. Pandemia. Ensinar-aprender. Práticas docentes.

ABSTRACT

This thesis advocates that education is the pivotal aspect regarding social transformation. For doing so, it analyzes aspects of daily life at the Barão de Piratininga Municipal Elementary School, in the city of São Roque/SP. We seek to understand how the teaching-learning process takes place in this school in 2020, focusing on the quotidian, in classes from 6th to 9th grades of elementary school. We talk with teachers and students, subjects of this daily life, with the intention of understanding the educational process in a year that began with in-person classes and abruptly moved to hybrid and virtual teaching, with the increase in cases of Covid-19, caused by the SARS-CoV-2. To analyze the educational action and find possible answers to what permeates the public school collective, we dialogue with some concepts of Felix Guattari, Nilda Alves and Paulo Freire. Knowing the reality in/of/with the daily lives of EMEF Barão de Piratininga, identifying its potentials and its challenges brought, in this thesis, a contribution to pedagogical practices focused on the development of students, as historical subjects, with the potential to transform society and cause to bring a more a more egalitarian world. The methodological option of bringing the subjects involved in the process to a dialogue, narrating this school routine, is based on the production of knowledge and possibilities of the reality experienced, considering the production of subjectivities in this space and time. Here, it is observed and documented how the school receives and welcomes students, the ways in which teachers prepare for classes, taking into account the individual profile of students and also how students produce the relationships between the content presented and their lived world. While it is evident that the great treasure of the "Baron" is the people who interact in its premises, and we understand the infinite possibilities existing in the living body that pulses in this space, the harsh social reality that highlights the immense abyss between public and private schools in this country is observed, even more openly during the pandemic. This thesis highlights the problems experienced and denounces the very serious problems in public education systems, emphasizing the urgency of the attentive and respectful look of the authorities towards public schools that form citizens, actors of social transformation. Voices that echo in this thesis and will continue to echo with the writing of the book by the teachers of this school about pedagogical practices, which reflects the restlessness of the exercise of being a teacher of the people, for the people and with the people.

Keywords: EMEF Barão de Piratininga, SP. School quotidian. Pandemic. Teaching-learning. Teaching practices.

LISTA DE IMAGENS

1 - Fachada da EMEF Barão de Piratininga em 2020	21
2 - Fachada da EMEF Barão de Piratininga em 2020	22
3 - Pátio coberto da EMEF Barão de Piratininga em 2019	23
4 - As primaveras da fachada da EMEF Barão de Piratininga em 2020	24
5 - Reunião de professores com estudantes representantes de classe na EMEF Barão de Piratininga em 2019.....	38
6 - Equipe Escolar da EMEF Barão de Piratininga em 2019 – Sala de Leitura.....	39
7 - Gincana Pedagógicas na EMEF Barão de Piratininga em 2018	41
8 - Merenda escolar self-service em 2018	43
9 - Dia da Consciência Negra/ Feijoada coletiva / Almoçar todas e todos juntos 2018.....	43
10 - Projeto de Dança na EMEF Barão de Piratininga em 2018	44
11 - Professora de Português com alunos do 9º ano DA EMEF Barão de Piratininga em 2019.....	45
12 - Merendeiras em Picinguaba 2018.....	46
13 - Praia da Fazenda em Ubatuba/SP em 2018.....	47
14 - Trilha do Cambury em Ubatuba/SP em 2018.....	48
15 - Estudantes do Barão em passeio educativo na cidade de Paraty/RJ em 2018 .	48
16 - Praia de Itamambuca em Ubatuba/SP em 2018	49
17 - Trilha no Mangue em Ubatuba/SP em 2018	49
18 - Trilha Fluvial em Ubatuba/SP em 2018.....	50
19 - Visita dos estudantes ao Projeto Tamar em Ubatuba/SP em 2018	50
20 - Aquário de Ubatuba/SP em 2018.....	51
21 - Projeto Resgate de Memórias na EMEF Barão de Piratininga em.....	52
22 - Visita do Prefeito de São Roque, Claudio Góes, na comemoração dos 60 anos da EMEF Barão de Piratininga em 2018.....	53
23 - Família limpando o jardim para o aniversário de 60 anos da EMEF Barão de Piratininga em 2018	54
24 - Apresentação do Projeto de Dança na comemoração dos 60 anos da EMEF Barão de Piratininga em 2018.....	55
25 - Apresentação realizada durante a comemoração dos 60 anos da EMEF Barão de Piratininga em 2018	55

26 - Apresentação do Coral na comemoração dos 60 anos da EMEF Barão de Piratininga em 2018	56
27 - Comemoração dos 60 anos na EMEF Barão de Piratininga em 2018	56
28 - Entrega de cestas básicas para estudantes da EMEF Barão de Piratininga durante a pandemia de COVID-19 em 2020.....	57
29 - Entrega de cestas básicas para estudantes da EMEF Barão de Piratininga durante a pandemia de COVID-19 em 2020.....	58
30 - Encontro entre os grupos de pesquisa Perspectivas Ecologistas e Ritmos de Pensamentos 2019	62

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APM	Associação de Pais e Mestres
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
COVID-19	Corona Virus Disease (Doença do Coronavírus) – 2019
DOE	Diário Oficial do Estado
DOU	Diário Oficial da União
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
FGV	Fundação Getúlio Vargas
HTPC	Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFSP	Instituto Federal de São Paulo
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAS	Organização Panamericana de Saúde
Petar	Parque Estadual Turístico do Alto da Ribeira
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PNAD contínua	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PPP	Projeto Político Pedagógico
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
UNIESP	União das Instituições Educacionais de São Paulo
UNISO	Universidade de Sorocaba
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	A ESCOLA “BARÃO”	21
2.1	Vozes que ecoam cotidianos no “Barão”	28
2.2	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)	41
2.3	Gincanas Pedagógicas.....	41
2.4	Merenda escolar – self-service	42
2.5	Projeto Dança.....	44
2.6	Multimeios	44
2.7	Projetos visitas externas.....	45
2.8	Projeto Leitura.....	51
2.9	Projeto Resgate de Memórias.....	52
2.10	Festividades e cuidados com a escola	52
2.11	E então, a Pandemia	57
3	PESQUISAR COTIDIANOS ESCOLARES	59
4	ANO 2020: UMA DESCONSTRUÇÃO DOS COTIDIANOS.....	76
4.1	Vivências na escola Barão de Piratininga	94
4.2	Professores	96
4.3	Aprendizagens	109
5	O QUE SE APRENDE COM AS VOZES QUE ECOAM? A MODO DE CONCLUSÃO.....	120
	REFERÊNCIAS.....	128
	ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DE ACESSO A ARQUIVOS DA ESCOLA.....	134

1 INTRODUÇÃO

A amorosidade de que falo, o sonho pelo qual brigo e para cuja realização me preparo permanentemente, exigem em mim, na minha experiência social, outra qualidade: a coragem de lutar ao lado da coragem de amar
(FREIRE, 1997, p.38)

Lutar e amar. Dois gestos de coragem, duas ações que nos solicitam, atualmente, a viver uma experiência social inaugurando um terceiro gesto: o de esperar (FREIRE, 1992). Com estes três gestos, *lutar, amar, esperar*, tomados como conceitos freireanos atualizados para o tempo presente, reafirmo nesta tese a urgência de aliarmos à amorosidade, a produção de subjetividades (GUATTARI, 1992) nos/dos/com os cotidianos escolares (ALVES, 2015). Mais um gesto de coragem, posto que atravessamos o ano de 2021 e vivemos em situação pandêmica, neste país, desde março de 2020, o que, para nós, significou a perda de aproximadamente 600 mil vidas até os primeiros dias de outubro.

Esta tese resulta de minha experiência educacional vivenciada enquanto diretora de escola pública; de minha permanência por 33 anos como profissional da educação, e do processo de construção desta tese, como pesquisadora na Linha Cotidiano Escolar no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO).

Apresenta, em três capítulos, além desta introdução e as considerações finais, os movimentos realizados pela pesquisa em uma escola municipal, no estado de São Paulo. Observa os cotidianos da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Barão de Piratininga, situada na Estância Turística de São Roque, interior do estado de São Paulo. Essa escola pública compõe a história da cidade há 64 anos, participando dos sistemas Estadual e Municipal. A EMEF Barão de Piratininga, conhecida por muitos como “Barão” ou “escola do Cambará”, está localizada na região central da cidade, que concentra o comércio local e cuja população se constitui de moradores mais idosos. Ressalta os vínculos afetivos entre a escola e a cidade, entre diretora, educadores e educandos, aqui observados na sua cotidianidade.

Defende que a educação pública, aqui entendida enquanto espaço de cidadania, garantida como direito de todos e dever do Estado, tem o potencial de mudar os rumos de uma realidade marcada por diversas formas de preconceito e desigualdade. Sua valorização, bem como a dos profissionais da educação que nela

atuam, ainda carece de políticas públicas que se efetivem e correspondam às reais necessidades da coletividade e do lugar em que cada escola está inserida.

Se observada de dentro para fora, mesmo diante das instabilidades que marcam a educação em nosso país, podemos dizer que a Escola Pública resiste. Mas o que efetivamente torna uma escola, espaço público? Seria apenas a pertença a uma rede institucional, obrigatoriedade constitucional, que pactua a educação como direito de todos? A Constituição Federal, em seu capítulo III, Artigo. 205, nos diz que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao nível pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Ainda que o Artigo 206 especifique nos incisos I e II os princípios da “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” e a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber”; vivemos em nosso país situações bastante díspares entre as unidades escolares públicas. Seja por sua localização no vasto território nacional, o que por si já determina a distribuição de verbas e o exercício de políticas públicas; seja pelas condições impostas à população, muitas vezes sem garantias mínimas de dignidade para o “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Podemos afirmar, no início da terceira década do século XXI, que não atingimos plenamente tais objetivos, postos como direitos e deveres na Carta Magna.

Esta tese considera que os potentes cotidianos de cada escola pública são tecidos em encontros nas aulas, nas conversas no pátio, nas atividades coletivas, no cheiro da merenda, na frieza de uma estrutura física e no calor das pessoas. Observa que essa “rede de tecitura de conhecimentos” (ALVES, 2015, p. 207), é produtora de *saberesfazeres* merecedores de um olhar atento de pesquisadores que se debruçam sobre o campo dos cotidianos escolares na área da educação, aqui entendidos como “*espaçostempos* de estudo, interrogação, diálogos e ação (p. 21). É nessa direção que esta pesquisa pretende contribuir, registrando um recorte da riqueza que encontramos no interior de uma escola pública.

A tese dedica-se a observar como acontecem os movimentos de ensinar-aprender (FREIRE, 2018), na perspectiva da produção de subjetividades (GUATTARI, 1991; 1992) entre educadores, educandos e sociedade local. Entende com Freire que

“Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém” (2005, p.67), e assume a mediação e o encontro como possibilidade de relações educacionais mais coletivizadas: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p.79). Para Guattari (1992, p.32), “a única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo.”

Defendendo a importância da escola pública para a formação efetiva de pessoas na sua relação com o mundo e vivenciando o diferencial do trabalho realizado no “Barão”, reconhece a sua importância e relevância para a comunidade de São Roque. Não é demasiado afirmar que isso se deve aos profissionais que atuam em seu interior com grandiosidade, assim como às lutas da sociedade civil que cobra por melhores condições dos múltiplos aspectos da formação humana que envolvem conhecimento sistematizado.

Esta pesquisa se justifica pelo conjunto das ações educativas que acontecem nessa instituição pública de ensino. Existe algo a mais nesse cotidiano que interessa, que mobiliza, que é preciso registrar, conhecer e disponibilizar publicamente para contribuir com a educação. Todas e todos trazem para esse convívio a sua constituição cultural e é nessa constante interação e diversidade que o ensinar-aprender acontecem. Quais os segredos que podem ser encontrados nos cotidianos escolares que merecem ser expostos para que a sociedade possa trocar ideias em defesa de uma escola pública igualitária e inclusiva?

Um dia em uma escola não se repete, é como a água que passa no rio e não volta, como nos ensina o filósofo pré-socrático, Heráclito de Efesos: “Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou”. Esta citação foi por mim recortada de uma reportagem publicada em 30/04/2020 na Revista Cult, abordando as consequências da quarentena nas nossas vidas. (MESQUITA, 2020)

Estamos falando de uma construção coletiva, com pessoas se relacionando, influenciando e sendo influenciadas. Temos um grupo muito comprometido de professores na escola pesquisada. Um grupo que prepara as aulas pensando em seus alunos/as, que dialoga, que faz leituras, que se abre ao novo, que revê as ações, que não se conforma e busca a construção do conhecimento com seus estudantes. E é por isso que desejo deixar esse repertório educacional para a coletividade.

Como primeiro movimento, a tese aproxima-se da trajetória e de parte do histórico dessa escola, com enfoque nas suas contribuições para a educação e sua participação nos processos inclusivos de jovens com profundas marcas de exclusão social. A questão que emerge é: do tempo passado nos espaços dessa escola, o que as pessoas que a frequentaram carregam no seu percurso de vida, em suas memórias e em sua formação? É certo que existem experiências de diversos saberes nesse viver a diversidade de uma escola pública. Como seria o ensino e as relações há 60 anos? Viajar por esses anos de história fascinaria qualquer pesquisador/a, e muitos ficariam inebriados/as. Neste momento, entretanto, este não é o foco desta pesquisa. O que se busca nas imagens e documentos aqui apresentados é a construção de um cenário para integrar as ações mais recentes com as contribuições e alterações pelas quais a escola passou. O primeiro capítulo define a caracterização da escola para situar os/as leitores/as em seu contexto cultural, político e econômico.

Tenho como hipótese que a equipe da EMEF Barão de Piratininga desenvolve o seu trabalho com foco nos estudantes, em sua construção enquanto sujeitos históricos, aqui entendidos com a obra de Paulo Freire, com potencial para transformar a sociedade, para que as futuras gerações possam viver em um mundo mais igualitário.

A pesquisa pretende ser um veículo para partilhar com outros docentes e escolas essas práticas educativas que acontecem em um cenário muito comum dos cotidianos de uma escola pública, e que são um diferencial para a vida de muitos sujeitos. Pretendo contribuir trazendo exemplos que podem provocar outros *saberesfazeres*, no campo de conhecimento Cotidiano Escolar.

No segundo movimento, narro minha experiência, trazendo exemplos das práticas docentes significativas que fizeram da escola em questão uma referência em bons resultados no município. Tais práticas orientam as opções pela observação dos gestos de ensinar-aprender como produtores de uma educação corajosa, amorosa e sonhadora, nos dizeres de Freire (1992).

Inicialmente a pretensão da pesquisa era compreender as práticas pedagógicas que aconteciam na EMEF Barão de Piratininga, e que se destacavam no processo educacional. Como esses professores planejam as suas aulas? Quais os desafios que encontram na gestão da sala de aula? Como acontece a relação docente-discente? Quando percebem que os estudantes realmente aprenderam?

Como os estudantes identificam o que aprenderam? Quais ações dos professores são determinantes para que eles aprendam?

Para buscar possíveis respostas a essas questões, no final de 2019 e início de 2020, aconteceram observações de aulas de todas as disciplinas e algumas reuniões com professores e estudantes; como também, o registro de observações em situações informais: as relações interpessoais dos estudantes nos diferentes espaços da escola, um cafezinho no horário do intervalo na sala dos professores, reunião com pais, uma conversa na porta da escola e outras possibilidades que surgiram no decorrer da pesquisa.

A pesquisa delimita como foco de investigação as turmas do período diurno, de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental. No período noturno, a escola atende as turmas da EJA, que não fazem parte desta investigação.

A sustentação do objeto de pesquisa se dá por meio de conversas com estudantes, professores, pais, coordenação, direção, funcionários, ex-estudantes e parceiros, de maneira a produzir sentidos; como também pela observação dialogada de aulas presenciais e on-line, análise de documentos da escola, fotografias e a base teórica. Extraímos

[...] da palavra “conversa”, sua ação de versar com, em contraponto aos tantos modos de versar “por” e de versar “pelas” pessoas, tomando-as em separado como problemas de pesquisa, numa concepção enrijecida, que nos conforma entre sujeitos pesquisadores e objetos pesquisados. Ao fazer este gesto, deslocamo-nos para uma posição de escuta/fala/escrita que nos envolve com as comunidades em todas as outras produções de sentidos possíveis. (ROMAGUERA et al., 2021, p. 297).

O terceiro movimento se instala durante meu percurso de doutoramento, no ano de 2020, e traz a delimitação da pesquisa, posto que o cotidiano vivido atravessou e alterou os modos de con-viver nas escolas e demais espaços públicos, global e localmente.

Em 2020, com a chegada devastadora em todo o planeta da pandemia causada pelo vírus SARS-COV-2, a pesquisa passou a procurar entender como acontece o ensinar-aprender nessa escola, nesse ano que se inicia com aulas presenciais, planejadas para assim serem, e vivência, a duras penas, do ensino híbrido, numa abrupta passagem de um modo para outro, sem tempo de adaptação.

Em meio à pandemia da COVID-19 e ao isolamento social imposto pelas medidas de segurança sanitária para evitar a proliferação do vírus, o objetivo da tese

tornou-se entender como acontecem o ensinar-aprender nessa escola, ao serem suspensos os tempos de encontro.

Para tanto, me proponho a dialogar com os sujeitos históricos desse cotidiano, estabelecendo espaços de conversa que visam compreender as suas sensações, os seus sentimentos, os relacionamentos, as suas descobertas e ações. Com Spink (2008), exercito a noção de micro lugares e a opção por fazer parte da pesquisa, estabelecendo uma relação “conversadora” com os integrantes da escola.

Para o pesquisador, a noção de micro lugares é um duplo desafio: primeiro de aprender a prestar atenção a nossa própria cotidianidade, reconhecendo que é nela que são produzidos e negociados os sentidos e, segundo, de aprender a fazer isso como parte ordinária do próprio cotidiano, não como um pesquisador participante e muito menos como um observador distante, mas simplesmente como parte (SPINK, 2008, p.72).

A questão que permeia esta tese, passa a ser: Como acontece a produção de subjetividades nas relações de ensinar-aprender nesta escola, no ano de 2020? Se o objetivo macro da escola é o de que as crianças, jovens e adultos se apropriem do conhecimento, construam uma estrutura que dê suporte para viverem, conviverem e atuarem neste mundo, de que modos podemos praticar uma escuta sensível das vozes que ecoam na escola, no ano de 2020?

Conversas com professores/as, alunos/as, funcionários/as e pais orientam a análise nesta instituição em um ano que alterou significativamente as relações interpessoais no ambiente escolar e no mundo. As falas dessas pessoas, as sensações e os sentimentos, produção de subjetividades, fazem uma fotografia panorâmica do ano de 2020 e trazem esse conjunto de múltiplas vozes da escola para dialogar em tempos de distanciamento social.

O importante é conhecer a realidade dinâmica e envolvente nos/dos/com os cotidianos e analisar os relatos desse grupo. Acreditando nesse diálogo sobre as suas experiências e suas práticas, a pesquisa contribui, se não para aprendermos a melhorar a nossa ação educativa, pelo menos para identificar os aspectos potentes de 2020 e sobre o que todas e todos da escola precisam refletir. Assim como contribuir para o registro histórico da escola Barão, de forma contextualizada e reflexiva, mostrando mudanças e avanços. Segundo Paulo Freire,

Na perspectiva libertadora em que me situo, [...], a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta (FREIRE, 1982, p. 35).

O estudo dessa realidade em movimento, que se constitui com a participação ativa e interativa dos sujeitos que a compõem, se define como uma pesquisa qualitativa. Prado e Cunha destacam que,

[...] explicar e compreender são verbos recorrentes que acompanham o traçado dos objetivos de uma pesquisa que se distingue pelo modelo chamado qualitativo. [...] A compreensão demanda uma interação: [...], movimentamo-nos juntos. (PRADO; CUNHA, 2007, p. 28).

O rigor na concepção tradicional das pesquisas em educação sugere que se tome distância dos sujeitos, pede uma neutralidade do pesquisador/a; na análise quantitativa sustenta-se por critérios de mensuração. Essa abordagem não corresponde à concepção desta pesquisa, cuja opção metodológica não é silenciar o rigor científico, mas sim aliar a ele aspectos da produção de subjetividades. Trazer os sujeitos envolvidos no processo para um diálogo, comprometendo-se a narrar esse cotidiano escolar, partindo da produção de subjetividades, do conhecimento e das possibilidades da realidade concreta. Prado e Cunha salientam que,

Nesse enfoque metodológico, a naturalização da lógica positivista é subvertida e admite-se a pesquisa como processo de criação. Leite (2002) afirmou que o sujeito que pesquisa é marcado por sua identidade cultural. Na mesma linha de argumentação Ferraço (2002) destaca que os objetivos de estudo são criações subjetivas e que não existem fora daquele que pesquisa: o pesquisador, com suas necessidades e desejos, é parte do próprio tema estudado. O professor-pesquisador conhece da realidade o que nela cria e insere: as verdades que produz são parciais e falam da própria identidade. Os caminhos da pesquisa são múltiplos – acidentais, plurais, multidimensionais, fluidos, imprevisíveis – construídos por cada sujeito-professor na diversidade de ações, representações e interações vividas (PRADO; CUNHA, 2007, p. 61).

Em consonância com esta opção metodológica, estabeleço um diálogo com a concepção de realidade concreta para Paulo Freire:

[...] a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses fatos e todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida. Assim a realidade concreta se dá a mim na relação dialética entre objetividade e subjetividade (1982, p. 35).

Com este propósito, dialoguei com professores, contemplando todas as áreas de conhecimento; com um pequeno grupo de estudantes por ano do período diurno; com dois funcionários, coordenação, direção.

Ouvir as falas, os silêncios, as pausas, registrar as nuances do ensinar-aprender neste ano de 2020, que nos surpreende com uma pandemia, o isolamento

social e o ensino híbrido. Os sujeitos falando sobre a prática e a ação educativa refletirão os *saberes-fazer*es no cotidiano escolar e na vida.

Para a escrita da tese, opto pelo estilo narrativo na pesquisa, entendida com Spink (2008) enquanto “pesquisadora/conversadora”, uma vez que entendo ser no cotidiano da escola e na convivência diária dos sujeitos que se efetiva o processo de ensinar-aprender. O/a pesquisador/a, ao vivenciar esse coletivo e se aproximar dos sujeitos, faz parte desse movimento cotidiano da escola, como podemos observar nos escritos de Peter Spink, “Virar as costas para o cotidiano é abrir mão da possibilidade de uma inserção mais caótica no mundo das ações sociais, uma inserção ordinária e corriqueira – diferente daquela do especialista e do observador imparcial” (p.71).

Nas páginas seguintes, convido-os/as a adentrar o cotidiano do “Barão”, por meio de suas imagens e um pouco de sua história, segundo meu olhar e o recorte desta pesquisa.

2 A ESCOLA “BARÃO”

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade.
(FREIRE, 2017, p.111).

Os portões de uma escola ora permitem o acesso dos sujeitos, geralmente ao toque nada suave de um sinal, ora são trancados com grandes cadeados.

Como estava esse movimento de sujeitos nos primeiros meses de 2020?

Temos dois portões na rua principal da escola; um grande, por onde ao toque do sinal os estudantes saem da escola, e um menor, de entrada, que dá acesso à parte administrativa da escola e, mais adiante, ao pátio central. Na entrada da escola há sempre dois inspetores de alunos, um no portão de entrada (Figuras 1-2), para recepção, e outro no pátio, para cuidar dos que chegam antes do horário das aulas. Temos um intervalo curto entre as saídas dos turnos para organizar as salas de aula, e existe um combinado com os pais, funcionários e alunos, de que estes quando chegam não ficam na rua, adentram a escola; e os que saem, seguem para suas residências.

1 - Fachada da EMEF Barão de Piratininga em 2020



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

No início, essa proposta causou controvérsia por parte dos alunos e alguns funcionários, mas os pais aprovaram, entendendo-a como medida de segurança. Aos

poucos essa dinâmica foi incorporada no cotidiano trazendo benefícios, como a redução de conflitos que aconteciam na rua; os alunos entravam mais calmos e muitos passaram a cumprimentar os funcionários. Observou-se, ainda, redução no número de acidentes e mais segurança no controle de acesso de pessoas. Outras medidas incluíram café da manhã para alunos e reforma das mesas de jogos que ficam no pátio. Além disso, a equipe gestora intensificou o acompanhamento e atendimento de pais e alunos nesses períodos.

2 - Fachada da EMEF Barão de Piratininga em 2020



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O Pátio da Escola (Figura 3) é um espaço de convívio que deveria ser mais valorizado e reestruturado, o tempo que os alunos ali permanecem de maneira mais descontraída merece ser ampliado. Vinte minutos para comer, ir ao banheiro, beber água, conversar com os amigos, jogar, retirar livros na biblioteca, e/ou “fazer nada”, é no mínimo um desrespeito. Quem sabe pós-pandemia seja possível repensar os espaços e os tempos da escola, potencializando as relações sociais.

3 - Pátio coberto da EMEF Barão de Piratininga em 2019



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Eu gostava de participar dos períodos de intervalo, conversar com os alunos livremente. É nessa oportunidade que estabelecemos outros vínculos, nos aproximamos, desvendamos situações de vida que não aparecem nas quatro paredes de uma sala de aula. São pérolas que nos permitem entender o contexto de vida do aluno e organizar redes de apoio.

E como esse Pátio se transforma a cada instante de um dia! Ganha cores, sabores, cheiros; relações de amizade se constroem sem que os envolvidos se deem conta. Mesmo quando estou parada tentando fazer nada, refletindo minimamente, estou com pessoas por todos os lados. Estímulos sonoros, visuais, olfativos, sensitivos, a nos dizer que escola é intensidade, deixam marcas em nossas vidas; e o Pátio é o lugar do encontro, onde a aprendizagem acontece em outros diversos formatos. Nas Atividades Culturais, ele é transformado pelas ações e propostas, tais como: sarau, teatro, roda de conversa, dança, folclore, mostra cultural, mostra de comidas típicas, reunião de alunos e ou de pais. Considero esse local do conviver com o outro sem muitas regras como um dos espaços mais importantes da escola.

As primaveras, na fachada da escola (Figura 4), ficam em frente à janela do laboratório de Informática, foram plantadas ali para melhorar o clima da sala, que esquenta por conta das máquinas antigas e da incidência do sol em parte do dia. Além das primaveras, alunos e professores plantaram trepadeiras nas grades da frente da escola; madressilva, jasmim dos poetas, jasmim dos açores.

Há quem diga que deveríamos limpar “esse mato” da frente da escola, mas, as trepadeiras e suas flores quebraram o peso simbólico das grades, harmonizaram e embelezaram a frente da escola. (As minhas mãos estão nesta primavera da foto.)

4 - As primaveras da fachada da EMEF Barão de Piratininga em 2020



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Fundada em 1958 com o nome de “Segundo Grupo Escolar de São Roque”, na Avenida Brasil, a escola possuía apenas duas salas de aula, funcionando em dois períodos. Em 1959 já eram seis classes, em três períodos. Dado o crescimento da escola e aumento de estudantes, o então prefeito Engenheiro Mário Luiz Campos de Oliveira adquiriu um terreno na rua José Henrique da Costa, nº 252, no bairro Cambará, e construiu o prédio atual. A área pertencia a Antônio Malheiros e no local existia um campo de futebol.

Em 1962 foi inaugurado o Grupo Escolar “Barão de Piratininga”, com sete salas e nove classes. Em 1972, o nome foi alterado para Escola Estadual de Primeiro Grau “Barão de Piratininga”, em homenagem a essa figura pública.

Antônio Joaquim da Rosa, o Barão de Piratininga teve sua vida voltada para a política e para as causas da cidade; foi eleito vereador em 1845, aos 24 anos de idade, e tornou-se grande colaborador literário. Nesse ínterim, foi juiz municipal e de órfãos, delegado de polícia e nomeado presidente da Comissão Inspetora das Escolas, onde redigia ofícios e atas, destacando-se ainda mais pelas suas qualidades e

conhecimentos eruditos. Em 15 de julho de 1846, Dom Pedro II o nomeou cavaleiro da Ordem de Cristo (Santos, 2010, p. 107-34).

No ano de 1995 ocorreu, na Rede Estadual de Ensino, um programa de reorganização das escolas, conforme Decreto nº 40.473, publicado no Diário Oficial do Estado (DOE) em 21/11/1995 pelo então governador Mário Covas e a Secretária de Educação Teresa Roserley Neubauer da Silva (Rose Neubauer). O artigo 3º do Decreto apresenta a seguinte organização:

Artigo 3.º - Para a execução do Programa de Reorganização das Escolas da Rede Pública Estadual, o ensino fundamental e médio, regular ou supletivo, será oferecido, a partir do próximo ano letivo, em unidades escolares organizadas com classes de:
I - Ciclo Básico à 4.ª série;
II - 5.ª à 8.ª série;
III - 5.ª à 8.ª série e de 2.º Grau;
IV - 2.º Grau. (SÃO PAULO, 1995)

A escola Barão de Piratininga pertenceu à rede Estadual de ensino até 19 de novembro de 1999. Atendia à demanda do Ensino Fundamental, da 1ª a 8ª séries, tendo passado, em 1996 a atender alunos da 5ª a 8ª nos três períodos. Esses alunos vinham de diversos bairros da cidade, entre espaços urbanos e rurais. Dependendo da localidade da residência desses estudantes, os meios de transporte usados eram: caminhada, ônibus municipal e intermunicipal, kombis, vans e micro-ônibus.

Nesse período de expansão, a escola passou a receber estudantes para a 5ª série das unidades: Escola Estadual de Primeiro Grau Paulo Ricardo da Silveira Santos, Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Bernardino de Campos, Escola Estadual de Primeiro Grau Professora Maria José Ferraz Schoenacker, Escola Estadual de Primeiro Grau – rural – bairro do Saboó I, II e III e Escola Estadual de Primeiro Grau – rural – bairro do Santo Antônio de Baixo. Além disso, também eram encaminhados os estudantes que não conseguiam uma vaga em outras unidades perto de suas casas. Essas escolas atendiam as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental e o “Barão” oferecia as séries complementares.

É importante mostrar esse contexto por ser neste movimento de mudança que a Escola Estadual de Primeiro Grau Barão de Piratininga passa a enfrentar grandes desafios.

No ano de 1997, por meio do Decreto Municipal nº 2.413, de 19 de novembro, a escola foi municipalizada e seu nome passou a ser Escola Municipal de Ensino Fundamental “Barão de Piratininga”, cujo processo abordaremos mais adiante.

Atualmente, a Unidade Escolar ainda recebe estudantes oriundos de diversos bairros do município, atendendo-os do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno, tendo um total de 620 estudantes, 40 professores, 16 funcionários da administração escolar, dois coordenadores, um vice-diretor e um diretor.

Os estudantes do período diurno possuem uma carga horária de 6 horas/dia (5 dias/semana), totalizando 1.200 horas/ano. Os Componentes Curriculares são divididos em base comum (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, História, Geografia, Educação Física e Arte) e parte diversificada (Inglês e Informática).

A EJA possui uma carga horária de 4 horas/dia (5 dias/semana) - 400 horas/ano, com os Componentes Curriculares da base comum (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, História, Geografia e Arte) a parte diversificada (Inglês).

Como Atividades Complementares ao Currículo, possui aulas de Dança e Futsal para os estudantes do período diurno. Especificamente este ano não contou com as aulas de Música. Todas as ações primam por uma educação voltada à formação de seres humanos críticos, construtores de sua própria história.

Compõem a jornada de trabalho dos professores reuniões semanais e Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC).

Em 2008, iniciou-se a reforma de ampliação, cuja conclusão demorou mais de um ano. A escola ganhou novas instalações, passando a contar com dez salas de aula, laboratório de ciências, laboratório de artes, laboratório de informática, sala de recursos, sala de multimeios, pátios coberto e descoberto, quadra coberta - com vestiários, anfiteatro, sala de leitura (biblioteca), diretoria, secretaria, coordenação, sala de professores, inspetoria, banheiros para estudantes, banheiros para deficientes físicos, banheiros para funcionários, rampas que permitem a acessibilidade, cozinha, despensa de alimentos, almoxarifado, área de serviço, despensa de produtos de limpeza. A instituição possui uma área total de 7.445,45 m² e a área construída é de 2.408,72 m², sendo todos os espaços utilizados nos três períodos.

Com o passar dos anos de municipalização a demanda da escola foi mudando e ocorreu uma redução no número de estudantes que, com a ampliação de algumas escolas, passaram a ser atendidos/as em seus bairros de residência. Ficando como demanda para o período diurno os estudantes das escolas: Escola Municipal de

Ensino Fundamental Paulo Ricardo da Silveira Santos, do bairro Santo Antônio e Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Roque Verani, da Vila Aguiar. No período noturno recebe estudantes de toda a cidade, pois passou a atender a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Também recebe estudantes de outras localidades por opção dos pais.

Dando continuidade às mudanças no sistema educacional, o Governador Mário Covas e a Secretária de Educação, Rose Neubauer, instituem o “Programa de Ação de Parceria Educacional Estado Município” para atendimento ao Ensino Fundamental, decreto nº 40.673, publicado no DOE em 16/02/1996. O programa ocorreu por adesão dos municípios e foi formalizado por convênios.

O Prefeito de São Roque na época, Efanu Nolasco Godinho, foi um dos pioneiros na municipalização, incluindo neste primeiro convênio com o estado de São Paulo uma escola de 5ª a 8ª série que contava com 22 classes e 804 estudantes. Na Lei nº 2.413, de 19/11/1997 é criada a Escola Municipal de Primeiro Grau Barão de Piratininga e demais escolas dessa primeira fase.

A fala popular corrente no período era de que “o estado entregou de porteira fechada as escolas”, com seus bônus e seus ônus. Esse momento foi de muita tensão para toda comunidade escolar, já que as regras não eram claras para os professores e existia um clima de incertezas e medo. Para quem estava trabalhando na escola parecia que o município era um grande inimigo. Com um sentimento de perda e desconfiança, tivemos protestos nas ruas da cidade. Nesse período, eu trabalhava na Oficina Pedagógica da Rede Estadual como Assistente, na mesma cidade, e vivenciei o momento de transição.

Os governos determinaram e as escolas, com os seus sujeitos, foram entendendo esse novo sistema, reorganizando o seu cotidiano, desenhando os seus fazeres e, sem o apoio necessário, compondo o seu dia a dia.

O município não contava com uma estrutura adequada para receber essa nova demanda, tudo era muito precário. Foi como “trocar a roda com o carro andando”, tudo ainda a ser organizado no município, como a Legislação, reestruturação dos departamentos da prefeitura, dos quadros de funcionários, compreensão das verbas que o município iria receber e como efetivar o destino correto.

A pesquisadora Regina Célia Ferreira Fedele (2005), que foi professora efetiva da EMEF Barão de Piratininga, investigou em sua dissertação de mestrado, realizada na Universidade de Sorocaba, a municipalização do Ensino Fundamental na cidade

de São Roque no período compreendido entre 1997 e 2005. Essa pesquisa é um referencial na documentação de todo esse processo.

Em 1999 ingressam os primeiros diretores de escola e professores do Ensino Fundamental por meio de aprovação em concurso público municipal. Em seus quadros, as escolas municipalizadas de São Roque contavam com professores e funcionários efetivos da Rede Estadual (previsto no convênio de parceria), professores e funcionários efetivos do município e educadores contratados pela prefeitura.

No mesmo ano, a escola Barão de Piratininga tinha inúmeros desafios, como a indisciplina dos estudantes, falta de recursos humanos, material e financeiro, além da questão estrutural. Como o público atendido era juvenil e existiam disputas entre eles, os conflitos eram diários, parecia que tudo se resolvia ali e, para alguns, o vir para a escola representava o local do convívio social.

Como tudo foi muito rápido, com a reorganização e a municipalização da escola, o dia a dia parecia um caldeirão em constante ebulição. Não se pensou em um processo de adaptação entre os jovens, que eram advindos de diversos bairros da cidade e muitos em situações de vulnerabilidade social, como: liberdade assistida, dependência química, pobreza, falta de estrutura familiar, abandono e tantas outras situações de sofrimento.

2.1 Vozes que ecoam cotidianos no “Barão”

Na perspectiva de compreender essa natureza em processo, que é o intenso cotidiano escolar, trago algumas das narrativas do pessoal da escola que participou de importantes momentos do “Barão”. Aqui se reúnem, em *com-versas* (ROMAGUERA et al., 2021), nuances de verdades, devaneios, fantasias e delírios dos primeiros anos da municipalização. Caberá aos leitores/as interagir com elas, crendo ou não nos casos aqui narrados.

Certo dia, quando aproximávamos do horário de saída do período da manhã e entrada do período da tarde, começou um movimento de pessoas na frente da escola. Muitos desconhecidos, carros acelerando... Neste instante a escola já começou a ficar em alerta. Ao toque do sinal, os discentes saíram e um grupo de jovens e adultos cercou um estudante para espancá-lo, por ciúmes de uma garota. No mesmo momento, os funcionários da escola (inspetores e equipe gestora) se mobilizaram para conter a situação e funcionários da secretaria chamaram apoio policial. Um jovem caído no chão ensanguentado, cabeça próxima a guia, hematoma no olho... tudo aconteceu muito rápido, parecendo uma nuvem

pesada que se instala rapidamente e vai embora num piscar de olhos. Eram muitas pessoas, o que dificultou a identificação dos autores, mas a escola conseguiu rapidamente conter e dispersar o conflito, socorrer a vítima e chamar os responsáveis até a chegada da polícia.

Uma estudante do período noturno ficou descontente com a professora em uma situação de sala de aula. Essa educadora era muito calma, falava baixo e acreditou que tudo estava resolvido. Ela não tinha carro e neste dia não pegou carona com colegas. Após o toque do sinal, todos saíram e tudo parecia calmo. A professora seguiu em caminhada com os estudantes quando, no quarteirão abaixo da escola, a discente foi para cima dela e começou a arrastá-la agarrando-a pelos cabelos. Os demais estudantes prestaram socorro e conseguiram conter a situação. A agressora saiu com os cabelos da professora na mão e falava que batia até na mãe. Todas as providências cabíveis foram tomadas.

Certa feita, um discente do período noturno procurou a direção querendo fazer uma denúncia, mas sem se expor. Ele relatou que um estudante estava vendendo uma arma no banheiro. A escola não possuía telefone fixo ou móvel, somente um aparelho público (orelhão), mas que sempre estava em manutenção. De funcionários, dois inspetores, um jovem e um idoso, uma merendeira e a diretora. Os inspetores chamaram o estudante na sala, solicitaram que carregasse os seus pertences e fosse até a Direção. O estudante, menor de idade e bem abatido, os acompanhava e, ao entrar na sala, o inspetor fechou a porta. Ao ser questionado sobre os fatos, o estudante negou diversas vezes. Quando, de repente, ele tirou uma velha arma e colocou na mesa. O jovem inspetor, afoito, logo perguntou se a arma estava carregada. O estudante confirmou e retirou as balas do tambor. O discente desabou, falava da sua dependência química e da dívida com um traficante, afirmando que tinha que vender a arma até o final do período de aula e que o criminoso estaria na porta da escola para receber o dinheiro ou matá-lo. A situação era de desespero. O estudante olhava para a diretora confiando num acolhimento, ele estava totalmente perdido. A direção solicitou que um inspetor localizasse a família imediatamente. A mãe chegou pouco tempo depois. Permaneceram na sala a direção, inspetores, estudante e a mãe com um acompanhante. Na mesa estavam a arma e as balas fora do tambor. A mãe, com sofrimento, implorava que a deixasse levar o seu filho para que ele não morresse na mão do traficante, se comprometendo a tirá-lo da cidade e a iniciar um tratamento para dependência química. Na ebulição dos fatos, uma mescla de sentimentos que pairava entre quatro paredes: o que seria mais sensato? Entre ser racional e seguir a legislação, a direção optou por atender ao apelo de uma família amorosa. Foi solicitado que levassem o revólver e que cumprissem com o combinado. Comunicamos os professores sobre o ocorrido para que ficássemos atentos na saída da escola. Todos acharam que o assunto estava encerrado, mas era somente o começo. As balas do revólver acabaram ficando na sala da escola. No dia seguinte, a direção foi até a chefia para relatar o ocorrido e mais uma vez solicitar apoio para encontrar caminhos para conter a violência, entregou também as balas do revólver. A chefia ficou extremamente preocupada e se comprometeu a buscar alternativas para apoiar a escola. Uma vez por semana acontecia uma reunião no gabinete do Prefeito com todos os chefes de Departamentos e o responsável do Departamento de Educação, mobilizado com a situação de violência constante na escola e que se agravava diariamente, resolveu relatar a ocorrência com o revólver para conseguir o apoio necessário. No outro dia, o Promotor de

Justiça do Fórum de São Roque ligou para o Diretor do Departamento de Educação querendo providências previstas em lei para penalizar a direção da escola, que esteve em posse de uma arma de fogo e não chamou a Polícia. Sendo o Diretor do Departamento de Educação na época uma pessoa muito influente, moveu o que pôde para acalmar o Promotor - o que não foi nada fácil.

Situações de conflitos internos e externos eram uma constante nos três períodos da escola, principalmente nos horários de entrada e saída. Entre os problemas registrados estão o flagrante de uma bomba caseira no banheiro da escola, inspetora "levando voadora" de estudante, brigas nos corredores, um jovem que quebrou dezenove vidros de três salas de aula por concluir o curso, professor estressado perdendo a compostura, uso camuflado de drogas no interior da escola e inúmeras situações de violência.

Como a unidade ocupa um quarteirão, existia um movimento constante de jovens ao redor do prédio, invadindo a quadra. Eles também quebravam vidros das salas de aula jogando objetos e acertando estudantes e professores. Além disso, ainda pulavam para dentro e para fora do prédio e passavam coisas por espaços do muro e portão. Em um determinado dia ocorreu uma briga horrível na frente da escola durante a saída das turmas da manhã. Quando saímos para conter a situação, observamos que os grupos que estavam em conflito não eram estudantes do Barão de Piratininga, mas sim de outras escolas. Não eram sequer da rede municipal, mas haviam marcado a briga ali na frente para "aparecer" para as meninas.

E os desafios não paravam por aí. O mobiliário da escola era precário, nas salas de aula faltavam carteiras e cadeiras que, por conta do tempo de uso, quebravam com frequência. Uma cadeira quebrou em horário de aula com uma estudante sentada que, com o impacto, fraturou o cóccix. Faltavam materiais pedagógicos e de consumo, bolas para prática de Educação Física e não contávamos com recursos financeiros.

Mesmo diante de tantos contratempos e situações de violência, a escola nunca teve o perfil de expulsar estudantes, mas sim de os receber e acolher. Existia uma frase proferida por professores: "a natureza cria, o vento espalha e o Barão recolhe".

Entre os tantos problemas enfrentados pela escola havia, ainda, uma dívida de parcelas de uma máquina copiadora, Xerox do Brasil, adquirida para uso interno. Com o atraso nos pagamentos, os pais da Associação de Pais e Mestres (APM), o Diretor Executivo e o Diretor Financeiro tiveram seus nomes protestados. A direção que

assumiu de maneira provisória até o ingresso do concurso público foi orientada a não assumir essa dívida e cancelar a APM, alegando que a escola ainda era estadual quando efetivou a aquisição. Para resolver essa situação, tivemos que fazer um evento para levantar o dinheiro e saldar a dívida, retirando do protesto os nomes dos envolvidos e reativando a APM, uma vez que se trata de uma associação da escola e não do Estado.

Esse é mais um pequeno exemplo das inúmeras situações que não se sabia a quem atender, à qual legislação, estado ou município.

Diante de toda essa carga, a escola sempre teve um potencial educacional considerável, com estudantes que se destacaram e seguiram para a universidade. São vários os relatos de discentes que retornam para visitar a escola e contam suas histórias, relatando a importância do tempo vivido ali e demonstrando muito afeto por todas e todos. É frequente ouvir dos egressos que o sistema é diferente nas outras unidades, onde é cada um por si, sem a liberdade para conversar com as pessoas da escola e que não cuidam dos estudantes como no Barão.

O diferencial da escola é seu corpo profissional, comprometido com a educação. Um grupo que não está ali esperando passar os minutos do relógio e cumprindo o seu horário para seguir para casa aliviado. É evidente que a carga de trabalho de um profissional que atua com jovens de escola pública não é fácil, seja ele do quadro do magistério ou não. Exige muito estudo, compromisso, equilíbrio emocional, serenidade, coragem, discernimento, sabedoria, vontade e muita garra.

A escola pública recebe todos e todas em um cotidiano que é fascinante e desafiador, rico em diversidade. Em uma única sala de aula temos aquele que aprendeu a gostar de estudar, a inclusão sem laudo, o faminto, o rico expulso da rede privada, o usuário de drogas, o filho de família desestruturada, aquele que não tem água para tomar banho, o desprezado, o que sofre racismo, o vitimado pelo preconceito, entre tantas outras situações. Entre as quatro paredes da sala de aula, há uma representatividade da diversidade compõe a nossa sociedade.

Em muitas ocasiões diferentes, escolares ou não, ouvi de munícipes que em outros tempos (referindo-as às décadas passadas, desde o início de seu funcionamento), esta escola era diferente; que o corredor brilhava de tão limpo; que era organizada; que tinha uma excelente fanfarra que ganhou muitos troféus; que os alunos eram bons; que dali saíram muitos médicos, veterinários, dentistas,

empresários, profissionais importantes, pais e mães de família e que agora a escola é muito perigosa, que não teriam coragem de deixar seus netos e ou filhos no Barão.

Tais relatos nos remetem a uma escola do medo, repressora, na qual poucos ingressavam. Hoje a escola pública é direito de todas e todos, local da diversidade, da democracia. Essa escola múltipla criando imaginário popular um preconceito que é difícil reverter. No Barão, como em outras escolas públicas, é o esforço diário e coletivo, o cotidiano vivido intensamente, que vai desmistificando esse viés de que a escola boa é a escola do passado.

Essas falas disseminam uma fama ruim que se propaga entre professores, funcionários e munícipes por desconhecerem o trabalho realizado na escola. Os pais têm medo de matricular os seus filhos no 6º ano e falam, no momento da matrícula, que não possuem uma opção melhor.

Tivemos uma situação específica no mês de fevereiro de 2020 que nos permite constatar os fatos: a mãe transferiu tamanho medo para seu filho, que ele não conseguia ficar dentro da sala de aula, tinha dor de barriga, passava mal e a mãe precisava levá-lo embora. Depois de muitas conversas, a família entendeu toda a organização da escola, ficando muito satisfeita. Desempregada, e somente com o marido trabalhando para sustentar a casa, a mãe precisou pedir a transferência chorando e pedindo desculpas por ter falado sem conhecer. Pagariam uma mensalidade sem ter condições porque a criança ficava apavorada quando chegava o horário de ir para o “Barão”. Os professores, a equipe gestora e todos os funcionários se empenharam para trazer tranquilidade para essa criança e sua família, mas não foi possível.

Isso não é justo, não é coerente e não condiz com o ensinar-aprender que acontece na escola Barão; nesta escola, contamos com um corpo docente qualificado, concursado que, com muito empenho, amplia a visibilidade do processo educativo. Existe e persiste um trabalho sério acontecendo, de muito respeito com os alunos e que nos remete às sábias palavras de Paulo Freire,

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 2018, p. 26)

Decência e boniteza de mãos dadas, produzindo subjetividades numa perspectiva ética e estética. Essa é a postura que defendo na construção de uma

escola verdadeiramente pública. Intervindo e conhecendo o mundo, nas palavras do autor:

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. (FREIRE, 2018, p. 30)

A escola Barão de Piratininga reflete a história da cidade de São Roque. Não é possível comparar a escola pública do passado, de poucos anos atrás, com a que temos hoje ou com a que teremos no futuro. O mundo é outro, o estilo de vida mudou abruptamente, principalmente com a realidade que vivemos em 2020 - uma pandemia de COVID-19, a necessidade de isolamento social e do ensino híbrido.

Dentre os professores que atuaram com destaque, trago a inesquecível professora de Ciências, tinha dois cargos efetivos na mesma escola, estado e município, aposentou no Barão. Inteligente, organizada, ética, conhecedora de seu campo de atuação, preocupada com a saúde e com as questões ambientais, desenvolvia um trabalho impecável em sala de aula e suas ações testemunhavam a sua linha de pensamento. Todos aprendiam com ela. No intervalo, na sala dos professores, o seu corpo falava, a maneira de sentar-se, lavar as mãos, o lanche sempre com uma fruta, alimentação saudável, conversa com seus pares com ética respeitando a todos, pessoa e professora que levamos em nossa memória afetiva. Iniciou o projeto com o Instituto Federal de São Paulo (IFSP) com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na escola, após conquistarmos, na reforma, um laboratório para as aulas de ciências.

Quem viveu com a professora em seus anos de Barão é testemunha de seus atos. Na sua aposentadoria, fizemos uma homenagem. O professor de Informática, em uma brincadeira amorosa, se colocou como herdeiro da cadeira em que ela sempre se sentava, ficava na ponta da mesa da sala dos professores, mirando para porta.

A professora de Ciências? Uma pessoa inabalável. Justa, organizada, gentil, comprometida. Uma referência! Eu passei anos prestando atenção nas atitudes dela. Era a minha régua diante de todo o sistema: se algo incomodava a professora (fosse um aluno, um evento na escola ou uma ordem do Departamento), essa coisa merecia atenção especial. Acho que aprendi os limites com ela, do aceitável e do inaceitável. Todos os dias, dentro da Educação, engolimos sapos de alguma forma..., mas há sapos indigestos demais e, observando as atitudes dela, eu aprendi as fronteiras entre o aceitável e o inaceitável.

Sempre firme, sempre próxima, humilde, gentil e de um sarcasmo sofisticado, conseguia contestar, brincar, elogiar e expor o próprio cansaço sorrindo. Um sorriso cheio de significados. Sem exageros ou gargalhadas, mas permanentemente sorrindo na medida exata. Sua condução com as crianças era sempre firme ao mesmo tempo que acolhedora, em atitude de escuta e observação. Não tenho memória de alguma criança reclamando dela ou falando mal pelas costas. Ela sempre teve o respeito de todos, dos alunos do sexto ano aos gestores, passando por pais de alunos e funcionários da escola. Aquela cadeira é uma piada permanente e ao mesmo tempo uma memória saudosa, deliciosa e uma honra para mim. Uma lembrança constante do tipo de profissional que participou ativamente da construção da pessoa que eu sou. Ela é um amor, não uma paixão. Não vive de tempestades, é singela e constante, sem rompantes, mas persistente dia a dia.

Nossa, quanta saudade! Professor de Informática

Essa é uma pequena demonstração de como o corpo de trabalho foi se constituindo, com muita parceria entre os seus, com muito respeito aos estudantes, buscando entender se estavam se apropriando do conhecimento, respeitando o diferente e estando abertos para o novo. Com erros e acertos, uns mais habilidosos e outros menos, uns mais afetivos e outros durões, uns calmos e outros “sangue no olho”, uns criativos e outros repetitivos, uns reflexivos e outros impulsivos, uns leitores pesquisadores e outros nem tanto, fomos avançando como escola pública. Sempre com o foco em quem eram os nossos estudantes e no que eles precisavam para construir conhecimento.

Esse compromisso da equipe escolar com a educação e com um ensino comprometido com a autonomia também pode ser notado nas avaliações externas de que a escola participa, como a Prova Brasil, que é uma das dimensões para a nota do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

Em 2007 foi criado o Ideb pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), tendo como finalidade medir a qualidade do ensino. Foram estabelecidas metas bianuais diferenciadas para cada escola e rede de ensino com o objetivo de alcançar 6 pontos em 2022. O Ideb é calculado a partir de duas dimensões: a taxa de rendimento escolar (aprovação) obtida pelo Censo Escolar e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep (Prova Brasil)

Nos anos de 2007, 2009 e 2011, a EMEF Barão de Piratininga ultrapassou a meta projetada no Ideb. Em 2013, a meta projetada era 4.6 e a escola obteve 4.4.

O resultado de 2017 não foi divulgado. No dia do exame do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) daquele ano, ocorreu um temporal e muitos

alunos não conseguiram chegar à escola e, ainda que por uma diferença mínima, o número de participantes foi insuficiente para que o resultado fosse divulgado.

Nos anos de 2015 e 2019, o Barão atingiu a meta projetada. Destaque para o fato de que em 2019 somente duas escolas da rede municipal na cidade alcançaram a meta projetada para suas escolas.

Se observarmos o Ideb do município de São Roque e da Rede Estadual nesses anos observaremos que o Barão se manteve acima da média. O município alcançou a meta projetada em 2007 e 2009 e o estado, nos anos 2007, 2009 e 2011.

Deixando de lado os questionamentos sobre avaliações externas - se elas melhoram ou não a qualidade do ensino, se algo muda na realidade da escola, se atendem às necessidades do cotidiano escolar - quero pontuar que a unidade de ensino em questão alcança a meta e está avançando a cada ano, talvez não na velocidade desejada, mas mostrando mais uma vez que tem potencial.

No ano de 2009, na primeira reunião de planejamento, o corpo docente e a equipe gestora analisaram o resultado do Ideb de 2007 para definir as ações e metas. Vale, aqui, mencionar algumas delas:

[...] estimular e orientar os familiares para melhor assistir a vida escolar dos seus filhos; Atividades de recuperação paralela e contínua, buscando sanar de maneira imediata as necessidades do aluno; Estipular horário de estudo em casa para revisão dos conteúdos estudados em sala de aula; Orientação individual para os alunos; Estímulo à formação de grupos de estudo; Intensificar as atividades com a biblioteca escolar incentivando as atividades de leitura e pesquisa; Trabalhar com metodologias diferenciadas – conversação, filmes, músicas, atividades extraclasse, diversidade textual, exposição dialogada, novas tecnologias, entre outros; buscar parcerias para os projetos; trabalhar com temas transversais; Projetos interdisciplinares (BELLINI, 2014, p.152).

Essas ações e metas sempre permearam os diálogos da equipe da escola com os pais, os estudantes, o Conselho Escolar, o Departamento de Educação e com os demais parceiros. As principais dificuldades foram a aproximação dos familiares; a construção de leitores; fazer cumprir os deveres de casa; o cultivo do respeito mútuo; e o compromisso com a escola.

A reunião bimestral de Pais e Mestres, ao longo dos anos, foi um momento muito explorado pela escola para orientação, diálogo e apresentação do rendimento escolar. Infelizmente muitos responsáveis não comparecem a essas reuniões e o número maior de pais é dos 6ºs anos. É um procedimento da escola não levar para essas reuniões assuntos que exponham os estudantes, tratando os casos mais

delicados individualmente com os responsáveis, em conversas com professores e coordenação.

São realizados projetos com vários formatos para dar conta dessas metas, ações e dos conteúdos programáticos das disciplinas. É comum haver um grande projeto que se estende ao longo do ano e que é trabalhado por quase todos os professores, sendo exposto em novembro para comemorar o aniversário da escola e o término do ano letivo. Acontecem projetos envolvendo três a quatro áreas de conhecimento dependendo das necessidades das turmas e afinidade dos professores.

Refletindo sobre o conto “Os Músicos de Bremen”, dos irmãos Grimm, adaptado por Chico Buarque no ano de 1977, composto como a peça teatral infantil “Os Saltimbancos”, observamos que, ainda que com muito leveza, há no texto uma forte conotação política, na qual a Galinha representaria a classe operária; o Jumento, os trabalhadores do campo; o Cachorro, os militares; a Gata, os artistas. O Barão dos Saltimbancos, inimigo dos animais, seria a personificação da elite ou dos detentores do meio de produção. A história vivenciada pelos animais é a reprodução do contexto de uma escola pública no Brasil.

No Barão de Piratininga em São Roque, sendo uma escola pública, seus educadores/as lutam bravamente, classe incansável trabalhadora, sempre buscando desenvolver uma Educação que propicie aos oprimidos, filhos de operários e de trabalhadores do campo, ferramentas com que possam pensar e para reverter a situação de exploração, preconceito e de todo tipo desigualdade que está posta em nossa sociedade. A força de uma escola pública não temos como mensurar, mesmo porque cada uma tem a sua própria história e os seus sujeitos, mas podemos sentir essa força ilustrada no refrão de uma das músicas da peça:

Todos juntos somos fortes
Somos flecha e somos arco
Todos nós no mesmo barco
Não há para temer
- Ao meu lado há um amigo
Que é preciso proteger
Todos juntos somos fortes
Não há nada pra temer
E no mundo dizem que são tantos
Saltimbancos como somos nós. (Chico Buarque, Todos Juntos, 1977¹)

¹ Os Saltimbancos é um disco infantil com músicas compostas e arranjadas pelo compositor argentino, naturalizado italiano Luis Enríquez Bacalov, e adaptadas para o português pelo músico brasileiro Chico Buarque. Foi lançado no ano de 1977.

E é por isso que vale muito trazer umas pérolas preciosas do cotidiano da EMEF Barão de Piratininga como uma representatividade da riqueza e da força da escola pública brasileira.

A Construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) da EMEF Barão de Piratininga se estendeu por praticamente um ano, foram muitas conversas com todos os segmentos da comunidade escolar. Com a pretensão de aprimorar esse documento que reflete o plano integral da instituição, tomamos como base o livro de Vasconcellos (2004), que desenvolve essa temática. Sendo assim, o PPP engloba: Marco Referencial composto por Marco Situacional, Marco Filosófico e Operativo; o Diagnóstico que corresponde ao Conhecer a Realidade, Julgar a Realidade e Localizar as Necessidades; Programação que se concretiza com Programação, Observações Metodológicas e Como Fazer a Programação. Prevendo avaliação e reelaboração do projeto. O grande desafio era efetivar um PPP real, funcional, flexível, direcionado para a necessidades educacionais dos nossos alunos.

Mais do que sistematizar e disponibilizar ferramentas, esperamos, de alguma forma, poder estar colaborando para superar bloqueios e apontar caminhos, a fim de fazer do Planejamento um *Métodos* de Trabalho do educador (pessoal e coletivamente), que o ajude na tarefa tão urgente e essencial de transformar a prática, na direção de um ensino mais significativo, crítico e duradouro, como mediação para a construção da cidadania, na perspectiva da autonomia e da solidariedade. Que efetivamente deixe de ser visto como função burocrática, formalista e autoritária, e seja assumido como forma de resgate do trabalho, de superação da alienação, de reapropriação da existência. (VASCONCELLOS, 2004, p. 200, destaque do autor)

As reuniões com os segmentos de professores, funcionários, alunos e pais, alinharam a proposta da ação educativa, propiciaram trocas de saberes e nos mostraram a relevância da participação dos alunos, oferecendo a todos os participantes momentos riquíssimos. (Figura 5)

Quando existe abertura para o diálogo, para o encontro, a relação se transforma, os vínculos se firmam em respeito, confiança, em pertencimento ao instituído.

5 - Reunião de professores com estudantes representantes de classe na EMEF Barão de Piratininga em 2019



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Um dos grandes entraves que encontramos para compor o PPP é a falta de autonomia para realizar reuniões, o Calendário Escolar do sistema municipal de Ensino de São Roque é unificado, temos um ou dois dias no início do semestre para reunião pedagógica e depois o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPCs), com duas horas aula, nem sempre temos a totalidade de professores na mesma reunião, o assunto fica diluído em muitos encontros perdendo a essência. É necessário debater, trocar, delimitar, decidir, registrar, envolver a comunidade escolar e isso demanda tempo. Para conversar com alunos representantes de turma, o professor Conselheiro precisa deixar a sala de aula com um professor substituto. Temos as reuniões da Associação de Pais e Mestres (APM), Conselho de Escola e Conselho de Série, Classe e Termo, que participam ativamente, mas, são representantes dos seguimentos que precisam ouvir os seus pares para organizar o pensar do coletivo.

Em organizações democraticamente administradas – inclusive escolas – os funcionários são envolvidos no estabelecimento de objetivos, na solução de problemas, na tomada de decisões, no estabelecimento e manutenção de padrões de desempenho e na garantia de que sua organização está atendendo adequadamente às necessidades do cliente. Ao se referir as escolas e sistemas de ensino, o conceito de gestão participativa envolve, além dos professores e outros funcionários, os pais, os alunos e qualquer outro representante da comunidade que esteja interessado na escola e na melhoria do processo pedagógico. (LÜCK, 2001, p. 15)

Um outro aspecto desafiador foi o registro do PPP, os avanços foram significativos no envolvimento de todos para melhoria do ensinar-aprender, mas, temos que assumir que o registro precisa ser revisto, avaliado, atualizado e reescrito, para que toda a coletividade tenha clareza da proposta e demais ações. As falhas nos registros por falta de tempo e/ou mesmo por dificuldades para se colocar no papel o pretendido e o executado incorre em não deixar registrada a nossa história, o nosso fazer pedagógico coletivo, o registro do caminho que percorremos juntos.

6 - Equipe Escolar da EMEF Barão de Piratininga em 2019 – Sala de Leitura



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Todas e todos se envolvem nos projetos, participam das reuniões, apontam sugestões; o olhar do professor pode ser muito diferente das observações dos funcionários da limpeza, por exemplo, um aprende com o outro. Os funcionários da

limpeza, merenda e administrativo achavam que os projetos traziam a desordem, bagunça geral, que era matar aulas. Por isso as reuniões eram e são importantes, são esclarecedoras, dissipadoras de dúvidas, se levadas a sério e com compromisso. Entender, perceber, sentir a dinâmica de trabalho dos outros sujeitos constrói atitudes de respeito. Chegamos em 2020 com uma equipe conhecedora da importância dos seus saberes e fazeres na ação educativa. (Figura 6)

Quanto ao Trabalho Pedagógico, podemos destacar atividades que são de extrema valia para melhoria do ensinar-aprender, como: as orientações aos estudantes de como devem fazer as atividades, trabalhos com pequenos grupos, materiais diversificados que a escola disponibiliza (livros didáticos e paradidáticos, filmes, computadores, revistas, entre outros), projetos interdisciplinares, envolvendo temas transversais, preocupação com o conteúdo a ser ministrado, o responder com respeito às perguntas dos estudantes, o desenvolvimento de pesquisas na Sala de Leitura (biblioteca), orientação de estudos individualizada, recuperação contínua, recuperação paralela, conversa com pais e estudantes. Como nos ensina Paulo Freire:

Não há, nunca houve nem pode haver educação sem conteúdo, a não ser que os seres humanos se transformem de tal modo que os processos que hoje conhecemos como processos de conhecer e de formar percam seu sentido atual. O ato de ensinar e de aprender, dimensões do processo maior – o de conhecer – fazem parte da natureza da prática educativa. Não há educação sem ensino, sistemático ou não, de certo conteúdo. Ensinar é um verbo transitivo relativo. Quem ensina ensina alguma coisa – conteúdo – a alguém – aluno (FREIRE, 2011, p. 151-2).

As práticas educativas previstas no PPP acontecem em vários formatos e, geralmente, de forma interdisciplinar, com o objetivo de alargar as possibilidades de ensinar–aprender. Dependendo das necessidades educacionais e sociais da escola, outros projetos são definidos no planejamento e replanejamento. Alguns projetos perpassam anos e o seu fôlego vai até onde os seus interlocutores acreditarem na sua vibração positiva.

As propostas de trabalho acontecem com a colaboração e o diálogo do grupo envolvido, e o professor como mediador vai despertando o interesse dos alunos.

Temos tantas ações educativas, projetos realizados pela comunidade Barão de Piratininga, que é difícil selecionar alguns, mas, mesmo correndo o risco de ser injusta, deixarei aqui o registro de alguns. Vale ressaltar, como já mencionado, que os projetos são constantes do PPP num formato genérico, não demonstrando a grandiosidade, as

adequações e as avaliações deles. Alguns projetos foram registrados anualmente para anexar ao PPP, que tem sua vigência por quatro anos.

2.2 Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)

A cidade de São Roque tem o privilégio de contar com uma unidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, que possui um programa de concessão de bolsa de estudos para aprimorar a formação de seus discentes e contribuir para a elevação do padrão de qualidade da educação básica. Para tanto, o Instituto Federal, em parceria com o Departamento Municipal de Educação, selecionou algumas escolas para receber o programa, e o Barão foi uma das escolhidas. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é bem avaliado pelos alunos, pais e professores. Os bolsistas trabalham conjuntamente com os professores de Ciências, com tutoria dos professores do Instituto, dinamizando as aulas e o Laboratório de Ciências. Na reforma da escola, lutamos para ter outros espaços de aprendizagem, e o Laboratório de Ciências foi uma das nossas reivindicações. Podemos afirmar hoje que esta conquista trouxe um diferencial, as aulas são mais prazerosas.

2.3 Gincanas Pedagógicas

7 - Gincana Pedagógicas na EMEF Barão de Piratininga em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Vemos na figura 7, acima, o professor se permitindo, com bom humor, levar uma “Torta na Cara” de uma aluna durante uma gincana escolar. Essas oportunidades garantem diversão para todas e todos os envolvidos. Com formatos diferentes acontecem todos os semestres Gincanas Pedagógicas envolvendo todas as áreas de conhecimento, são atividades que incluem e não permitem exclusão de alunos. O objetivo é que todos num formato lúdico se apropriem do conhecimento. Um outro aspecto relevante é que essa atividade aproxima professores e alunos.

2.4 Merenda escolar – self-service

Uma outra conquista foi a aquisição dos carros térmicos para que os alunos pudessem se servir no horário da Merenda Escolar. Foi realizada uma campanha com os alunos e pais para compra de pratos de vidro temperado e talheres de metal, abandonando os pratos e colheres de plástico. Difícil foi convencer as autoridades, acostumadas a servir um prato pronto, acreditavam que os jovens iriam colocar nos pratos somente a mistura e que o garfo e a faca eram objetos perigosos. O self-service foi um sucesso, os professores elaboraram o projeto falando sobre alimentação saudável, reaproveitamento dos alimentos, obesidade, anorexia, respeito e redução do desperdício. Muitos professores e funcionários passaram a comer junto com os alunos.

Esse dia que aparece nas fotos abaixo (Figuras 8-9) foi um momento muito especial. Estávamos na Semana da Consciência Negra, com muitas atividades, teatro, música, poesia, e decidimos fazer uma feijoada. As merendeiras aceitaram, solicitamos ao setor da Merenda Escolar alguns gêneros alimentícios e autorização, os professores com a gestão completaram os gêneros para engordar a feijoada. Mas, não ficamos somente com a feijoada nos três períodos da escola, colocamos mesas e cadeiras no pátio para todos os alunos, professores e funcionários, comemos juntos, foi um dia memorável.

8 - Merenda escolar self-service em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

9 - Dia da Consciência Negra/ Feijoada coletiva / Almoçar todas e todos juntos 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

2.5 Projeto Dança

O Projeto de Dança sempre foi o orgulho da escola, aberto para todos os alunos como atividade complementar acontece fora do período das aulas. Não precisa ter o corpo perfeito, não precisa ter dinheiro para comprar roupas, pode dançar meio desengonçado, não ter ritmo, pode ter deficiência, existe para incluir, mostrar possibilidades. Nas aulas e apresentações temos que ir para quadra, pois o pátio não comporta o número de participantes, tanta é a aceitação do projeto. (Figura 10)

10 - Projeto de Dança na EMEF Barão de Piratininga em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

2.6 Multimeios

As relações entre os jovens no cotidiano escolar são permeadas por situações de preconceito e de práticas discriminatórias, muitas situações são veladas, quem sofre o preconceito, o abuso, se cala. Os professores fazem um diagnóstico entendendo o perfil das turmas e organizam projetos bem específicos, com o objetivo de compreender as diferenças, valorizar a diversidade e respeitar o outro como

gostaria de ser respeitado. Quando o projeto flui e o jovem assume o protagonismo se desvendam individualidades e se resolvem conflitos. Nessa foto abaixo (Figura 11), os jovens estão apresentando as suas pesquisas sobre o tema na sala de multimeios. Havia um aluno que estava totalmente isolado dos colegas por questões de gênero e com essa dinâmica ele recebeu apoio, percebeu que não estava sozinho e vislumbrou possibilidades.

11 - Professora de Português com alunos do 9º ano DA EMEF Barão de Piratininga em 2019



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

2.7 Projetos visitas externas

Tivemos dois projetos com viagens que só foram repetidas duas vezes. Uma para o Parque Estadual Turístico do Alto da Ribeira (Petar) em Iporanga e o outro para o Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba, na cidade de Ubatuba, ambos em São Paulo. Apesar das doações, trata-se de uma atividade de alto custo por conta principalmente do transporte.

No Petar ficamos alojados em pousada local e em Picinguaba no alojamento do núcleo Estadual. Um aprendizado inesquecível, em que percebemos que todas as áreas de conhecimento formam um único corpo, além de observar a natureza e compreender a sua importância. Sempre com monitoria dos parques, foram realizadas trilhas no meio da Mata Atlântica preservada, passando por rios, rochas, campos,

mangues, cachoeiras, cavernas e mar. Passeamos de barco e, ainda, fizemos um passeio turístico na cidade de Paraty, no Rio de Janeiro. No grupo tínhamos estudantes, merendeiras, professores e a direção.

No Petar cada caverna tem a sua beleza. Umas são secas, outras molhadas, algumas com cachoeira. A caverna Santana é considerada uma das mais belas do Brasil, é rica em espeleotemas - formações esculpidas nas rochas pela ação da água da chuva - e marcada por um rio que passa por dentro dela. Também observamos muitas estalactites, estalagmites e colunas de calcita. Dormir e acordar, fazer todas as refeições, preencher o caderno de campo, todos juntos no mesmo local são momentos muito especiais.

Picinguaba é outro presente da natureza. O mar, o rio, o mangue, a roda de conversa nas comunidades Quilombolas e do Campinho no Rio de Janeiro, com direito a oficina de cestaria e a trilha na cidade de Paraty com o professor de Informática, marcaram a memória de muitos estudantes. Estava no roteiro também fechar as atividades com uma visita monitorada no Aquário e no Projeto Tamar no Centro da cidade de Ubatuba.

12 - Merendeiras em Picinguaba 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Chegávamos das trilhas com muita fome e tínhamos já pronto um almoço maravilhoso, parecendo de restaurante cinco estrelas, pela diversidade, sabor e beleza, feito com muito carinho pelas merendeiras (Figura 12), que voluntariamente

sempre nos acompanharam nessas aventuras. Preparavam cinco refeições por dia e mais um “kit trilha”. Sempre alegres e com brincadeiras, elas tratavam todos com muito carinho – aliás, tenho a certeza de que esse era o principal tempero dos alimentos. Antes de nosso retorno para São Roque, sempre encontravam as famílias locais necessitadas para doar os alimentos que não foram utilizados durante o período do projeto.

Essas atividades de aprendizado despenderam um trabalho imenso antes da partida. As funcionárias da secretaria, a coordenadora e eu, enquanto diretora, sempre estivemos à frente de toda logística dessas atividades culturais e de outras. Atividades Culturais sempre aconteceram ao longo do ano por iniciativa dos professores para enriquecimento dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Especificamente no Petar e Picinguaba, o professor de Informática elaborou os cadernos de campo e os roteiros com o professor de Ciências e eu, Magda C. Fulan Bellini (como diretora). Além dos três, acompanharam as atividades extraclasse as professoras de Língua Portuguesa, Matemática e outro professor de Ciências.

Trago a seguir alguns momentos registrados em câmeras dentre os muitos registrados em nossa experiência, nossa memória e em nossos corações. (Figuras 13 -20)

13 - Praia da Fazenda em Ubatuba/SP em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

14 - Trilha do Cambury em Ubatuba/SP em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

15 - Estudantes do Barão em passeio educativo na cidade de Paraty/RJ em 2018



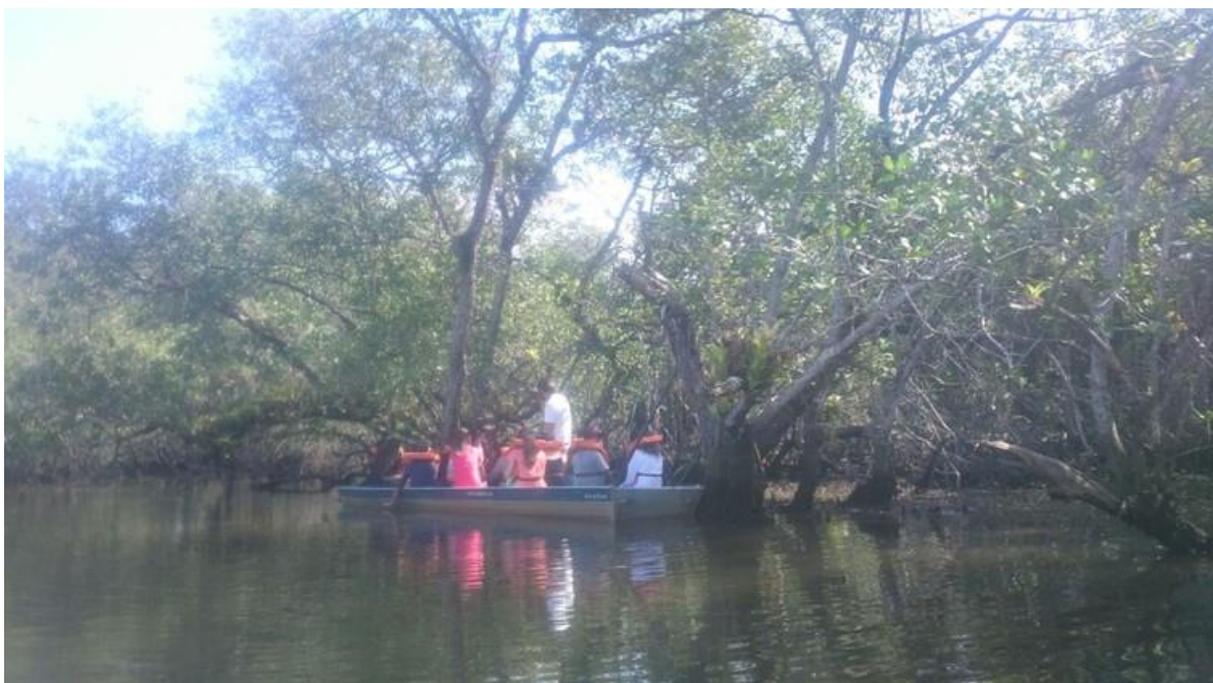
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

16 - Praia de Itamambuca em Ubatuba/SP em 2018

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

17 - Trilha no Mangue em Ubatuba/SP em 2018

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

18 - Trilha Fluvial em Ubatuba/SP em 2018

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

19 - Visita dos estudantes ao Projeto Tamar em Ubatuba/SP em 2018

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

20 - Aquário de Ubatuba/SP em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

2.8 Projeto Leitura

Um outro projeto marcante, iniciado pela professora de Língua Portuguesa, no ano de 2018 e que envolveu a escola inteira, foi a leitura do livro “Extraordinário”, escrito por Raquel Jaramillo Palacio (2013). Preconceito, bullying, direito de fala, respeito e ética apareceram fortemente neste projeto por ser uma necessidade de todas as turmas da escola. Aconteceram rodas de conversas maravilhosas, muitos textos produzidos pelos estudantes, desenhos e atividades bem diversificadas. Conseguimos com o cinema da cidade assistir ao filme “Extraordinário” (dirigido por Stephen Chbosky e lançado em 07/12/2017) com todos os estudantes, professores e funcionários. Os mais carentes foram apadrinhados, sem que ninguém ficasse sabendo. Conseguimos que a Guarda Municipal acompanhasse o trajeto e saímos em caminhada com 300 pessoas por período para o cinema, com direito a pipoca. As atividades foram expostas na Mostra de Trabalho no aniversário da escola com a monitoria dos estudantes.

Na sala de leitura, com a coordenação da Auxiliar de biblioteca, além de ser um dos lugares mais movimentados dos intervalos por conta de jogos de tabuleiro e retirada de livros, acontece o Clube de Leitura, em que os estudantes se inscrevem voluntariamente independente do ano que estão cursando. Neste mesmo espaço, que

acomoda até 30 pessoas sentadas, são realizadas atividades de leitura com os professores.

2.9 Projeto Resgate de Memórias

Um outro movimento interessante é o projeto de resgate de memórias (Figura 21) que acontece há alguns anos com os professores de Língua Portuguesa do período da tarde. Eles chamam antigos moradores para conversar com os estudantes e contar as suas histórias de vida. O assunto é trabalhado pelos professores com os estudantes, que pesquisam e elaboram questões para os convidados. É interessante observar a alegria e o encantamento estampado no rosto dos convidados após o encontro com os estudantes. Com toda certeza, os visitantes saem transformados.

21 - Projeto Resgate de Memórias na EMEF Barão de Piratininga em



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

2.10 Festividades e cuidados com a escola

A comemoração dos 60 anos da escola, que ocorreu em 2018, foi marcada pelo envolvimento de todas e todos da escola. Iniciamos as celebrações plantando uma árvore Cambará, espécie comum na região e que dá o nome ao bairro onde se localiza a escola. Na sequência, foi aberta a exposição dos trabalhos realizados ao longo do ano por toda escola, contações de histórias, poesia, fotos, pôster com a história da escola, músicos, coral, dança e teatro. A sala de leitura ganhou o nome do inspetor José Flausino, querido por todos e que faleceu em 2017. Os alunos que se

destacaram no ano ganharam a medalha de Honra ao Mérito Barão de Piratininga. Foi um momento marcado pelo envolvimento de pais, estudantes e ex-alunos, funcionários atuais e antigos, equipe gestora, professores e seus colegas de profissão, emocionados por serem lembrados pela escola. Tivemos também a presença do então Prefeito de São Roque, Claudio Góes. (Figura 22)

22 - Visita do Prefeito de São Roque, Claudio Góes, na comemoração dos 60 anos da EMEF Barão de Piratininga em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa comemoração dos 60 anos foi um marco histórico e teve uma adesão que nos surpreendeu, mesmo ao longo dos meses que antecederam o evento era notável a vontade e a disponibilidade dos sujeitos, efetivando ações, trazendo sugestões, participando na resolução de conflitos. Mas, esse movimento de assumir coletivamente a escola, de partilhar responsabilidades, se faz presente no cotidiano e não temos como precisar o seu início. Sem perder de vista a nossa essência educativa, de propiciar ao aluno o que lhe é de direito, o conhecimento historicamente constituído, os projetos e demais necessidades vão sendo supridos coletivamente.

Não se pode deixar de falar da participação da comunidade dentro do espaço escolar – uma conquista de dentro e de fora dos muros da escola. Na imagem abaixo (Figura 23) vemos um pai e sua filha disponibilizando-se a limpar o jardim da escola nas vésperas da festa, uma vez que a prefeitura local não veio fazer o serviço. Como aprendemos com eles! A humildade de quem lida com a terra, de quem entendeu que é parte desse processo, e fez toda a diferença.

23 - Família limpando o jardim para o aniversário de 60 anos da EMEF Barão de Piratininga em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Não existe mágica, receita, o passo a passo de um método que demonstre como realizar um trabalho coletivo no cotidiano escolar, as realidades são muito diferentes. Nós temos inúmeros problemas para efetivar ações coletivas, os pais são trabalhadores, grande parcela reside distante da escola, poucas oportunidades para reuniões e tantas outras situações. Entre erros e acertos estamos construindo um sentimento de pertencimento dos sujeitos nos destinos educativos da escola.

A Administração Escolar inspirada na cooperação recíproca entre os homens deve ter como meta a constituição, na escola, de um *novo* trabalhador coletivo que, sem os constrangimentos da gerência capitalista e da parcelarização desumana do trabalho, seja uma decorrência do trabalho cooperativo de todos os envolvidos no processo escolar, guiados por uma “vontade coletiva”, em direção ao alcance dos objetivos verdadeiramente educacionais da escola. Aí, a utilização tanto dos recursos materiais e conceptuais - através da “racionalização do trabalho” – quanto do esforço humano coletivo – pela “coordenação” – se dará não mais de forma autoritária

e exploradora do trabalho alheio, mas de maneira que, dominando os elementos naturais que lhe são postos à disposição, o homem, através de sua ação em colaboração recíproca e solidária com os outros homens, possa reafirmar sua autenticidade humana, no trabalho realizado de forma social, mas efetivamente livre (PARO, 2001, p.160 -161, grifo do autor).

A seguir, mais uma coletânea de imagens registradas durante algumas das inúmeras apresentações que aconteceram nesse dia de festa, todas dentro de um contexto histórico. (Figuras 24 -27)

24 - Apresentação do Projeto de Dança na comemoração dos 60 anos da EMEF Barão de Piratininga em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

25 - Apresentação realizada durante a comemoração dos 60 anos da EMEF Barão de Piratininga em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

26 - Apresentação do Coral na comemoração dos 60 anos da EMEF Barão de Piratininga em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Na foto de registro do momento, tivemos um bolo decorativo apenas (Figura 27). Mas, como em toda festa de aniversário, cantamos Parabéns e cortamos e servimos um bolo “de verdade e delicioso” com refrigerante para todo mundo.

27 - Comemoração dos 60 anos na EMEF Barão de Piratininga em 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

2.11 E então, a Pandemia

De repente, sem qualquer aviso prévio, sem tempo para compreendermos exatamente o que estava acontecendo – assim, de repente, o pátio da escola, espaço de tantos encontros, do abraço amigo, do aperto das mãos, do dançar juntos, do teatro, da poesia, do jogo, de rir e chorar, cantar, comer, de conviver, repentinamente se transforma, se organiza para distanciar as pessoas. E um novo momento, uma nova realidade se coloca à nossa frente, um novo desafio, desta vez um gigante desconhecido.

Nas figuras abaixo (28-29), nos vemos ali, funcionários e voluntários, com álcool em gel e equipamentos de segurança individual adquiridos pela escola, seguindo todos os protocolos de distanciamento para entregar as cestas básicas encaminhadas pela Prefeitura.

28 - Entrega de cestas básicas para estudantes da EMEF Barão de Piratininga durante a pandemia de COVID-19 em 2020



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

29 - Entrega de cestas básicas para estudantes da EMEF Barão de Piratininga durante a pandemia de COVID-19 em 2020



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

3 PESQUISAR COTIDIANOS ESCOLARES

Iniciei a minha carreira na área da Educação quando, no Ensino Médio, decidi cursar o Magistério, concluído no ano de 1985. Ainda jovem e imatura, fui me encantando pela área e no mesmo ano já iniciei como auxiliar de sala. Em 1987 assumi uma sala da Educação Infantil no Sistema Educacional Objetivo – Sorocaba/SP. Um momento muito importante da minha vida em que descobri que tinha escolhido a profissão certa.

Como sempre gostei de História, cursei Licenciatura Plena em História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Fundação Dom Aguirre, na cidade de Sorocaba, São Paulo, concluindo no ano de 1989. Antes do término do curso já estava trabalhando como estagiária. Lecionei na Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, como contratada, as disciplinas de História, Geografia, Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil

No ano de 1995 fui aprovada em concurso público e ingressei como professora alfabetizadora em uma escola rural na cidade de Mairinque, também no interior de São Paulo, e assumi como Diretora uma escola da mesma rede em 1996.

Nesse ano de 1996, quando assumi pela primeira vez uma gestão escolar, me deparei bruscamente com todas as demandas de uma escola carente de todos os recursos, era a Escola Estadual Rural do Bairro da Porta do Sol, na cidade de Mairinque. Situações complexas como questões administrativas, financeiras, pedagógicas, relacionais, estruturais, logísticas, entre tantas outras, que jamais havia imaginado existirem.

Em uma mesma sala se organizavam a direção; a secretaria, arquivo morto, depósito de materiais diversos, como edições do Diário Oficial desde a criação da escola; documentos de estudantes e professores desorganizados; materiais de consumo (alguns vencidos e outros que não foram distribuídos para os estudantes); papéis de todos os tipos; alpiste; veneno para rato; uma mesa com uma máquina de datilografia, tudo fechado sobrando um espaço mínimo para trabalhar. O quadro de funcionários era somente uma pessoa para direção e secretaria, um funcionário na limpeza e quatro professores. As mães faziam voluntariamente a merenda, com os gêneros alimentícios supridos pela prefeitura.

Com todo o ímpeto de quem está iniciando a carreira, organizo com os professores a primeira reunião de pais, pesquiso e verifico todos os itens da pauta

para não ter surpresas, confiro a definição do espaço para acomodar os pais sentados e pequenos detalhes para melhor acolhê-los. E chega o grande dia - abertura/apresentações, fala sobre a proposta pedagógica, abertura para sugestões e terminamos a reunião com aplausos. Estou na saída cumprimentando os pais, quando uma mãe bem humilde pede para conversar e me questiona – *A senhora poderia me ajudar? É que não tenho estudo e não entendi suas palavras.* Nesse momento percebi que meu vocabulário era adequado para um grupo de professores, mas não para aqueles pais de origem tão simples. Que ensinamento recebi daquela mãe recém-chegada da Bahia! Conversamos por um longo período para desvendar as palavras misteriosas, Ação-Reflexão-Ação; considero que esta foi uma oportunidade para rever e repensar minha prática.

Um outro aspecto impactante era o meio de transporte utilizado por três das quatro professoras. Elas iam para o trabalho pegando carona, com caminhoneiros na maioria das vezes, na Rodovia Castelo Branco, que passa pelo bairro. Residentes na cidade de Sorocaba, não tinham como arcar com o transporte. No meu caso, como morava em Mairinque, utilizava para chegar ao local, uma estrada de terra, impossível de trafegar em dias de chuva. Uma segunda opção era seguir para São Roque, pegar o acesso para a Rodovia Castelo Branco, sentido interior e pegar o retorno.

Ao longo da gestão, houve muitos avanços significativos, como a abertura de diálogo com o corpo docente, distribuição de cadernos e outros materiais para estudantes, além de pequenas reformas na estrutura física da escola.

Como venho de uma família humilde, sempre precisei trabalhar, acumulando por toda jornada profissional trabalho e estudo. Cursei Pedagogia com habilitação em Administração Escolar (concluído 1994), depois habilitação em Supervisão Escolar (concluído 1997), Psicopedagogia (concluído 1996), Pós-Graduação Mestrado em Educação (concluído 2005) e Gestão Escolar (concluído 2009). O momento mais difícil da minha formação foi no período do Mestrado, pois já estava atuando como Diretora de Escola de grande porte, tinha os meus filhos pequenos e ainda precisava dar conta da demanda de estudo e produção. Cheguei a pensar que não conseguiria terminar, mas consegui.

A dissertação de Mestrado intitulada “Aproximações sobre as origens do ensino público do município de Mairinque-SP”, orientada pelo Professor Doutor José Luís Sanfelice e concluída no ano de 1999, procurou resgatar a história da Educação no município, sua primeira escola, a fundação da cidade e o contexto social da época.

Descreve os dados que encontrei disponíveis, utilizando fontes escritas, orais e iconográficas. Encontrei muita dificuldade em pesquisar no arquivo morto da primeira escola e no arquivo da Diretoria de Ensino, uma vez que as condições de conservação eram precárias. Na tentativa de praticar a história oral, foram realizadas entrevistas com antigos moradores e alunos da primeira escola, que enriqueceram significativamente a pesquisa. Agradeço a todos os entrevistados, eles construíram a história de Mairinque, viveram o quanto foi possível. Essa pesquisa foi muito exigente, muito intensa, por vezes sofrida, mas tive a grande felicidade de ter como orientador um profissional de extrema competência, um ser humano maravilhoso, que fez a diferença em minha vida e que despertou o meu encantamento pela história da educação. Muito obrigada, Professor Sanfelice.

No ano de 1999 estava trabalhando como Assistente Técnico Pedagógico na Diretoria de Ensino de São Roque, quando fui chamada para ingressar em cargo efetivo na Prefeitura de São Roque como Diretora de Escola. Sendo assim, solicitei exoneração da Rede Estadual na qual trabalhava já há onze anos e seis meses e ingressei como Diretora da EMEF Barão de Piratininga, onde atuei até 2020 com muita dedicação e prazer. Nos vinte anos de rede municipal assumi por três vezes o Cargo de Chefe de Divisão do Ensino Fundamental no Departamento de Educação.

No ano de 2000 iniciei a minha carreira como professora do Ensino Superior na Faculdade de Vargem Grande Paulista, Região Metropolitana de São Paulo, no curso de Pedagogia e Letras, lecionando disciplinas na área de Projetos em Educação Ambiental, História da Educação, Gestão Escolar, Gestão em Espaços não escolares, entre outras. No ano de 2008 a Faculdade é adquirida pela empresa União das Instituições Educacionais de São Paulo (UNIESP), onde continuei como professora e assumi a coordenação do Curso de Pedagogia até 2017, permanecendo como professora até janeiro de 2018, quando ocorreu o fechamento da instituição.

No ano de 2018 ingresso no doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, com a orientação da profa. Alda Romaguera. Delimitei o projeto de pesquisa para o Doutorado em Educação em torno da temática *Bullying*; iniciaram as aulas com o Professor Reigota e o Grupo de Estudo Ritmos (Figura 30) coordenado pela professora Alda, e fui mudando o rumo da pesquisa.

30 - Encontro entre os grupos de pesquisa Perspectivas Ecologistas e Ritmos de Pensamentos 2019



Fonte: Arquivo Pessoal da autora.

Esse movimento da minha pesquisa é fortemente influenciado pela releitura do livro “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire (2018). Passei então a pesquisar as Práticas Pedagógicas que acontecem na EMEF Barão de Piratininga e que se destacam no processo educacional. Vale ressaltar que os quatro últimos anos do Ensino Fundamental sempre ficam à margem das propostas governamentais, é considerado informalmente nos corredores escolares como o “Patinho Feio” por não receber a devida atenção dos legisladores e suas políticas educacionais.

Durante os primeiros anos do curso de doutorado, alguns professores e professoras da equipe do Barão coordenada por mim, resolve escrever um livro sobre práticas pedagógicas por nós vivenciadas. O livro está em fase de edição, conta com 12 artigos e 18 autores; sou a organizadora, escrevo um artigo que tem como referência o livro “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire e participo de mais um artigo sobre o Estudo do Meio no Parque Estadual da Serra do Mar/Picinguaba/Ubatuba/SP.

Não tenho lembranças de ler Paulo Freire na graduação. Visitando as minhas memórias, o primeiro livro que li deste autor foi “Pedagogia como Prática da liberdade” (1992), sugerido por um professor que não era brasileiro, no curso de Pós-graduação

em Psicopedagogia que cursei em 1997. Posteriormente, quando trabalhei em um curso de Pedagogia, utilizei como referência da disciplina o livro “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire (2018) e “O que é Educação Ambiental” de Marcos Reigota (1994).

Paulo Freire sempre movimentou os meus pensamentos, mas foi nas aulas com o Professor Marcos Reigota durante o curso de Doutorado em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso), que ocorreu uma aproximação maior. Nas aulas onde refletíamos sobre os ensinamentos de Paulo Freire, parecia que ele estava presente na nossa roda de conversas, foram tardes inesquecíveis. Com o Professor Marcos foi possível vislumbrar que não devemos ficar estagnados nos escritos de Paulo Freire e sim dar passos largos para uma proposta de futuro, sempre com o compromisso com uma sociedade mais justa.

Freire não tinha a pretensão de criar teorias a respeito do cotidiano escolar, mas suas ações e a escuta da voz dos oprimidos, valorizando a construção de sujeitos históricos, possibilitou a leitura do mundo por meio da palavra com significativo acesso à leitura, à escrita e ao conhecimento historicamente constituído pela humanidade. Vivendo e acreditando que é possível uma sociedade mais justa, solidária, que homens e mulheres sejam entendidos como seres históricos, que todos devem se envolver nessa luta libertadora das amarras opressoras, Paulo Freire foi adentrando o universo das escolas, principalmente as públicas.

O referencial teórico de Freire dialoga com os cotidianos de uma escola pública, tais como cumprir a sua função social, como transformar a escola em um espaço de construção de conhecimento, pesquisa, diálogo, criatividade, reflexão, invenção, ética, experiência e vida.

Os livros “Pedagogia da Autonomia” (2018) e “Pedagogia da Indignação” (2016) nos conduzem, com muita sutileza, à reflexão sobre a prática educativa e a revisitar nossa ação pedagógica com foco no ensinar-aprender.

Como pesquisadora, desejo observar o ensinar-aprender que acontece no cotidiano da EMEF Barão de Piratininga em sintonia com as contribuições de alguns dos conceitos de Paulo Freire, verificando como se pode perceber, na ação pedagógica, a autonomia dos educadores. Tais observações se voltam para uma pedagogia que considera, com Freire (2018): a consciência de que somos seres inacabados; que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender; que devemos respeitar a história de vida do educando; que o diálogo é o

princípio, é possibilidade; que devemos ensinar o conhecimento de maneira significativa; que devemos ensinar os estudantes o “pensar certo”; que os educandos devem ser sujeitos na construção e reconstrução do ensinado, ao lado do educador, também sujeito de aprendizagem; que o ato docente demanda estudo e pesquisa constante; que a leitura do mundo e a leitura da palavra estão juntos; que as nossas ações devem ser éticas; e que a prática educativa deve ser em favor da autonomia do ser dos educandos.

Trago de Nilda Alves (2015), autora que se faz presente por conta das contribuições relevantes para o desenvolvimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos, estudos e pesquisas que mostram um pesquisar vivo, a importância de sentir os cheiros, os sabores e de ouvir as pessoas que vivem a escola. Para esta pesquisadora, notadamente referenciada no campo dos cotidianos escolares, a possibilidade de registrar o estudo de uma outra maneira, de trazer a história oral, as narrativas, abre caminhos para desvendar as nuances, para compreender o como se constrói o ensinar-aprender nas relações que se estabelecem no interior da unidade de ensino.

Pesquisar sem amarras, viver a escola e desnudar os fatos, ir além do olhar simplista e limitador que descarta violentamente o saber construído no cotidiano da escola. No livro “Nilda Alves: *praticantepensante* de cotidianos” (2015), a autora discute quatro aspectos que aponta como necessários para o desenvolvimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. É relevante neste momento trazer brevemente esses quatro movimentos descritos por ela e que pretendo, no quarto capítulo, analisar com as particularidades da pesquisa, sendo:

Primeiro – O sentimento do mundo

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades dos cotidianos escolares ou dos cotidianos comuns, exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade, buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário. ... só é possível analisar e começar a entender o cotidiano escolar em suas lógicas, através de um grande mergulho na realidade cotidiana da escola. (ALVES, 2015, p. 136)

Para apreender a “realidade” da vida cotidiana, em qualquer dos *espaçostempos* em que ela se dá, é preciso estar atenta a tudo que o que nela se passa, se acredita, se repete, se cria e se inova, ou não. (p. 137).

Segundo – Virar de ponta cabeça

Trabalhar com o cotidiano e se preocupar como aí se tecem em redes os conhecimentos significa, ao contrário, escolher entre as várias teorias à disposição e muitas vezes usar várias, bem como entendê-las não como apoio e verdade, mas como limites, pois permitem ir só até um ponto, que não foi atingido, até aqui pelo menos, afirmando a criatividade no cotidiano. (p. 139)

Terceiro – Beber em todas as fontes

[...] ampliação do que é entendido como fonte, discutindo os modos de lidar com a diversidade, a diferença e a heterogeneidade, dos cotidianos e de seus praticantes, tanto quanto suas múltiplas relações. [...] Beber de todas as fontes. (p. 1356)

Quarto – Narrar a vida e literaturizar a ciência

[...] entendo que é preciso outra escrita para além da já aprendida. Há assim, outra escritura a aprender: aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros, etc.) e que, talvez, não possa mais ser chamada de "escrita"; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa outra rede de comunicação, que indique, talvez, uma *escritafala*, uma *falaescrita* ou uma *falaescritafala*. (p. 145)

Uma pesquisa com um toque de ousadia que sai do padrão linear e objetiva contribuir para as ações educativas dos cotidianos escolares.

Nesta perspectiva, a necessidade é de conhecer um cotidiano escolar vibrante, vivo e de construção coletiva de uma escola pulsante na sociedade. Que seja perceptível para toda coletividade escolar e que a relação dos alunos com o conhecimento se efetive como um ato político.

Ao longo dos anos vividos na EMEF Barão de Piratininga, muitas situações de sala de aula, da relação professor-aluno, me chamavam a atenção. Do meu tempo de estudante de escola pública são poucas as lembranças de vivências prazerosas. Recordo sempre de ter muito medo na escola, do professor, do diretor, do inspetor e até da "loira do banheiro". Medo de errar e temor para realizar as atividades escolares. A professora que me alfabetizou era cruel, sempre com esmalte branco nas mãos - muitas vezes esmaltava as unhas em sala de aula - da mesa jogava o apagador na cabeça de quem tentasse falar, ao corrigir os cadernos nas carteiras quebrava a régua na cabeça dos alunos e arremessava os cadernos no quadro negro, depois a calma, sentava-se a sua mesa, abria uma latinha de pastilhas Valda, colocava uma em sua boca e ensinava os alunos a colar os objetos quebrados. Nunca esqueço quando ela mandou um colega na lousa e ele errou a atividade proposta, ela chutou o corpo dele com o seu tamanco, ele deu três pulos para frente e bateu o corpo na parede abaixo do quadro negro. Essa professora era reconhecida pela coletividade como excelente,

por ser muito severa. Para Paulo Freire (1992) seria a educação bancária, o autoritarismo de um ensino tradicional.

Esses medos caminham comigo ao longo da vida, na infância e adolescência esse sentimento traz insegurança e sofrimento. Acredito que só após os 30 anos que começo a compreender os motivos e a aprender a lidar com eles.

Tomando a liberdade de trazer meus medos que se transformaram em sentimento de insegurança para todas as situações da vida, pretendo demonstrar a importância das vivências escolares.

A EMEF Barão de Piratininga possui professores excelentes, mas não pelo autoritarismo e sim pela ação educativa.

Ainda como diretora da escola, juntamente com a coordenação da época, elaboramos uma pauta para reunião de Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC). A proposta era trocar experiências entre os docentes com os questionamentos já mencionados, planejamento das aulas, gestão da sala de aula e as questões que envolvem o ensinar-aprender.

Paulo Freire sempre me inquietou, as suas relevantes contribuições para a educação movimentam as minhas reflexões, causam um reboiço interior difícil de conter, depois a calma e novamente o efervescer. Refletir o livro Pedagogia da Autonomia observando o cotidiano escolar não é uma tarefa fácil. Esse livro em especial, de uma maneira ou de outra, acaba se fazendo presente como necessidade de uma nova leitura e foi o que aconteceu nas aulas que tive com o professor Reigota, as discussões acaloradas nos permitiram entender que devemos avançar, tomar o dito por Paulo Freire compreender o cotidiano e ressignificar a ação pedagógica.

O encantamento da Profa. Alda Romaguera pelo ensinar-aprender com o pensar de Paulo Freire, nos permite entender a vasta contribuição desse grandioso educador no cotidiano escolar.

A partir daqui, trago diálogos de educandos e educadores sobre o cotidiano escolar, com a perspectiva de analisar práticas pedagógicas e seus reflexos no ensinar-aprender. Observando e conversando com discentes, docentes, coordenadoras, da EMEF Barão de Piratininga, foi possível elencar aspectos positivos e negativos desse cotidiano escolar, bem como delimitar os pontos fortes e os desafios que a escola necessita enfrentar para alcançar uma prática político-pedagógica ética e responsável.

Como a ferramenta é a dialogicidade e a reflexão sobre as práticas pedagógicas no interior da escola, seleciono uma das obras de Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*, para ser o disparador pulsante do trabalho.

Com os discentes, fiz rodas de conversa, cada uma com 20 educandos, em dois momentos, misturando estudantes de todos os anos do período diurno da escola. As rodas de conversa foram supervisionadas separadamente pela coordenação, direção e professores. O Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) dos docentes foi palco das reflexões sobre a ação pedagógica em sala de aula e seu planejamento.

O que pensam os educandos sobre a escola? Conseguem identificar se avançaram na apropriação do conhecimento? O que mais gostam na escola? Em que momento se sentem desrespeitados?

Iniciei informando que a proposta era dialogar para analisarmos juntos o caminhar da escola e definirmos as possibilidades de melhoria, explicando que o objetivo não era de punição e sim de aperfeiçoar as práticas escolares.

Demorou um pouco para iniciarmos a conversa até que os estudantes percebessem que podiam confiar na proposta. Depois falaram tanto que foi necessário marcar uma nova data para ouvirmos todas as contribuições. A conversa aconteceu com respeito e seriedade, falavam baixo com receio que fossem ouvidos do lado de fora da sala; com propriedade, discutiam entre os seus pares assuntos pertinentes ao ensinar-aprender, sobre a relação educadores-educandos, os serviços prestados pela escola e todo o seu cotidiano. Uma experiência muito rica, os estudantes nos surpreenderam.

O mais interessante e persistente nas falas foi que o que eles mais gostam na escola são as pessoas: professores, funcionários e equipe gestora. Afirmam que tem uma ou outra pessoa com expressão carrancuda, fala áspera e que procuram manter um distanciamento.

Quando questionados sobre o aprender-ensinar, os educandos descreveram a prática de alguns professores, que, a seguir, serão intercaladas com frases de Paulo Freire.

A professora de português passa a pauta na lousa, espera os alunos copiarem, depois explica passo a passo e pergunta o porquê não entenderam, conversa para entender a dúvida do aluno. O jeito que ela fala mostra que deseja que o aluno realmente aprenda. (Aluno do 8º ano)

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2018, p.25)

O professor de matemática vai fazendo o passo a passo na lousa perguntando para os alunos o que e como deve ser resolvida a questão. Depois pede que façam sozinhos e digam onde está e qual é a dúvida que apareceu na hora de realizar a tarefa. Também faz a correção da prova junto com os alunos apontando as dúvidas mais frequentes. (Aluna do 9º ano)

O professor de matemática [outro professor] faz a correção brincando com os alunos, passa de carteira em carteira para saber se tem dúvida. (Aluno do 6º ano)

As professoras de português trazem músicas para lembrar das regras gramaticais. (Alunas do 8º e 9º anos)

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (p.30-31)

Sempre faz roda de conversa para ajudar na resolução de problemas. (Aluna do 7º ano)

Gosto muito dos projetos de dança, de leitura e os que são desenvolvidos em sala de aula. (Aluna do 8º ano)

Tenho dificuldade em matemática e consigo entender. A professora explica, coloca as coisas na lousa, pauta, fala, passa exemplos e depois eles fazem na lousa e só depois fazem sozinhos. Depois faz a correção. (Aluno do 7º ano)

A professora de português é igual, escreve a pauta, fala, passa os exercícios e depois corrige, faz a correção na lousa, algumas coisas não entendo, pergunto e ela explica novamente. Sabe conduzir a aula e a disciplina. (Aluno do 9º ano)

Os professores são compromissados e excelentes, melhor que na escola particular que estudei desde pequeno. (Aluno do 8º ano)

A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido. (FREIRE, 2018, p.110)

Foi possível identificar práticas pedagógicas alinhadas com o pensar certo enfatizado por Paulo Freire.

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. (p.30)

Com muito respeito e seriedade, os estudantes delimitaram situações negativas vividas em sala de aula e deram sugestões de como poderiam ser bem diferentes e ricas em aprendizagem.

Por que não estabelecer uma "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (p.32)

Às vezes por falta de explicação, cópia de textos sem explicação. Só a leitura fica difícil fazer a relação com a vida cotidiana. (Aluna do 8º ano)

Falta mais participação do professor para situar o que está ocorrendo, a causa e o porquê do que está sendo trabalhado. (Aluno do 7º ano)

Professora coloca a pauta, passa a tarefa, mas não explica o conteúdo. (Aluno do 6º ano)

Os professores falam demais e acabam confundindo durante a explicação. (Aluna do 7º ano)

A professora dá visto sem fazer a correção dos exercícios e sem verificar se os alunos aprenderam realmente ou se responderam corretamente. (Aluno do 9º ano)

Quando passa para copiar o livro, fala sobre outros assuntos e não explica a matéria. (Aluno do 6º ano)

Matéria que caiu na prova não foi a matéria trabalhada durante o bimestre. (Aluna do 8º ano)

O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do "faça o que eu mando e não o que eu faço". Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo. (FREIRE, 2018, p.35)

Pede para copiar as coisas do livro e não explica o que estão fazendo. (Aluno do 7º ano)

A professora não gosta de escrever na lousa e acaba ditando. Ela se perde, acaba explicando errado e confundindo ainda mais os alunos. (Aluno do 8º ano)

Os alunos não a respeitam, brincam demais, fazem bagunça e atrapalham a aula. (Aluna do 9º ano)

Os alunos não a respeitam. Ela para a aula muitas vezes para conversar com os alunos sobre o assunto, explicando a sua matéria e a importância. (Aluna do 6º ano)

A professora às vezes trabalha e ensina, mas outras vezes enrola. Quando está bem a aula flui bem, quando chega brava acaba descontando naqueles que não ficam quietos. Ela se altera demais e não consegue ver quem aprontou. (Aluno do 8º ano)

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. (p.111)

Ao ouvir esses relatos, torna-se importante destacar que nem sempre os educandos recebem dos educadores o conhecimento historicamente constituído. Não se trata de generalizar as condutas desses profissionais da educação, nem tampouco de julgá-las. Se observarmos a situação escolar mais ampliada, constata-se que em nosso país ainda é frequente nos depararmos com professores e professoras que passam horas em uma sala de aula e não são motivados e orientados para construir conhecimento, para pesquisar, para aprender a pensar. Nesses casos, pode-se afirmar que o direito à educação está sendo negligenciado.

Com muito cuidado e respeito, os discentes definiram o perfil de cada docente durante a conversa, fizeram a leitura e descreveram a dinâmica da escola.

Os apontamentos relatados pelos educandos nos trazem a responsabilidade de refletir sobre a ação educativa, de planejar e replanejar, compreender o percurso de aprendizagem dos educandos, de reunir os professores para trocar experiências e identificar o que temos de melhor e ressignificar os pontos em que estamos falhando. Refletir sobre a prática requer conhecimentos teóricos, teoria e prática caminham juntas, o docente precisa identificar qual teoria está presente em sua prática.

Conversar com os estudantes de maneira informal, quebrando barreiras, foi uma experiência muito gratificante e me permitiu olhar a prática escolar com outros olhos. Fica evidente a importância de ouvir os alunos.

Os educandos conseguem filtrar as ações dos professores em sala, percebem os mínimos detalhes, se existe compromisso ou não com o ensinar e aprender, se o professor tem conhecimento do conteúdo a ser ministrado, se preparou a aula ou está somente improvisando.

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática, eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que

dele ou dela fazem os alunos. E o pior talvez dos juízos é o que se expressa na "falta" de juízo. E o pior juízo é o que considera o professor uma ausência na sala (FREIRE, 2018, p.64).

Ao planejar a aula, o educador deve considerar desde o momento em que entra na sala de aula, esse primeiro contato, conquistar o educando para que ele acredite na relevância daquele conteúdo e queira aprender, apresentar o que será ministrado, definir um roteiro pensando no tempo cronológico da aula, elaborar estratégias para que o educando aprenda a pensar, relacionar, questionar criticamente e se apropriar do conhecimento como sujeito no processo educativo. O educador tem a necessidade de pesquisar continuamente, incansavelmente buscando aquilo que ainda não sabe, ampliando as possibilidades de um ensinar-aprender significativo.

O educador que tem um brilho no olhar, que gosta do que faz, que cativa, que respeita os saberes construídos pelo educando no convívio social, que desperta o prazer nos estudantes em pesquisar e aprender criticamente, que vai até o educando para ouvir e compreender o seu percurso na construção do conhecimento, consegue ser um diferencial no processo de ensinar - aprender, se posiciona como um educador democrático.

[...] ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele. (p.117)

O diálogo com os educandos denuncia que o ensino tradicional, a educação bancária conforme Paulo Freire, ainda faz parte do cotidiano escolar da EMEF Barão de Piratininga e certamente de muitas escolas. Mas estamos em um outro momento histórico e pelo menos parte dos discentes a identificam como inadequada. Esses discentes não estão passivos, criticamente exercem o seu poder de fala, se posicionam, reivindicam melhorias nas aulas, querem aulas desafiadoras, desejam se apropriar do conhecimento. Mostram que podemos ter esperança, acreditar na possibilidade de uma sociedade igualitária, sem preconceitos, sem discriminação.

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos, em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que educadores e educandos saibam que sua postura é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto ouve. O que importa é que professores e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma "cantiga de ninar". Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 2018, p.83-84)

O objetivo primordial da EMEF Barão de Piratininga é que seus educandos aprendam e que o conhecimento construído ao longo dos ciclos de aprendizagem lhes proporcione um viver, um atuar com autonomia na sociedade. Sendo assim, temos que aprender a ouvir os estudantes, o que eles pensam sobre o ensinar-aprender, quais as sugestões, saber se eles conseguem identificar quando e como aprendem.

Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele. Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo? (p.75)

Em um dos momentos de HTPC, as coordenadoras da escola registraram alguns posicionamentos dos educadores sobre o ensinar-aprender. O diálogo aconteceu com um contorno ameno, uma conversa suave, verdadeira e interessante.

Quando penso em aprendizagem é necessária uma aproximação com o aluno; no sentido de observar as expectativas deles, a fim de atingir a aprendizagem. Para isso se faz necessário usarmos de diversos meios, instrumentos de ação e de avaliação. (professora de Língua Portuguesa)

Os conteúdos foram aplicados e complementados com temas atuais: exercícios, pesquisas, maquetes e outros, porém alguns alunos não evoluíram na mesma proporção, sendo necessário retornar no 2º semestre alguns conteúdos e alguns temas para que todos possam acompanhar os conteúdos do 3º bimestre. (professora de História)

Os alunos apresentaram melhoras no ensino-aprendizagem, assim como meu relacionamento com eles (oitavos anos), ainda estou buscando estratégias para motivá-los mais. O projeto contra o bullying tem sido muito importante para resolução de alguns conflitos. Tenho cobrado diariamente a tarefa de casa. (professora de Língua Portuguesa)

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história. [...] Gosto de ser gente porque,

mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. (FREIRE, 2018, p.53)

Dentro do quadro educacional que presenciamos, e com a clientela disponível, percebo que meu trabalho tem melhorado à medida que vamos enfrentando as situações diárias, adquirimos experiência e isso aproxima e faz a diferença. Quanto ao ensino-aprendizagem, não tenho dificuldade quanto aos conteúdos, pois conheço bem, por isso procuro passar, esse conhecimento de maneira simples e útil, que possa atingir as necessidades reais dos alunos. (professor de História)

O trabalho durante o 2º bimestre foi satisfatório, o conteúdo foi cumprido parcialmente, alguns conteúdos deverão ser retomados no 3º bimestre. Foram aplicadas várias atividades, inclusive algumas de recuperação, já que alguns alunos necessitavam recuperar conteúdos e/ou atividades perdidas. Houve muita cobrança em relação às atividades para que nenhum aluno deixasse de realizá-las ou entregá-las e isso teve um efeito positivo, pois houve redução nas notas abaixo de 5,0. (professora de Matemática)

Quando saio de casa para trabalhar com os alunos, não tenho dúvida nenhuma de que, inacabados e conscientes do inacabamento, abertos à procura, curiosos, “programados, mas para aprender”, exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo nos façamos. (FREIRE, 2018, p.58)

A importância de desenvolver um bom relacionamento com os alunos e motivá-los sempre que for possível, trazer atividades diversificadas. (professor de Matemática)

Apesar de o conteúdo requerer mais atenção dos alunos, a maioria demonstrou interesse em aprender e isso, para mim, foi muito importante. (professor de Ciências)

Apesar de termos alunos com dificuldades de aprendizagem, consegui trazer atividades diferenciadas, as quais tiveram boa aceitação por parte deles. (professora de Geografia)

O trabalho pedagógico bem desenvolvido, de maneira a interagir com eficiência e eficácia, melhorando a cada dia o ensinar-aprender. (professora de Educação Física)

Aulas práticas, teóricas e bem diversificadas. Aulas com começo, meio e fim. Aulas bem elaboradas e organizadas, pensando nos alunos, na sua aprendizagem. (professora de Matemática)

Gostei quando a coordenadora assistiu às minhas aulas. Acho que essa prática poderia acontecer de vez em quando: alivia a rotina da coordenação, aproxima relações com as salas e pode apontar pontos positivos/negativos da condução do professor. (professora de Inglês)

Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A

"dodiscência" – docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por esses momentos do ciclo gnosiológico (FREIRE, 2018, p.30).

Os conteúdos planejados estão em dia. Tenho variado a metodologia conforme as características das turmas. Paralelamente aos conteúdos e relacionados a eles tenho desenvolvido os projetos. Pretendo ampliar o tempo de experimentação na quadra, procurando esclarecer na prática alguns conceitos, ao invés de dispendar maior tempo em sala. Um grande desafio é fazer com que alunos que gostam de um tipo de prática passem a experimentar e gostar de outras. (professor de Educação Física)

Foi trabalhado o projeto de leitura na biblioteca onde a cada leitura, mais alunos se prontificaram a ler. Os alunos produziram vários textos ao longo do bimestre e 'tomaram gosto' em apresentar suas produções para os colegas, criando um ambiente mais amigável e ajudando com que os alunos mais tímidos ficassem mais desinibidos. (professora de Língua Portuguesa)

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (p.47)

Trabalhei sobre a Copa do Mundo na Rússia e Matrioska. Juntamente com professores de outras matérias. Graças à colaboração de todos, os trabalhos ficaram muito bonitos. (professora de Arte)

É necessário buscar para o próximo semestre uma ampliação do olhar dos estudantes sobre si mesmos e as relações existentes na escola. (professor de Educação Física)

Ressalto que é preponderante contar com profissionais comprometidos com o processo de construção do conhecimento dos educandos e com o seu processo de formação continuada. E isso é possível observar nos diminutos fragmentos aqui registrados.

De acordo com Paulo Freire:

Os educadores e as educadoras progressistas coerentes não têm que esperar que a sociedade brasileira global se democratize para que elas e eles comecem também a ter práticas democráticas com relação aos conteúdos. Não podem ser autoritárias hoje para ser democratas amanhã. (FREIRE, 2011, p. 157)

Nas falas dos educandos podemos observar que eles sabem identificar o perfil de cada educador que por eles passam e quais experiências educativas são um diferencial para o seu aprendizado. É possível verificar o quanto é valorizado o

docente que, comprometido, busca mecanismos para que o educando aprenda realmente, está próximo, acessível, presente na vida escolar.

Os professores que de certa forma estão acomodados - aqueles mais tradicionalistas ou, ainda, desmotivados - ficam perceptivelmente incomodados com os projetos acontecendo, com as aulas bem-preparadas narradas pelos colegas, com a proximidade dos alunos e esses professores mais dinâmicos. Ao longo dos anos alguns professores, de tão incomodados que ficam, acabam revendo a sua prática, revisitando o seu fazer pedagógico e efetivando mudanças, mas isso não ocorre com a totalidade dos docentes.

Planejar as aulas com foco no educando, pesquisar, refletir sobre a teoria que norteia o seu trabalho e como os discentes estão respondendo ao planejado, ser ético, comprometido com as questões de ensinar-aprender, são esses, dentre outros tantos elementos identificados nas falas e ações dos professores, que marcam a sua resistência de "Ser Professor" que pensa certo nessa sociedade tão adversa a sua profissão. Não estão acomodados, educadores progressistas, são força ativa na busca de uma sociedade mais igualitária, liberta do preconceito e discriminação.

4 ANO 2020: UMA DESCONSTRUÇÃO DOS COTIDIANOS

Efetivamente, sempre existe alguma distância entre o acontecimento e a consciência de sua significação; o conhecimento é mais lento do que o imediato: “O pássaro de Minerva (da razão) alça voo no crepúsculo. (Hegel).

O presente não é perceptível senão na superfície. Ele é trabalhado em profundidade por galerias subterrâneas, por correntes invisíveis, sob um solo aparentemente firme e sólido (MORIN, 2013, p.19).

No final do ano de 2019 ganhou destaque mundial na mídia impressa, falada e televisiva o alerta do perigo de um novo vírus SARS-CoV-2, com letalidade média de 5%, mas com possibilidade de contaminar um número elevado de pessoas em um curto espaço de tempo. De acordo com a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS, 2020), foi detectada em Wuhan, na China, uma pneumonia de causas desconhecidas e, sem que o mundo compreendesse a gravidade do momento vivido, o novo coronavírus e a doença causada por ele, a chamada COVID-19, invadiram de forma avassaladora todos os continentes.

[] em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Os coronavírus estão por toda parte. Eles são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. Ao todo, sete coronavírus humanos (HCoVs) já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19 (OPAS, 2020).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou em 30 de janeiro de 2020 a Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional e, em 11 de março de 2020, que a disseminação comunitária da COVID-19 em todos os continentes a caracteriza como pandemia. (OPAS, 2020)

O primeiro caso detectado no Brasil foi em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo, em um homem que chegava de viagem da região da Lombardia, Itália. (UNA-SUS, 2020)

Em outubro de 2021 são milhões de pessoas mortas, e o número de infectados no mundo ainda cresce, caracterizando esta como a maior das pandemias da história.

Com um agravante, segundo a OMS, 80% dos infectados são assintomáticos, ou seja, não apresentam sintomas veiculados pelo vírus, mas ainda assim são transmissores.

O vírus responsável pela COVID-19 se espalha por vias aéreas, por meio do contato direto, indireto (através de superfícies ou objetos contaminados) ou próximo (na faixa de um metro) com pessoas infectadas, através de secreções, como saliva e secreções respiratórias, que são expelidas quando uma pessoa tosse, espirra, fala ou canta. As gotículas infecciosas entram pela boca, nariz ou olhos da pessoa exposta (OMS, 2020).

Para minimizar o avanço da COVID-19 são recomendadas algumas ações: distanciamento social - as pessoas devem ficar em casa para não serem infectadas, reduzir ao máximo o convívio social, evitar o contato físico com pessoas fora do seu grupo familiar; isolamento e tratamento dos casos confirmados; fazer testes massivos. Ao longo do tempo, outras orientações de prevenção foram surgindo: o uso de máscaras, lavar as mãos com frequência com água e sabão, uso de álcool gel 70%, cobrir a boca com o antebraço quando tossir ou espirrar, manter pelo menos um metro de distância das outras pessoas, higienizar tudo antes de entrar em casa (OMS, 2020).

O ano de 2020 será inesquecível - desespero, tristeza, dor, perdas, desemprego, fome, falta de leitos e respiradores nos hospitais. Um quadro de pânico generalizado e sem possibilidades de planejamento. Os hospitais rapidamente ficaram lotados e pessoas morreram ao redor do mundo sem nenhuma assistência por falta de leitos e de respiradores. A BBC News Brasil, noticia o colapso funerário na cidade equatoriana de Guayaquil (ZIBELL, 2020). Corpos retirados das casas pelos familiares eram deixados nas calçadas das ruas à espera de iniciativas do poder público, cenário antes visto somente em grandes guerras.

Com as possibilidades da era da tecnologia, recebemos as informações em tempo real, mas, mesmo assim, a realidade chinesa parecia muito distante da do ocidente, como observamos no ensaio publicado por Arruda, intitulado “Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19”:

Ainda que no mês de janeiro de 2020, imagens da cidade chinesa de Wuhan, epicentro do novo coronavírus, chocassem o mundo por mostrar uma cidade com milhões de habitantes com suas ruas completamente vazias, a perspectiva de uma transformação tão drástica em nossos padrões de vida pareceu não estar no horizonte do mundo ocidental. Possivelmente os baixos números de letalidade ou as experiências passadas com outras variações do vírus reforçou o sentimento de que a normalidade estaria garantida. [...] No

início do mês de março de 2020 foi possível perceber que uma transmutação radical das relações pessoais foi estabelecida por meio de decretos nacionais, pânico mundiais pelo aumento alarmante do número de infectados e mortos pela doença denominada COVID-19. [...] O ineditismo deste evento não nos permite tecer considerações a curto ou médio prazo sobre como será o mundo e as múltiplas relações que a humanidade construiu. Não se trata, a meu ver, de considerar o elemento do isolamento social como implicador do modo de ver o mundo futuramente. O isolamento social promoveu transformações econômicas severas imediatas, com a parada obrigatória de inúmeros setores, modificou nossa relação com a arte, devido à ausência do compartilhamento presencial de experiências de fruição e, no caso da educação, promove desconstruções sob a forma como o ensino e a aprendizagem são vistos socialmente (ARRUDA, 2020, p. 258).

Frente ao agravamento da situação e a constatação de que sim, todo o mundo estava em risco, os países foram buscando meios para conter o avanço do novo vírus SARS-CoV-2 e, abruptamente, foram decretadas medidas como o fechamento de escolas, comércios, shoppings, espaços culturais, empresas e outros serviços e atividades que costumam conter um coletivo de pessoas e lockdowns (situação na qual pessoas são impedidas por força de lei de circular livremente em áreas públicas ou edifícios devido a um estado de emergência).

Conforme dados da OMS de 17 de dezembro de 2020, foram confirmados no mundo 72.851.747 casos de COVID-19 (642.738 novos em relação ao dia anterior), 1.643.399 mortes, na região das Américas 31.216.880 casos confirmados e 792.207 mortes. Até 18 de outubro de 2021, segundo o site do Ministério da Saúde (2021), são 603.465 óbitos acumulados no nosso país.

No Brasil, assim como se observa em todo o mundo, diferentes realidades coexistem. Enquanto uma parte da população consegue ficar em casa, realizando remotamente o seu trabalho e dispõe de recursos como: moradia, água potável, saneamento, internet, computador, carro próprio, alimento, material de higiene, estendendo o conforto aos filhos quando os tem e que muitas vezes compõem o ensino privado, a grande massa populacional não dispõe de recursos para se prevenir da pandemia provocada pela COVID-19, sendo que muitos vivem em moradias inadequadas e outros nem possuem moradias; há falta de saneamento básico; de água potável; o trabalho muitas vezes é informal e as pessoas precisam sair todos os dias para buscar o sustento; e os seus filhos compõem o ensino público.

É irreal falar para uma comunidade de favela, por exemplo, que é necessário o isolamento social, lavar as mãos com frequência, higienizar os alimentos e o ambiente sendo que as moradias são precárias. A pandemia chamou a atenção para problemas básicos, estruturais; em muitos casos, tais comunidades não possuem água potável,

energia elétrica, alimentação básica e as pessoas travam uma luta diária pela sobrevivência. Como conter uma pandemia em contextos tão fragilizados?

Ainda que pairasse sobre todo o mundo uma densa nuvem de incertezas, havendo já outros países enfrentando a crise imposta pelo avanço da COVID-19, o Brasil, antes mesmo de reconhecer localmente os primeiros contaminados pelo vírus, teve acesso a estudos científicos iniciais indicativos de fatores que favorecem a disseminação do vírus, de quais mecanismos eram relevantes para a prevenção e de como estruturar o sistema hospitalar para atender as vítimas. Contudo, as disputas políticas ganharam o cenário no país e, com um número crescente de mortes diárias, nos vimos distantes de ações efetivas para conter a pandemia.

Os desencontros entre as informações que chegavam de fora do país, da imprensa local, de indivíduos e grupos (entre leigos e especialistas, seja em saúde ou economia) via redes sociais e da Casa Civil, trouxeram insegurança ao povo. Sem principalmente a mão firme do chefe do poder executivo do país, que deveria cuidar dos assuntos de interesse nacional, incluindo as políticas de saúde, o que se observou naqueles primeiros meses foi que estávamos em um navio sem capitão – talvez até mesmo um navio sem leme. Entre os apoiadores do governo e os opositores, o Brasil se partia numa polarização acentuada que o dividia e, conseqüentemente, o enfraquecia.

Como apontam Henriques e Vasconcelos (2020, p.32-3), no dossiê “Pandemia pela Covid – 19”:

Iniciativas de governadores foram questionadas pelo presidente da República, que já havia declarado ao longo do mês, sobre a pandemia, sucessivamente: “é uma pequena crise”, “não há motivo para pânico”, “isso está sendo propalado pela mídia”, “outras gripes já mataram mais do que esta” e até mesmo que “é uma fantasia”. Além do discurso, as atitudes pessoais do presidente afrontavam ostensivamente as recomendações de distanciamento, como a presença em manifestações e locais públicos, sem uso de máscara ou qualquer outra medida para proteção, mesmo quando, depois de uma visita aos Estados Unidos, várias pessoas da delegação presidencial tiveram confirmada a infecção.

Mas a crise não ficou, evidentemente, restrita à saúde e economia. Atingiu todas as esferas da sociedade, incluindo, e com grande impacto, a educação. Escolas foram fechadas, o sistema educacional não estava preparado – nem poderia estar – para o que veio a seguir.

Realizando um levantamento da produção acadêmica já nos primeiros meses das restrições impostas pela pandemia, sobre o impacto desta no cotidiano escolar,

encontro, além de livros e ensaios, a publicação de dossiês em periódicos científicos. Localizei na base de dados Scielo Brasil (<https://www.scielo.br/>), entre sessões temáticas e dossiês, doze publicações em 2020 e duas em 2021; trago para esta tese aquelas que mais dialogam com a presente pesquisa (Quadro 1).

Quadro 1 – Publicações relativas à temática do impacto da pandemia no cotidiano escolar (2020)

Periódico	Edição	Título do dossiê
Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica (RBPAB) (Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica)	v. 5, n. 16, 2020	Narrativas, pandemia e adoecimento social.
Currículo sem fronteiras	v. 20, n. 3, 2020	Discursos educacionais em tempos de pandemia: como ficam nossas verdades?
Educação & Realidade (UFRGS)	v. 45, n. 4, 2020	As lições da pandemia
Estudos Avançados	v. 34, n. 100, 2020	Impactos da pandemia
Revista Pedagogia em Ação (PUC Minas)	v.13, n. 1, 2020	Edição Especial: Pedagogia em tempos de Pandemia

Fonte: Elaborado pela autora.

No dossiê “Narrativas, pandemia e adoecimento social” publicado pela Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (RBPAB), lemos em seu Editorial, que os textos aqui reunidos:

[...] narram experiências pessoais sobre o isolamento, seus impactos nos mundos do trabalho, da saúde, da vida cotidiana e dos arranjos construídos para seguirmos vivendo, reinventando processos individuais, sociais e educativos em tempos tão difíceis e sofridos. Leituras de contexto e conjuntura aliadas às experiências pessoais, docentes e do trabalho remoto e suas reinvenções, de coletivos e de alternativas que aconteceram em momentos iniciais da pandemia são partilhadas no dossiê e que nos possibilitam reflexões sobre memórias, acontecimentos, doença-saúde, morte-vida e resistências como atitude biográfica e (auto)biográfica (SOUZA, 2020, p. 1468).

Ao propor o diálogo com a comunidade educacional do “Barão” como possibilidade de encontros e reflexões na situação da pandemia, vi aflorar em memórias e acontecimentos a solidariedade presente nos cotidianos dessa escola.

Na Seção temática “As lições da pandemia”, da Revista Educação & Realidade, encontramos o conceito de sindemia, que de acordo com Veiga-Neto (2020, p.4), se refere às “combinações sinérgicas entre a saúde de uma população e os respectivos contextos sociais, econômicos e culturais”.

O autor defende que:

É fácil ver que a atual sindemia fez aflorar e amplificou um variado conjunto de crises mundo afora. No Brasil de hoje, por exemplo, não é exagero identificar pelo menos cinco tipos de crises que se combinam, se interpenetram e se reforçam mutuamente: covídica, econômica, política, ética e estúltica. Sendo assim, o quadro que se nos apresenta é de extrema complexidade, inapreensível por uma análise reducionista e, também por isso, incompreensível por amplos contingentes da população e, bem como, por uma parte significativa das classes dirigentes (VEIGA-NETO, 2020, p. 10).

Interessa aqui refletir com Veiga-Neto sobre as cinco crises que vivenciamos no Brasil, e que se mostram presentes nos cotidianos de escolas. Aponto algumas das causas de tamanha sindemia, seja nas palavras de autores/as com os quais diálogo, seja nas falas dos sujeitos que participam da pesquisa, seja na (falta de) condições materiais que insistem em ocupar as escolas públicas.

Destaco, ainda na publicação desta Seção temática, um trecho do artigo “A Aprendizagem da Dor”, escrito por Nadja Hermann:

[...] aprendemos a lição de que não se avança na superação da epidemia, sem solidariedade e coesão de esforços. Somos seres vulneráveis e dependentes, encontramos-nos entrelaçados numa rede de interdependência social, que exige cuidados recíprocos. O que parece ser um simples regramento sanitário – fique em casa, evite aglomerações – encerra também um juízo ético. Esse tipo de juízo considera as razões internas e específicas de cada caso que é objeto de decisão, a cultura, os valores, a relação com o outro e tudo aquilo que julgamos ser digno de afeição, que atua sobre nossos desejos, nosso caráter e vinculações pessoais. Assim, a decisão de seguir uma norma sanitária diante de uma poderosa pandemia ultrapassa o nosso eu e nos coloca diante da alteridade, do que posso fazer para ser solidário, de como posso colaborar para não pôr a vida dos outros em risco. A pandemia exige, por detrás do regramento sanitário, uma resposta ética, que é a solidariedade (HERMANN, 2020, p. 7).

Esse juízo ético ao qual se refere a autora, me conecta com o pensamento de Freire defendido nesta tese. A solidariedade, a responsabilidade para com os outros e a construção de possibilidades para seguirmos em defesa da vida, é o que justifica nossa presença nos cotidianos escolares.

Na apresentação da Seção Temática “Discursos educacionais em tempos de pandemia: como ficam nossas verdades?” da Revista Currículo sem fronteiras, lê-se:

Nesse dossiê, buscamos provocar os sentidos de apego ao desejo de retomar a vida normal o mais rápido possível, mesmo sem saber como, mesmo sem a certeza da normalidade que nos espera ou a negação do quadro de destruição de tantas vidas, no Brasil e pelo mundo afora. Visamos identificar novas significações, novas possibilidades de viver reinventando a vida. É dessa perspectiva que insistimos em afirmar que a pandemia não inaugura a precariedade da vida, ela aprofunda as mazelas que a necropolítica (MBEMBE, 2018) já vinha produzindo ao longo dos anos (COSTA; PEREIRA, 2020, p. 615).

A Revista Estudos Avançados publica o dossiê “Impactos da pandemia”, do qual seleciono o artigo: Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia, escrito por Bernadete Gatti:

A institucionalização, nesse período de transição, do que se está chamando de ensino híbrido na educação básica – em parte presencial e em parte remoto – também deverá considerar os fatores aqui elencados e ser resolvida com soluções pedagógicas bem fundamentadas e com materiais adequadamente elaborados e colocados à disposição de todos, em formatos que realmente todos os alunos tenham acesso por igual. O uso de diferentes plataformas e materiais midiáticos, impressos ou outros, será bem-vindo, mas essa utilização deve basear-se nas condições do alunado e de suas possibilidades de acompanhamento real do currículo – limites dos meios e limites humanos –, considerando as condições socioculturais de crianças e adolescentes e seus determinantes físicos, fisiológicos e emocionais – capacidade de atenção, motivação, tempo de dedicação exigido, estafa etc. Não se devem extrapolar condições de um adulto para crianças e adolescentes (GATTI, 2020, p.36).

A autora defende aqui o cuidado para com os estudantes adolescentes, público com o qual esta pesquisa dialoga, e aponta as condições físicas, fisiológicas e emocionais que os caracterizam, como uma recomendação para que não se faça uma transposição impensada do ensino híbrido, sem considerar esses aspectos. É possível realmente acompanhar o atual currículo nesse formato? É a autora quem oferece possíveis respostas:

Será importante ponderar sobre o que foi realmente propiciado pela escola e professores durante o período de recolhimento, buscando evidências de aprendizagens construídas de fato, com realismo. Meios para tanto serão diálogos francos com os grupos de alunos, diálogos abertos sem ameaças ou pressão, avaliações de cunho mais qualitativo, avaliações-minuto, e eventualmente, um pouco mais tarde, algum tipo de prova apenas com valor diagnóstico. O uso desse instrumento deve ser precedido do acolhimento aos alunos, dos diálogos e outros tipos de demonstração de conhecimentos pelos alunos, e nunca nos primeiros contatos presenciais. A partir desse conjunto de ações, e à luz do currículo, é que se podem escolher com mais pertinência os temas e ações fundamentais em cada área de conhecimento e disciplinas, para cada nível e ano escolar. Importante selecionar o essencial, como já apontado. Poderá ser necessária a retomada de aspectos que deveriam ter sido dominados, mas que, para os quais, pelas circunstâncias do isolamento e do trabalho do aluno em sua situação distanciada de professores e colegas, houve dificuldade no trato de alguns dos conteúdos disciplinares. Isso deve ser considerado e demandará intenso

trabalho de gestores, coordenadores pedagógicos e docentes. Cooperação e participação de todos, inclusive por parte dos alunos, serão necessárias (GATTI, 2020, p.36).

Diante do avanço da pandemia da COVID-19, instituições, desenvolvedores comerciais e pesquisadores/as em todo o mundo trabalham para obter vacinas contra o novo coronavírus. Não é uma tarefa fácil. Historicamente, uma vacina demora em média 10 anos para ser aprovada, passa por várias fases até que se comprove que é eficaz e segura, sendo posteriormente validada pelas autoridades regulatórias nacionais e disponibilizada à população. A maioria dessas empresas e instituições estão nos Estados Unidos, Reino Unido e China.

Um ano após o surgimento do SARS-CoV-2 na China, no dia 08 de dezembro de 2020, o Reino Unido foi o primeiro país do Ocidente a vacinar a população contra o novo coronavírus usando o imunizante desenvolvido pelo laboratório Pfizer e a empresa alemã BioNTech. No mesmo mês e ano iniciam a vacinação os seguintes países: no dia 14 EUA e Canadá, no dia 17 Arábia Saudita, no dia 19 Israel e China. (CNN Brasil – 2020).

No dia 24 de dezembro de 2020, México, Chile e Costa Rica se tornaram os primeiros países da América Latina a iniciar a imunização com a vacina da Pfizer/BioNTech (CNN Brasil – 2020).

Até o dia 27 de dezembro do mesmo ano constava nos meios de comunicação que 31 países haviam iniciado o processo de vacinação contra a COVID-19, segundo os dados da CNN Brasil (CNN Brasil – 2020).

A revista *Época* informou, no dia 27 de dezembro de 2020, que a doença causada pelo novo coronavírus já havia provocado a morte de 1,7 milhão de pessoas pelo mundo e deixou mais de 80 milhões de infectados. Informa ainda que,

o Brasil, por enquanto, segue sem uma data para o início da imunização em massa. O ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, já anunciou várias previsões como dezembro, janeiro, fevereiro e março e deu declarações conflitantes sobre as doses que vão estar disponíveis no primeiro bimestre de 2021. Em contraste com outros líderes mundiais, o presidente Jair Bolsonaro disse que não pretende tomar a vacina. Só o Estado de São Paulo, que negociou por conta própria um acordo de fornecimento de doses com o laboratório chinês Sinovac, anunciou uma data para o início da vacinação: 25 de janeiro. No entanto, ao contrário de outras dezenas de países pelo mundo, o Brasil ainda não aprovou o registro de nenhuma vacina.

Quantas vidas retiradas do convívio familiar, muita dor, sofrimento, desânimo, desrespeito, sem perspectivas de vacinação, o Brasil chegou a registrar 331 mortes em 24h pela COVID-19, contabilizando 191.146 óbitos e 7.481.400 casos da doença

desde o começo da Pandemia, conforme os dados consolidados pelo consórcio de imprensa, até às 20h do dia 27 de dezembro de 2020. (FOLHAPRESS, 2020)

Os vírus sofrem mutações o tempo todo e não foi diferente com o SARS-CoV-2. Uma nova variante foi detectada primeiramente no Reino Unido, indicando preliminarmente que seria mais contaminante, possivelmente 70% mais transmissível, porém não mais perigosa. Segundo a CNN Brasil no último dia de 2020, a cepa B1 17 já foi detectada em outros 18 países. No Brasil, foi anunciada pelos pesquisadores da Dasa e pelo Instituto de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, no dia 31 de dezembro, a identificação de uma nova variante do SARS-CoV-2 em São Paulo e informada ao Instituto Adolfo Lutz e a Vigilância Sanitária.

Podemos afirmar que em 2020 a busca da humanidade foi por manter-se viva, e a chegada de 2021 nos revela que não temos previsões de conter o vírus SARS-CoV-2 e a sua nova variante. Os profissionais da saúde e os cientistas foram e são o lampejo de esperança, trabalhando com muita determinação para orientar a população, cuidar dos doentes e compreender o vírus para conter o avanço da doença e disponibilizar imunizantes. Segundo Jamil Cury, no ensaio publicado na Edição Especial da Revista *Pedagogia em Ação*, “Pedagogia em tempos de Pandemia”:

Há um sinal claro de que a inviolabilidade do direito à vida (art. 5º CF/88) está em xeque. Jamais se proclamou tanto o direito à vida. Exsurge, na fala dos governantes mais responsáveis, o direito à vida como direito fundante da vida coletiva. E esse compromisso com o direito à vida já vinha explicitamente formulado por Thomas Hobbes em seu famoso *Leviatã*. Por esse direito, o indivíduo abre mão da violência própria do estado de natureza e consente em abrir mão da violência, a fim de proteger sua vida. E Hobbes afirma que o indivíduo abre mão de tudo isso em favor de um Soberano que, por sua vez, tem o dever de proteger a vida (CURY, 2020, p. 11).

E continua,

Isso significa que o direito à vida é o direito fundante para todos os outros direitos, inclusive o direito à educação. Se esse direito fundamental está em risco, ele deve ser o prioritário e pressuposto dos outros. É desse fundamento o direito à educação e o direito à saúde, especialmente à saúde pública (CURY, 2020, p. 12).

Se o direito à vida precede o direito à educação, como pensar a escola para 2021? Como respeitar esse direito fundamental que é a vida e minimizar as desigualdades sociais levando a educação às populações carentes?

A escola é parte desse contexto social pandêmico e tem grande probabilidade de ser um dos últimos espaços de agrupamento a retornar as atividades presenciais em sua totalidade. Propiciar o convívio de crianças, jovens e adultos por cinco dias na

semana e no mínimo quatro horas por dia é considerado um agravante para a propagação do vírus. Nesse agrupamento podem existir casos assintomáticos, pessoas com o novo coronavírus e que, mesmo sem sintomas, são transmissores da COVID-19. No ir e vir dessas pessoas para as comunidades e suas famílias ampliam as possibilidades de transmissão do vírus.

Temos normativas que orientam esse retorno às aulas presenciais e algumas escolas no Brasil, principalmente da rede privada, retornaram seguindo os protocolos das autoridades sanitárias locais. De um modo geral foram mantidas as atividades presenciais e não presenciais, estabeleceram regras com as famílias quanto às questões de higiene, horários, quantidade de estudantes e a não obrigatoriedade da aula presencial. O que é possível observar no Parecer do Conselho Nacional de Educação CNE/CP nº 15/2020, Seção IV do Retorno às Atividades Presenciais em seu artigo 9º da abertura com critérios sanitários para esse retorno.

Art. 9º A volta às aulas presenciais deve ser gradual, por grupos de estudantes, etapas ou níveis educacionais, em conformidade com protocolos produzidos pelas autoridades sanitárias locais, pelos sistemas de ensino, secretarias de educação e instituições escolares, com participação das comunidades escolares, considerando as características de cada unidade educacional, observando regras de gestão, de higiene e de distanciamento físico de estudantes, de funcionários e profissionais da educação, com escalonamento de horários de entrada e saída para evitar aglomerações, e outras medidas de segurança recomendadas.

Também no Parecer CNE/CP nº 11/2020 são definidas orientações educacionais para o retorno de atividades presenciais e não presenciais.

A suspensão das aulas presenciais ocorridas em março demandou do Conselho Nacional de Educação normativas com a perspectiva de orientar e estruturar a educação nacional, emitindo três documentos pertinentes:

- Parecer CNE/CP nº 5, de 28 abril de 2020, que tratou da “reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19”;
- Parecer CNE/CP nº 9, de 8 de junho de 2020, que retomou essa temática, com o reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2020;
- Parecer CNE/CP nº 11, de 7 de julho de 2020, que definiu “Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia”.

Ainda na vigência da Medida Provisória nº 934/2020, que definiu ajustes no calendário escolar desobrigando o cumprimento dos 200 dias de trabalho escolar e mantendo as 800 horas no ano de 2020 na Educação Básica e Superior.

O Governo Federal, em 18/08/2020, converte a Medida Provisória nº 934 de 01/04/20020 na Lei nº 14.040 que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Para transparecer as medidas estabelecidas nessa lei vale o registro do seu artigo 2º,

Art. 2º Os estabelecimentos de ensino de educação básica, observadas as diretrizes nacionais editadas pelo CNE, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino, ficam dispensados, em caráter excepcional:

I – na educação infantil, da obrigatoriedade de observância do mínimo de dias de trabalho educacional e do cumprimento da carga horária mínima anual previstos no inciso II do caput do art. 31 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996;

II – no ensino fundamental e no ensino médio, da obrigatoriedade de observância do mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, nos termos do inciso I do caput e do § 1º do art. 24 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, desde que cumprida a carga horária mínima anual estabelecida nos referidos dispositivos, sem prejuízo da qualidade do ensino e da garantia dos direitos e objetivos de aprendizagem, observado o disposto no § 3º deste artigo.

E mais:

§ 1º A dispensa de que trata o caput deste artigo aplicar-se-á ao ano letivo afetado pelo estado de calamidade pública referido no art. 1º desta Lei.

§ 2º A reorganização do calendário escolar do ano letivo afetado pelo estado de calamidade pública referido no art. 1º desta Lei obedecerá aos princípios dispostos no art. 206 da Constituição Federal, notadamente a igualdade de condições para o acesso e a permanência nas escolas, e contará com a participação das comunidades escolares para sua definição.

§ 3º Para o cumprimento dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, a integralização da carga horária mínima do ano letivo afetado pelo estado de calamidade pública referido no art. 1º desta Lei poderá ser feita no ano subsequente, inclusive por meio da adoção de um continuum de 2 (duas) séries ou anos escolares, observadas as diretrizes nacionais editadas pelo CNE, a BNCC e as normas dos respectivos sistemas de ensino.

Diz ainda sobre as atividades não presenciais:

§ 4º A critério dos sistemas de ensino, no ano letivo afetado pelo estado de calamidade pública referido no art. 1º desta Lei, poderão ser desenvolvidas atividades pedagógicas não presenciais:

I – na educação infantil, de acordo com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dessa etapa da educação básica e com as orientações pediátricas pertinentes quanto ao uso de tecnologias da informação e comunicação;

II – no ensino fundamental e no ensino médio, vinculadas aos conteúdos curriculares de cada etapa e modalidade, inclusive por meio do uso de

tecnologias da informação e comunicação, cujo cômputo, para efeitos de integralização da carga horária mínima anual, obedecerá a critérios objetivos estabelecidos pelo CNE.

§ 5º Os sistemas de ensino que optarem por adotar atividades pedagógicas não presenciais como parte do cumprimento da carga horária anual deverão assegurar em suas normas que os alunos e os professores tenham acesso aos meios necessários para a realização dessas atividades.

Salientando que:

§ 6º As diretrizes nacionais editadas pelo CNE e as normas dos sistemas de ensino, no que se refere a atividades pedagógicas não presenciais, considerarão as especificidades de cada faixa etária dos estudantes e de cada modalidade de ensino, em especial quanto à adequação da utilização de tecnologias da informação e comunicação, e a autonomia pedagógica das escolas assegurada pelos arts. 12 e 14 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

§ 7º (VETADO).

§ 8º (VETADO).

§ 9º A União, os Estados, os Municípios e o Distrito Federal implementarão, em regime de colaboração, estratégias intersetoriais de retorno às atividades escolares regulares nas áreas de educação, de saúde e de assistência social.

§ 10. Fica facultado aos sistemas de ensino, em caráter excepcional e mediante disponibilidade de vagas na rede pública, possibilitar ao aluno concluinte do ensino médio matricular-se para períodos de estudos de até 1 (um) ano escolar suplementar, relativos aos conteúdos curriculares do último ano escolar do ensino médio, no ano letivo subsequente ao afetado pelo estado de calamidade pública referido no art. 1º desta Lei.

A Lei Nº 14.040, também estabelece, no Parágrafo único, do artigo 1º que o CNE editará diretrizes nacionais com vistas à implementação do disposto nesta Lei. Para tanto, o CNE aprova, em 06/10/2020, o Parecer 15, que sofre reexame no artigo 31 conforme Parecer 19 de 08/12/2020.

Vale mencionar que a Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, alterada pela Lei nº 9.131, de 24 de novembro de 1995, delega ao CNE competência para estabelecer orientações e diretrizes sobre a reorganização dos calendários escolares, considerando que a questão abrange mais de um nível e modalidade de ensino, bem como de assunto que exige integração entre os sistemas de ensino.

O CNE indicou que a competência para tratar dos calendários, programas e organização das atividades escolares é da instituição ou rede de ensino, no âmbito de sua autonomia, respeitadas a legislação e normas nacionais e do sistema de ensino ao qual se encontre vinculado, notadamente o inciso III do artigo 12 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Assim sendo, estados e municípios editaram os decretos e outros instrumentos legais e normativos para o enfrentamento da emergência de saúde pública, estando, entre eles, a suspensão das atividades escolares.

Existem inúmeros apontamentos de como será o cotidiano após essa pandemia, mas, na verdade, não temos clareza e não existe uma delimitação de tempo para conter o vírus e a propagação da doença. O que está declarado, escancarado e ampliado para toda sociedade são as desigualdades, uns com muito e outros retirando o alimento do lixo para dar aos filhos. Qual será o saldo da passagem e ou a permanência devastadora do vírus SARS-CoV-2? Como as pessoas irão se relacionar? Como será o trabalho para quem ainda o tiver? Teremos um acréscimo da pobreza, mais fome e miséria? Os profissionais da saúde e os cientistas darão conta da demanda insana de trabalho? Quais os desafios para área da Educação?

Considerando a situação de emergência de saúde pública, o fechamento das escolas e instituições de ensino era inevitável e indiscutível, parece óbvio, como já mencionado, em um ano de pandemia, o primordial é garantir o direito à vida.

Com as escolas fechadas, as crianças e os jovens devem permanecer em casa recebendo apoio dos seus familiares para dar continuidade ao ano escolar, mas a desigualdade social do Brasil somada ao longo período de isolamento social ressaltou as diferenças de oportunidades, e muitas crianças e jovens foram privados do direito à educação.

Exemplificaremos demonstrando a vida escolar de duas crianças no período de isolamento social, histórias de ficção, mas que você encontra facilmente em qualquer cidade do Brasil.

A primeira criança mora em uma casa dentro de condomínio fechado, com piscina, quadras esportivas, praças com brinquedos, a sua residência é ampla, com escritório para estudo, internet veloz, computador, celular, videogame, além de ter brinquedos sofisticados e cinco refeições por dia. As aulas no período da pandemia acontecem on-line, os professores em tempo real orientam os conteúdos das apostilas e esclarecem as dúvidas. Existe um acordo entre os condôminos para que as crianças possam se socializar sem contaminação, denominados Bolhas.

A segunda criança mora na favela, a casa é um barraco de dois cômodos pequenos, o banheiro fica do lado de fora e é compartilhado com outros moradores, tem cinco irmãos pequenos, a mãe não é alfabetizada e trabalha como faxineira, sai todos os dias bem cedo levando o único e velho celular. Não possui água potável, água encanada ou esgoto, a energia elétrica puxou de um vizinho, não possui internet, nem computador, nem televisão, brinca nas vielas e na rua, geralmente recebe uma refeição durante todo o dia, a segunda ou a única seria na escola. Com a escola

fechada, não recebe educação escolar e nem alimentação. Como a residência é em local de difícil acesso, a escola não conseguiu chegar até ela e seus irmãos.

Jamil Cury (2020, p. 10-1) discorre sobre os apontamentos feitos pelo CNE no Parecer CNE/CP 05/2020 de 30/04/2020, publicado no Diário Oficial da União (DOU) em 04/05/2020, onde reconhece,

[...] as fragilidades e as desigualdades estruturais da sociedade brasileira que agravam o cenário decorrente da pandemia em nosso país, em particular na educação, se observarmos as diferenças de proficiência, alfabetização e taxa líquida de matrículas relacionadas a fatores socioeconômicos e étnico-raciais.

E o Parecer prossegue:

Também como parte dessa desigualdade estrutural, cabe registrar as diferenças existentes em relação às condições de acesso ao mundo digital por parte dos estudantes e de suas famílias.

Como decorrência, o Parecer aponta dificuldade de reposição integral das aulas na forma presencial, retrocessos na aprendizagem e no processo social da educação e danos mais graves para estudantes de baixa renda, podendo gerar abandono e evasão. Com isso, há o desafio do calendário escolar, considerar propostas que não aumentem a desigualdade e, ao mesmo tempo, que utilizem a oportunidade trazida pelas novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) para criar formas de diminuição das diferentes formas de aprendizado.

O Parecer aponta que

[...] o ponto chave ao se discutir a reorganização das atividades educacionais por conta da pandemia situa-se em como minimizar os impactos das medidas de isolamento social na aprendizagem dos estudantes, considerando a longa duração da suspensão das atividades educacionais de forma presencial nos ambientes escolares.

E continua, ainda que excetuando os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio:

A legislação educacional e a própria BNCC admitem diferentes formas de organização da trajetória escolar, sem que a segmentação anual seja uma obrigatoriedade. Em caráter excepcional, é possível reordenar a trajetória escolar reunindo em continuum o que deveria ter sido cumprido no ano letivo de 2020 com o ano subsequente. Ao longo do que restar do ano letivo presencial de 2020 e do ano letivo seguinte, pode-se reordenar a programação curricular, aumentando, por exemplo, os dias letivos e a carga horária do ano letivo de 2021, para cumprir, de modo contínuo, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento previstos no ano letivo anterior. Seria

uma espécie de “ciclo emergencial”, ao abrigo do artigo 23, caput, da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

É relevante o reconhecimento do CNE dos graves problemas sociais do Brasil e da sinalização do avanço dos dilemas educacionais que antes da pandemia não foram solucionados e estão mais complexos e distantes de ações efetivas por parte dos governantes para pelo menos minimizar a desigualdade social.

Vários alunos não têm acesso devido à internet nos lugares onde residem, não recebem sinal de televisão, lhes faltam alimentos, faltam condições básicas para terem uma vida saudável e, como já mencionado, falta o básico para garantir o direito à vida. Com isso, um número incalculável de crianças e jovens não está recebendo assistência educacional.

As perdas no processo educacional da Educação Básica marcarão a vida escolar de muitos estudantes, principalmente da escola pública, e será sentida por muitos anos. Ao fecharmos o ano de 2020, iniciamos o ano de 2021 com desencontros de informações sobre o retorno ou não as aulas presenciais.

No final do segundo semestre de 2020 tivemos eleições municipais em todo o Brasil. Os prefeitos e vereadores eleitos assumem os mandatos no primeiro dia de janeiro de 2021. Embora tenha havido situações de reeleições, sabemos que com novos governos, as pastas mudam de comando, as novas equipes de trabalho terão que entender o momento atual da cidade e colocar em prática o seu plano de trabalho apresentado na campanha, esse movimento inicial demanda um tempo de que não dispomos.

A certeza é que não temos certeza de quando e como será o retorno às aulas presenciais em 2021. Com a mutação do vírus e a morosidade dos governantes em viabilizar massivamente a vacina, seria prudente retornar às aulas presenciais? Quando ocorrer o retorno, será de forma gradativa e obedecendo todo protocolo sanitário? Para reabertura das escolas, os sistemas terão uma demanda imensa de ações para a desconstrução do cotidiano escolar vivenciado até o mês de março de 2020 e uma reorganização estrutural e formação para todos os profissionais da área da Educação que irão atuar nessa nova escola. Existe a esperança de retornarmos com todas e todos vacinados.

Um outro aspecto que transpareceu nos nove meses iniciais em que as escolas ficaram fechadas é a urgência de investimento por parte do poder público nas TDIC, o conhecimento e acesso às tecnologias terão que ser uma realidade cotidiana para

todo o país. Não é possível que as ferramentas educacionais disponibilizadas pela TDIC sejam vistas somente como um paliativo para o período de pandemia, mas sim precisam ser uma conquista de toda sociedade.

O acesso de todas e todos os brasileiros às Tecnologias da Informação e da Comunicação é essencial e indispensável diante da evolução da sociedade. Encontramos com destaque no artigo de Jamil Cury os seguintes dados:

A PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua/ o autor não descreveu a sigla) - Tecnologias da Informação e da Comunicação de 2018, divulgada pelo IBGE, neste ano de 2020, mostra que uma em 4 pessoas no Brasil não tem acesso à internet. Desse modo, 25,3% ainda não possuem esse acesso. Em zona urbana, é de 20,6% e em zona rural é de 53,5%. Metade dos que não têm acesso (41,6%) diz que a razão de não acessar é o não saber usar. Os celulares são o principal meio de acesso (97%) e 56,6% possuem computador. (CURY, 2020, p. 9)

Cury também resgata as metas do Plano Nacional de Educação

E é nesse sentido que o Plano Nacional de Educação, em sua meta 5, de alfabetização, diz, na estratégia 5.6, que é preciso promover o conhecimento das novas tecnologias; na meta 7, relativa à qualidade, na estratégia 7.12: incentivar as tecnologias educacionais e na 7. 15: universalizar, até 2019, o acesso à rede mundial de computadores em banda larga de alta velocidade e triplicar, até 2020, a relação professor/aluno nas escolas de educação básica, a promoção da utilização pedagógica das TDIC. O silêncio, a não efetivação desse Plano, advindo de uma emenda constitucional e de uma lei, torna-se mais um descompromisso dos governantes federais para com a qualidade da educação básica. (CURY, 2020, p. 15)

Se a meta 5 e a meta 7 fossem efetivadas em 2019, nós teríamos, provavelmente, um outro cenário educacional em nosso país neste ano de pandemia. Considerando que os objetivos de conhecer, incentivar as tecnologias educacionais e universalizar o acesso à rede mundial de computadores em banda larga e alta velocidade tivesse sido implementadas, teríamos para o início de 2020 um planejamento para ampliar a utilização pedagógica. Sendo assim, professores e estudantes teriam um repertório mais sólido para lidar com os desafios das TDIC que se transformaram em uma urgência repentina a partir do mês de março de 2020, com o fechamento das escolas e o isolamento social.

Como a ordem era ficar em casa, a escola precisava encontrar um caminho para continuar o seu trabalho, se reinventar. Foram muitos desafios e os profissionais da educação juntamente com as famílias buscaram minimizar as perdas no processo educacional, verdadeiros heróis.

O cotidiano escolar é vivo, intenso, ardente, ali as coisas acontecem. Pode até parecer uma rotina, mas são sujeitos em busca dos seus objetivos que se relacionam e essa construção coletiva de conhecimento todas e todos carregam para a vida, sejam professores ou estudantes. A responsabilidade dos profissionais do magistério é imensa uma vez que lidam com muitas vidas e precisam entender o perfil de cada estudante para conseguir caminhar com eles no processo educacional, não deixando nenhum para trás.

A escola faz parte da vida da sociedade, jamais poderíamos ter imaginado esses espaços fechados, com estudantes e professores em suas próprias casas. Jamil Cury (2020) nos fala sobre a invasão da escola na casa,

A escola era e continua a ser o lugar mais permanente de convivência fora de casa: lugar institucional de permanência contínua, sistemática, avaliada por, pelo menos, 5 dias por semana e por, pelo menos, 4 horas por dia. Não há outra instituição com iguais características em nossa sociedade. E é essa superposição da instituição escolar por sobre a instituição familiar que trouxe impactos inusitados e revelações inéditas.

Vale mencionar a situação de um casal de professores que teve que desmontar um quarto para criar mais um espaço de trabalho em casa, o que somente foi possível porque não têm filhos. O autor salienta que:

A invasão da escola na casa nos vem revelando não a casa, mas a invasão das escolas nas casas. A duplicidade de casas, postas na TV, nos comentários das emissoras de rádio e dos jornais, pela carência de serviços públicos como esgotamento, pela presença de múltiplas pessoas em poucos cômodos se faz acompanhar da desigualdade social de uma intolerável redistribuição da renda. As casas se tornam lugares ainda mais reveladores do desdobramento sobre as escolas, manifestando nossa dupla rede de ensino, seja pela diferença de tratamento internamente à escola, seja pelo diferente desempenho e, agora, pelo impedimento temporário do acesso que, além da transmissão de conhecimentos e de convivência, para muitas e muitos é também um lugar de assistência social pela alimentação escolar. E, acrescente-se, nessas novas circunstâncias, a visibilização da dupla rede também com relação às estratégias relativamente à posse, ao acesso e ao uso das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) em termos de qualidade, competência e domínio. (CURY, 2020, p.14)

Não diferindo da condição dos professores, com o baixo salário e jornada dupla ou tripla de serviço, não receberam nenhum apoio para dar conta dessa nova demanda. E mais:

- A invasão das escolas nas casas traz à nossa consideração a importância, não apenas do cognitivo, mas da convivência socializadora como lugar de aprendizado das regras do jogo democrático, da tolerância e aceitação das diferenças. Esses pilares que a instituição escolar tem a obrigação de desenvolver reverte, ao menos momentaneamente, a justificativa da

Modernidade da insuficiência da instituição familiar em dar conta das novas exigências da educação escolar. Ao caráter de permanência das quatro horas de atividades escolares se sucede a dispersão dos contatos por telefone, celular ou computador. (CURY, 2020, p.14)

Temos de levar em consideração, ainda, que o professor passa a trabalhar mais, ficando disponível a todo momento, inclusive em finais de semana, enquanto as famílias não conseguiram dar conta do trabalho realizado pela escola. Cury ainda comenta que:

- A invasão das escolas nas casas vem revelando a importância da figura e do valor profissional do professor, da professora. Ficam evidentes os limites de um ensino doméstico. Os pais ou tutores ou cuidadores, exceto os que são profissionais do magistério, não são profissionalizados, não foram preparados para tal situação. (p. 14)

Conforme evidenciado por Cury, com o isolamento social e a necessidade de fechamento das escolas, as atividades escolares são transferidas para casa, passando a ser compartilhadas com muitas situações do cotidiano familiar. Após o momento inicial da pandemia, as famílias começam a perceber a importância da escola na vida de seus filhos. Não era um período de férias e sequer existia um tempo delimitado para o retorno às aulas presenciais. A valorização do/a professor/a foi evidenciada quando os pais entenderam que não tinham as ferramentas para dar conta das atividades escolares, que a socialização mediada pelos profissionais da escola faz a diferença para a vida de seus filhos.

O cotidiano escolar entrou dentro da casa do professor e da casa do aluno.

A pesquisa “Trabalho Docente em Tempos de Pandemia” feita pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (Gestrado/UFMG) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE),”, revela que:

82% dos professores estão dando aulas dentro de casa

82% dos docentes disseram que as horas de trabalho aumentaram

84% dos professores afirmam que o envolvimento dos alunos diminuiu um pouco ou diminuiu drasticamente durante a pandemia.

80% dos entrevistados afirmam que a principal dificuldade dos estudantes é a falta de acesso à internet e computadores; seguida pela dificuldade das famílias em apoiar os estudantes (74%); a falta de motivação dos alunos (53%) e o desconhecimento dos alunos em usar recursos tecnológicos (38%). (CENTRO PROFESSORADO PAULISTA, 2020).

A invasão das escolas nas casas também afetou diretamente os professores que tiveram de adaptar espaços para realizar o seu trabalho em casa; aprender em pouquíssimo tempo usar as ferramentas digitais; adquirir computador compatível,

internet com maior velocidade, microfone, luminária, etc. Enfim, reorganizar a sua vida dividindo os espaços da casa com as necessidades dos outros membros da família.

O professor também necessita desse convívio com pessoas e a realidade imposta cruelmente debilitou emocionalmente essa classe e muitos precisaram recorrer a médicos e terapias.

Nos momentos difíceis de nossa história conseguimos compreender e valorizar vivências que fazíamos automaticamente, como matricular os filhos na escola, como um dever previsto em lei, uma regra. Hoje é notável que as famílias valorizam os profissionais da Educação. A sociedade brasileira precisa cobrar ações dos seus governantes para melhoria do sistema educacional e da carreira desses profissionais.

4.1 Vivências na escola Barão de Piratininga

Os relatos que seguem são as minhas percepções como diretora no primeiro dia de suspensão de aulas por conta da pandemia da COVID-19.

Folhas, muitas folhas nos corredores. Nas salas, portas entreabertas, carteiras desorganizadas, mesas apoiando trabalhos interrompidos e um copo com café já frio deixado sobre a mesa. Um prédio imenso esvaziado rapidamente, mas lotado de sensações estranhas. Que momento estávamos vivendo? De que tempo de distanciamento estávamos falando? Que poder nefasto teria esse vírus? O que sabíamos? Quais certezas tínhamos?

Caminhar pela escola, corredores, salas, pátio, biblioteca era semelhante a viver em um cenário dentro de um filme de guerra. Todos saíram correndo, desesperados, levando apenas o necessário. Na cozinha, o movimento das merendeiras para retirada dos gêneros alimentícios para serem encaminhados à prefeitura já indicava que a merenda não voltaria a ser preparada a curto prazo. Pessoas apressadas, informações desconstruídas, tudo muito obscuro e uma morosidade... todas e todos aguardando orientações, aguardando orientações...

Nas duas semanas que antecederam a suspensão das atividades nas escolas da cidade de São Roque por conta da pandemia do COVID-19, a EMEF Barão de Piratininga iniciou algumas providências como: reuniões com professores e funcionários para troca de informações e definições de atividades; conversa com estudantes sobre a prevenção e sobre o vírus; exibição de vídeos disponibilizados na mídia por órgãos de referência; informativo impresso encaminhado para as casas sobre prevenção e sobre o vírus COVID-19; aquisição e disponibilização (com verba própria) de álcool gel e sabonete líquido. Um movimento borbulhante e significativo de muitos atores da escola, de entender a situação como responsabilidade também

sua e começar agir colaborativamente com pílulas de informação e ações efetivas. Dentro desse movimento, muitos estavam extremamente desconfiados de tudo e de todos, alguns preocupados em não parar com as aulas para não ter que repor, outros felizes por tirarem uns dias de descanso. Era impossível, naquele momento, nos darmos conta da dimensão da situação que estava por vir.

A doença avançava e não tínhamos noção de o que iríamos enfrentar, tudo muito estranho, pairava um clima insano de incertezas, que rondava os sentimentos, os pensamentos, os atos das pessoas. Parecia que a alma não estava no corpo. As informações que recebíamos nos transportavam para outros espaços, nada se parecia com a realidade ou o que conhecíamos como realidade. Que poder tem esse vírus? Será que é mesmo verdade, que em nosso Brasil, na nossa São Paulo, em nossa cidade de São Roque, no nosso bairro Jardim Bela Vista/Cambará, que no abraço gostoso, no toque de mão, existe um vírus que extermina vidas em grande escala? Essa pandemia da COVID-19 não bateu em nossa porta, isso não compõe a nossa realidade, tudo parece tranquilo!

Com um turbilhão de informações e sensações, resgatei em meus pensamentos uma leitura realizada em 2002, em que Edgar Morin nos instiga a olhar a história de maneira não linear e a aventura humana no mundo como incerta.

O século XX descobriu a perda do futuro, ou seja, sua imprevisibilidade. Esta tomada de consciência deve ser acompanhada por outra, retroativa e correlativa: a de que a história humana foi e continua a ser uma aventura desconhecida. Grande conquista da inteligência seria poder enfim se libertar da ilusão de prever o destino humano. O futuro permanece aberto e imprevisível (MORIN, 2002, p. 79).

Passaram-se dias, semanas, meses e ainda não retornamos às aulas presenciais. Esse período de distanciamento foi marcado por muitos desencontros, morosidade, egocentrismo por parte de quem tem poder nas mãos, desrespeito com funcionários, falta de conhecimento, de planejamento e de preparo do Poder Público para lidar com as necessidades da educação municipal. Fatos esses que já eram evidentes mesmo antes da pandemia.

Desde o início da municipalização, lutamos para recuperar a reputação da escola, o que provavelmente começou no período da reorganização da Rede Estadual, quando a escola passou por algumas dificuldades: trabalhar com estudantes do Ensino Fundamental de 6º ao 9º ano e originários de diversos bairros da cidade, número excessivo de estudantes por turma nos três períodos, problemas de

indisciplina com conflitos entre os adolescentes de bairros diferentes e as situações de jovens em vulnerabilidade social. Existia até um grito de torcida que nos campeonatos ou em situações públicas era muito enfatizado: “*Barão, Barão, entra burro e sai ladrão*”. Herdamos uma fama muito pesada advinda das mazelas do sistema estadual de ensino e lutamos para obter o reconhecimento público com o que tínhamos de melhor: as pessoas que ali trabalham e trabalharam, com muita dedicação e estudo. Quando os pais e estudantes chegavam para matrícula demonstravam muito medo já que escutavam falar absurdos da escola. Depois que passavam a viver o cotidiano da escola, reconheciam a competência do trabalho e o respeito de todos pelos estudantes.

Hoje já vemos pais da rede privada transferindo o filho/a para nossa escola por ter certeza de que do 6º ao 9º ano seria a melhor escola pública do município. Além disso, também recebemos estudantes dos municípios vizinhos. Poderia aqui mencionar inúmeros aspectos que firmam o respeito dos estudantes e seus responsáveis pelos professores, funcionários e equipe gestora. Existe uma relação potente entre a escola e sua coletividade.

Com o isolamento imposto pela pandemia e a sistemática de atuação definida pelo sistema municipal de São Roque, nos distanciamos dos nossos estudantes e de suas famílias. E não sabemos como sairemos dessa pandemia, melhores, será?

4.2 Professores

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.
(FREIRE, 2018, p. 25)

No dia 26 do mês de agosto de 2020, passados seis meses de pandemia do novo coronavírus, as aulas presenciais ainda não haviam retornado. Precisava sentir os professores, precisava sentir essa escola que pulsa forte em meu ser. Ainda não consigo trabalhar essa distância imposta pela COVID-19, como também pela aposentadoria do cargo efetivo de Diretora de Escola que aconteceu durante o período pandêmico, em 17 de junho de 2020. O convívio com os estudantes, professores, funcionários, com a coletividade escolar, faz parte da minha vida, do ar que respiro e da minha constituição como ser humano.

Fecho os olhos, respiro sentindo o ar entrar nos meus pulmões, me acalmo, e consigo sentir o Barão pulsando forte. Estudantes, professores e funcionários adentrando pelo portão, a alegria do encontro de muitos, o olhar desconfiado de outros, a solidão em meio à multidão de alguns, o acelerar dos mais afoitos para jogar, conversar, correr e tudo o que precisa acontecer antes do toque ensurdecedor do sinal anunciando que todos devem seguir para as salas. Em um instante, abro os olhos e percebo que tudo não passara de boas lembranças. A COVID-19 ainda impõe o distanciamento.

Refletindo com Freire,

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história (FREIRE, 2018, p. 53).

A escola é um espaço vivo, intenso, de muita interação, de muitas possibilidades para todos e todas que dela participam, um constante aprender e ressignificar o sentido da vida. Conviver com as pessoas que compõem a escola é um desafio diário, todos se apropriam de novos conhecimentos, seja na conversa com o funcionário que trabalha na limpeza ou com quem prepara o alimento para os estudantes. As trocas, mesmo que de olhares entre estudantes, entre professor e estudantes tem uma potência. Não é possível entrar em uma escola, viver o seu cotidiano e sair como entrou.

Durante o período em que fui diretora no Barão, um momento me marcou a memória. Certo dia uma funcionária da limpeza observava atenta a uma aula que acontecia no jardim da escola. Cada pergunta dos estudantes e as palavras no diálogo com o professor faziam os olhos dela brilharem. Passado aquele momento, ela me contou com muito entusiasmo as novidades que ouvira. Existem muitas possibilidades de aprendizagem no convívio escolar. Viver o cotidiano escolar é sentir pulsar os ensinamentos de Paulo Freire:

Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de

formação, sem politizar não é possível. É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. (FREIRE, 2018, p. 57)

Permaneço em casa, obediente às orientações de isolamento social. As saídas se resumem a suprir necessidades básicas e apoio aos meus pais. Mas, eis que andando pela casa e/ou pelo quintal encontro as lagartas de cor marrom que se transformam em mariposas. Junto com as asas que batem, meu pensamento me levou novamente para o Barão. São mariposas da mesma espécie que invadem os corredores e toda a escola nos meses de agosto, setembro e outubro. Elas saem de dois coqueiros que ficam no jardim, na frente da escola.

Parece que tudo me remete ao cotidiano vivido no interior da escola. Nos primeiros anos de municipalização todos tinham muito medo das lagartas. Eram gritos e mais gritos de pânico, pavor - ocorreram até desmaios. Por conta disso, o professor responsável pela disciplina de Informática, resolveu fazer um projeto com os estudantes. A professora de Ciências, também colaborou. Pesquisaram, cuidaram das lagartas (elas ganhavam flores, água, carinho e ninguém ousava matar), descobriram que essa espécie não oferece perigo (pegavam a lagarta na mão) e acompanhavam, junto com os estudantes, o processo de metamorfose. Muitos depoimentos foram registrados dos estudantes que tinham medo, mas passaram a respeitar e cuidar.

Todos os anos esse mesmo projeto se repetia, mesmo sem o professor de Informática se dar conta, os educandos já estavam conversando com os estudantes novos e organizando todo processo de cuidar das lagartas para que elas se transformassem em mariposas. Assim aconteceu na sala de casa no mês de outubro: uma lagarta marrom se transformou em uma linda mariposa. São verdadeiras vivências incrustadas no meu ser, em minhas memórias afetivas.

Mas reviver na prática esses momentos, para os professores, ainda parece algo distante. Em março, as notícias sobre pandemia de COVID-19 eram difundidas pelos meios de comunicação, as incertezas permeavam os espaços escolares, o Brasil e o Mundo. Um misto de percepções: pessoas apavoradas, outras perdidas por conta do conflito de informações, pessoas acreditando que não passava de uma “gripezinha à toa”, outras entendendo a gravidade do momento. Mas, neste imbróglio todo, o certo é que permanecíamos com a incerteza.

E é com a necessidade de respirar e transpirar a escola que faço algumas provocações para os professores, com a perspectiva de ter elementos para decifrar

esse momento de distanciamento que estamos vivendo. Como os professores estão desenvolvendo o seu trabalho? Qual é a proximidade com os discentes? Quais as sensações do último dia de aula presencial? Como está o seu emocional?

Vale trazer algumas sensações desse movimento da pandemia na escola Barão, que certamente se identifica com o vivido pelas escolas do nosso país e do mundo. Que recordações carrego em minhas memórias da experiência inesperada do rompimento de uma dinâmica presencial, estabelecida há séculos nas escolas para um novo formato, aulas remotas, aulas on-line, tudo mediado pelas tecnologias e o necessário e sofrido distanciamento social.

As narrativas, desenvolvidas em três momentos, são fragmentos de conversas com os professores sobre o ano de 2020.

No primeiro momento trago as percepções de alguns professores sobre os impactos iniciais da suspensão das aulas por conta da pandemia. Quando receberam a notícia, como interpretaram os fatos? A perspectiva é compreender quais foram as percepções individuais naquele primeiro momento e o entendimento sobre o futuro.

Em conversas pelas redes sociais com os professores, fluíram muitos relatos importantes. A professora de Língua Portuguesa contou sobre a conversa que teve com a mãe do aluno Pedro, que, como muitas mães, não estava entendendo a suspensão das aulas. A docente explicou que as dúvidas eram de todos, como recebeu a notícia e quais as providências que a equipe escolar já estava desenvolvendo.

Foi tudo muito de repente. Na última semana de aula antes da pandemia, eu estava com viagem e abonada marcada. Ouvi, no início da semana, que algumas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro já estavam suspendendo suas aulas. Sempre tive medo de doenças, inclusive desse vírus, mas não imaginava que chegaria no Brasil. O primeiro caso da doença foi na capital São Paulo, que fica a apenas uma hora de São Roque. Os casos estavam aumentando e era urgente que a Prefeitura de São Roque tomasse uma decisão. Nessa semana, a pedido da diretora, orientamos os alunos a se prevenirem da COVID por meio de vídeos sobre como lavar bem as mãos, evitar contatos como abraços e apertos de mão, levar o cotovelo ao rosto ao espirrar ou tossir, entre outras orientações. Já suspeitávamos que as aulas seriam suspensas. Ao conversar com meus alunos do 8º ano, alguns não queriam que isso acontecesse por medo de “perderem as férias” com reposições. A primeira aula da manhã com o 8º ano B não parecia (talvez) a última do ano letivo, foi uma aula muito dinâmica. Como estávamos estudando contos de suspense, levei aos alunos um jogo de enigmas e nos divertimos muito com a brincadeira. A partir daí veio uma semana apenas de adaptação, em que os alunos não seriam mais obrigados a irem à escola. A orientação era ficar em casa, e, para quem fosse à aula, haveria apenas orientações de prevenção da doença. Em seguida, as aulas foram suspensas.

Numa quarta-feira à noite, no dia 17 de março, recebemos o comunicado de que as aulas até o fim da semana não seriam nem mais facultativas. Tudo suspenso. A “campanha” era o “fique em casa”. Sentia-me mais segura desde então, por não precisar me expor tanto, porém muito preocupada com as incertezas. Quando tudo iria acabar? Voltar ao normal? E a matéria? E as aulas? E a socialização? Pelo menos havia terminado a leitura do livro “O pequeno príncipe” com os alunos do 6º ano e ainda feito rodas de conversas e uma breve avaliação sobre o assunto. Pelo menos, aprenderam sobre os valores de amizade e o cuidado com o próximo. “Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante”. Coincidentemente, havia um projeto na escola de resgatar o valor da amizade. Mal imaginávamos que os brasileiros passariam por momentos de tantas perdas, quantas rosas importantes, quantas raposas e pequenos príncipes se perderam... Era como se estivéssemos todos nos preparando para o que haveria de vir. Com tudo isso percebemos o valor da amizade e do afeto.

O professor de Informática, que já manifestava preocupação com as notícias sobre a pandemia e efetivava ações junto com os discentes de prevenção contra o vírus, também comentou a sua experiência.

Eu já vinha discutindo com as crianças sobre o vírus, as possibilidades de contágio, as necessidades de prevenção, de alguma forma o grupo já era meio avisado do que iria acontecer ou da iminência de um agravamento dessa crise. O último dia é muito estranho, a escola já estava vazia, muitas crianças já não estavam frequentando e naquela semana final a gente já tinha um esvaziamento do grupo. Uma sensação de saída às pressas, como se fosse acontecer um desastre natural, como se a gente tivesse ouvido a sirene da Tsunami e, a partir disso, todo mundo precisa sair correndo, meio sem saber quando voltar. Eu lembro que eu trouxe as minhas flores... eu tinha três flores na minha sala e eu trouxe para casa para poder cuidar delas porque eu não sabia quando eu ia voltar, de que jeito iria voltar, se iria voltar. Essa sensação final do último dia, da última semana, desse momento de despedida, pré-quarentena, é um momento de ardência, um momento de fechar tudo às pressas, de fechar as janelas com madeira porque a gente não sabe qual vai ser a intensidade do tornado, nem se ele vai passar no lugar onde a gente está. Foi uma sensação de perda momentânea, de sair da escola sem ter certeza de quantos iríamos nos encontrar de volta. Até porque era apavorante a perspectiva, se nós teríamos baixas no nosso grupo, enfim, tudo muito assustador. Ao mesmo tempo a gente tinha que passar para as crianças uma tranquilidade, dizer: “olha, está tudo bem, mas faça sua parte, lave as suas mãos e proteja as pessoas que você ama”.

A fala da professora de Língua Portuguesa foi um disparador para a troca de sensações, um espaço de colocar para fora tudo que estava represado, as angústias que todos estavam sentindo. O que é certo? O que é errado? Estávamos atropelando os fatos! Como orientar sobre um vírus que até mesmo os médicos e cientistas divergem nas informações e ou orientações? A professora de Inglês manifesta as suas preocupações.

[...] o que mais me deixa chateada é que nós tivemos uma última semana de aula presencial que nós não tivemos aquele contato como normalmente temos com os alunos, foi uma semana tensa, uma semana de incertezas. Nós tentando falar de um vírus e de uma situação que nós mesmos não tínhamos conhecimento, de certa forma tentando acalmar alguns alunos, porque no meu caso por exemplo, a menininha falava "Professora, eu tenho bronquite então também sou do grupo de risco!". Você tentar amenizar essa preocupação de uma criança de sexto ano, que nem tinha onze anos ainda, foi uma sensação muito complicada, uma sensação de impotência, foi isso que eu senti. E o momento de HTPC, o último HTPC presencial do mês de março, foi de doer o coração. Eu lembro e já fico com os olhos marejados, porque aquela sensação de "eu não vou ver a minha família Barão por um bom tempo", o que vai ser? É aquela coisa da incerteza, foi muito difícil e me deu um vazio, uma angústia, um peso, uma opressão, sabe o coração, foi difícil de aguentar...

Quando se termina um semestre, um ano letivo, existe uma sequência de ações, como um ritual que vai fechando um ciclo de aprendizagem, uma despedida, mas com a quase certeza do mês e ano do reencontro. Neste ano fomos pegos de surpresa, não tivemos o tempo para digerir as informações sobre o vírus e muito menos para orientar os estudantes. Tudo aconteceu no primeiro bimestre e muito rápido, como fica evidente no relato do professor de Ciências.

Na semana seguinte, na segunda-feira, eu não lembro direito como que foi no Barão, no meu Diário já estava marcado presença facultativa... Não lembro se a gente teve aluno ou não, acredito que não. Ficava aquela sensação meio esquisita de ver a escola vazia. No caso do estado os alunos realmente desapareceram, tanto que chegou na quarta-feira já veio a ordem de que não era mais para o professor ir na escola. Acredito que no município foi a mesma coisa. Tudo muito rápido, entre uma sexta-feira onde você tem uma frequência baixa de alunos, principalmente à noite, e na semana seguinte praticamente você não tinha mais alunos. Eles foram para casa e a gente não teve como explicar direito o que estava acontecendo.

Como acontece o ensino nesse período de distanciamento social? Como se dá a relação professor-aluno? Quais aspectos estão envolvidos? Quais os fatores determinantes?

Um aprendizado imposto da noite para o dia com a chegada do vírus causador da COVID-19 e a sua facilidade de se espalhar de pessoa para pessoa. Com o contato, tão presente em nosso cotidiano, como um aperto de mão ou um simples toque, se pode contaminar ou ser contaminado. Agora o rosto sempre protegido por uma máscara, que de confortável não tem nada, nos impele a comunicação na troca de olhares, a força do olhar e a distância física.

Muitos buscaram entender essa nova ferramenta e dar continuidade à vida, cada qual com os seus motivos: trabalho, saúde física ou emocional, desespero, entre

outros. Nos contextos escolares não foi diferente, os sistemas foram delimitando os fazeres, alguns mais assertivos e outros brincando de fazer educação. Ocorreu uma intensa troca de conhecimentos e informações nos grupos de professores, um apoiando o outro. Mas faltou, por parte de quem determina, ouvir os professores e as escolas, disponibilizar ferramentas, orientações e dar autonomia. Ouvir os professores deixa transparecer esse momento avassalador.

Em relação aos professores, depois de muita luta, a classe entrou no calendário de vacinação com prioridade. No estado de São Paulo, a imunização começou em abril de 2020.

Neste segundo momento, as narrativas dos professores demonstram o quanto essa distância do cotidiano escolar, da vivência com os estudantes foi sofrida, esse descaso por parte das autoridades com o profissional da educação, com os sujeitos que participam do ensinar-aprender.

Mais uma vez as decisões firmadas em gabinete, com objetivos diversos daqueles pensados pelos sujeitos da escola que conhecem os seus estudantes, prejudicam o processo de apropriação do conhecimento, como podemos observar na fala do professor de Informática:

Com relação às aulas a distância, o percurso que a rede optou por fazer é um caminho que não é de aproximação, no sentido de colocar o professor diante das crianças ou mesmo de ouvir as vozes das crianças e elas ouvirem as nossas. Ainda é muito distante. Na verdade, eu não sinto ainda, eu não sinto autonomia, liberdade... não sei qual é o termo... eu não sinto que estou dando aula para as minhas crianças como gostaria de dar. Eu acho que ficou muito vazio, a gente não tem estreitamento de laços. O que a gente vivia deixou de ser real muito rapidamente, então eu acho que o início de aula on-line - de aprender a fazer on-line - é muito desafiador para todo mundo. Eu sinto que a gente precisa de regra clara estabelecida, que seja realmente uma diretriz consistente para que a gente possa desenvolver esse trabalho. Mas a gente vai esbarrar em diversas carências porque os alunos não têm internet, as famílias contam com espaços de estudo muitas vezes não apropriados, em contextos não apropriados, então tudo isso dificulta ainda mais a rotina que a sala de aula envolvia. Fatores que estavam sob controle... eu tinha as carteiras, a lousa, aquele grupo de crianças todos os dias, com a situação de ausência de alguns, mas dentro de um padrão, de uma rotina, e, de repente, tudo isso se desconstrói. Para as crianças também deve estar sendo difícil porque elas não têm mais aquele espaço de convivência e de aprendizagem que era real para elas, real no sentido de palpável mesmo, real no sentido do imediato. Durante a aula, elaborar suas questões e apresentar imediatamente. Faltou interação humana, eu acho. Eu trabalho em duas esferas, na faculdade e com as crianças. Na Faculdade foi possível preservar essa questão, temos um grupo de WhatsApp, somos todos adultos, a gente tem uma outra forma de diálogo, existe uma autonomia maior do estudante enquanto estudante, agora no caso das crianças a sensação de vazio é tensa. A gente não tem perspectiva de retorno e nem desejamos isso neste momento porque qualquer coisa que

viesses, talvez fosse precoce diante do que a gente tem diante de nós na pandemia. A gente fica esvaziado, mas ansioso. Queremos ouvir a voz, a gente quer ser ouvido. O professor gosta de gente e agora está trabalhando com máquinas, sem saber o que acontece com as crianças, quais são os equipamentos que elas têm e as ferramentas que elas têm para acompanhar a escola. Então fica mais incerto, mais inconsistente. A gente não sabe exatamente como será e nem quando será, mas a gente sabe que isso irá acabar logo para todo mundo se encontrar com saúde.

Os profissionais trabalham em mais de uma rede de ensino, como já relatado pelo professor de Informática. A grande maioria dos professores precisa trabalhar em dois e até três períodos por conta de questões salariais. O professor de Ciências trabalha em três redes de ensino: municipal, estadual e particular, e nos traz um comparativo de como cada um se adaptou para dar conta do ensino remoto.

[...] no caso da escola particular foi um pouco diferente porque a gente ficou afastado praticamente uma semana no máximo duas, não lembro de cabeça, porque já emendou com aulas remotas e foi uma coisa muito boa, porque a gente já teve, não chegou a perder o contato com os alunos, foi um intervalinho aí de uma semana. E as aulas remotas via Google Meet funcionaram e funcionam muito bem. A gente passou uma semana praticamente planejando, discutindo que era uma ferramenta nova para a gente também. Aprendemos, não vou dizer que na marra, mas aprendemos. O que eu sinto na escola particular é como se estivesse em sala. A gente teve uma preocupação muito grande no retorno... repito: eles não ficaram tanto tempo sem aula, acho que foi só uma semana. A gente teve o cuidado de perguntar como eles estavam se sentindo, como é que era isso para eles, essa pandemia, o que eles estavam percebendo, e deu tudo certo, uma coisa que tem funcionado. Mas é lógico isso é fácil para uma clientela onde todo mundo tem acesso à internet. Não que eles não tenham dificuldade porque a internet cai, a energia acaba, a gente tem esses problemas durante a aula, mas tem funcionado. No caso do Estado e do Município, o Estado a gente fez alguns encontros com o Meet com os alunos, mas o Estado se ampara no Centro de Mídias. O Município é, entre os três, o que está mais distante do aluno. Foram feitas atividades, primeiro por grupos, agora cada professor faz para a sua turma, mas, mesmo assim, ainda estamos distantes dos alunos, então acho que isso atrapalha bastante. Eu fui corrigir provas na escola ontem, da turma que eu sou representante do 8º C, e eu não lembro praticamente da maioria dos alunos, mesmo porque era a primeira vez que eu estava dando aula para eles esse ano e fiquei um mês e meio com eles. Então não lembro. Esse vínculo está se perdendo. Tenho preparado atividades com carinho pensando neles, só que assim está bem distante. A gente até tentou fazer algumas coisas, montar um plantão de dúvidas, mas parece que a coisa não vai para frente, não anda. Lembrando sempre que acho que é a clientela que menos tem acesso, onde a gente vai ter mais alunos sem acesso à internet.

Os relatos se complementam e mostram que a rede municipal poderia ter um outro direcionamento, existiam outras possibilidades que os educadores tentaram mostrar. Era necessária uma aproximação rápida, quem sabe pelas redes sociais,

para entender a dimensão das dificuldades dos estudantes. A fala da professora de Inglês demonstra a preocupação com a aprendizagem dos estudantes.

Eu não posso falar que a educação de uma maneira geral está ruim, porque a gente sabe que pelo Brasil afora tem gente que está tentando fazer alguma coisa, embora esteja muito complicado. Com relação a São Roque, eu tenho que ser muito honesta, a gente tem um problema de ingerência. Nós, enquanto Barão de Piratininga, sempre trabalhamos muito e gostamos de trabalhar. Não é uma profissão fácil, só que a gente arregança as mangas e faz o que tem que ser feito, o melhor para o aluno, o melhor para a escola. A gente pensa em uma Educação de qualidade. Com relação a 2020, esse ano pandêmico, eu sinto que estou estagnada porque a gente não está conseguindo trabalhar como nós gostaríamos...

[...] foi difícil de aguentar porque a gente sentiu como se a escola não fizesse mais parte, naquele momento, dos planos para 2020. Foi essa sensação que eu tive e é o que estou sentindo até agora porque efetivamente eu não estou sendo professora. Nós tivemos algumas reuniões de área, atividades que foram propostas para que se fizesse para o município inteiro, mas para mim isso é muito frio porque eu não tenho o contato com o meu aluno de maneira presencial e não sou eu que estou preparando as atividades para ele. Vi que alguns professores não estavam nem aí com a qualidade e, de certa forma, quem estava gerenciando, seja o coordenador responsável, o supervisor ou quem quer que seja. A sensação foi essa de que eles não sabiam nem onde estavam. A gente percebe que eles não têm conhecimento da área em si. Eu me polio muito com relação a qualidade de ensino porque eu cheguei a dar treinamento para professor de Inglês e eu vejo que tem gente que está ali que resolveu fazer o concurso de Inglês porque tem menos concorrência. É horrível falar isso, mas eu não vou colocar como uma questão antiética, porque mais antiética é a pessoa querer dar aula sem saber. Eu tenho um professor que vai dar aula e não fala a língua e isso me magoa muito, porque eu vi que meus alunos estavam jogados à míngua. E pior de tudo, quando deram uma liberdade, entre aspas, para que fizéssemos as atividades nas escolas, não foi da maneira que eu esperava porque, de certa forma, muitas das informações ficam centralizadas no Departamento de Educação. Não tem diretrizes e a escola tenta fazer o que pode. É difícil, gostaria de ter uma aula on-line com os meus alunos, nem que fosse uma hora na semana, para poder estar explicando para eles. Eu vejo que eles estão tendo uma autonomia sem organização, eu entendo que o aluno precisa ser autônomo, mas ele também precisa de direcionamento para essa autonomia. Não é o que está acontecendo. A gente tenta fazer o melhor da maneira que nos permitem, mas para mim não é o bastante e está sendo uma situação muito difícil. Eu me sinto como se estivesse vagabundeando por determinação de um Departamento de Educação e percebo também que a gestão da escola também se sente de certa forma podada, por não ter uma diretriz. O que mais me dá essa sensação, que me parece, quem está ajudando a gestão em determinadas situações, ou melhor, na maior parte delas, a conduzir somos nós professores que sempre arregaçamos as mangas e que tentamos fazer alguma coisa de bom para a Educação.

O professor de História também registra a sua preocupação com a aprendizagem dos estudantes, entende que existe um grande prejuízo educacional e que os estudantes não estão recebendo a assistência educacional necessária.

[...] a partir do momento que não tivemos mais aulas presenciais, criou para mim uma preocupação que os alunos que já tinham déficit de aprendizagem em aulas presenciais ficariam mais vulneráveis, teriam um aprendizado muito prejudicado. Com o passar do tempo, São Roque demorou muito para haver um contato, isso é uma opinião espontânea entre escola e ou entre departamento de Educação e alunos. Ficou um tempo ocioso e esse vínculo com os estudantes foi aos poucos sendo rompido. Depois de um tempo, como as previsões de retorno rápido não se concretizaram e vimos que a coisa ia demorar muito, tentou-se um contato que foi cada vez ficando mais complicado. Agora que estamos fazendo atividades com os alunos, as atividades da parte dos professores, não querendo defender o meu lado, mas da parte dos professores me parecem bem elaboradas e existe uma boa vontade entre os profissionais no geral de estar adequando os conteúdos para que haja a menor perda possível no aprendizado dos estudantes. Existe também, uma tentativa de usar ferramentas online para que essa demanda seja cumprida, porém é aquela coisa né, existe uma devolutiva muito pequena dos educandos, por conta de vários motivos, talvez a falta de acesso à internet, talvez a questão da extrema pobreza mesmo, a questão também do próprio ambiente familiar não ser propício a esse estudo domiciliar. Com certeza isso preocupa porque na verdade me parece um ano perdido. Eu acho que o primeiro dia sem aula, a distância, foi demorando o contato com os estudantes, eu achei uma falha bem grande das instituições de ensino nesse sentido. Pessoalmente como eu sou um professor que tem como talvez uma virtude mais a explicação oral, o diálogo oral, a interação com os alunos principalmente com os jovens, para mim fica bem difícil esse acesso somente a partir de textos. Para mim é bem complicado porque esses alunos, a meu ver, muitos não têm uma interpretação de texto adequada para compreender de fato as nuances dos textos históricos, talvez eles não entendam o conteúdo, eles sabem o que está escrito ali, mas aquilo carece de uma explicação mais elaborada, de um especialista explicando. Se não, não faz sentido o ensino. O ensino seria algo descartável, mas não é. O ensino é necessário e espero que logo possamos estar interagindo com os alunos porque a falta de interação, a meu ver, é o grande problema dessas aulas domiciliares.

No Brasil as mais de 180 mil escolas de Ensino Básico e cerca de 48 milhões de estudantes passaram a cumprir o isolamento social como medida preventiva para a propagação do novo coronavírus. Quase metade dos estudantes matriculados são atendidos pelas redes municipais de ensino.

Calendário Escolar revisto, determinações chegando, retificações das determinações, tempo de férias e recesso. Em meio a tudo isso, a expectativa de um retorno rápido que não aconteceu. Todos tiveram que reorganizar o seu cotidiano social de forma brusca, novidade para todos, certeza nenhuma. E o ensino precisou se reinventar como num passe de mágica.

No Barão, um professor apoiou o outro. Os colegas mais experientes montavam tutoriais para os demais conhecerem o modo de se trabalhar com as plataformas disponíveis e gratuitas. Foi uma parceria incrível e todos da escola se mobilizaram.

Com base nisso, novos relatos são importantes para registrar os momentos vividos pelos professores. Além dos aspectos físico, espiritual, familiar e profissional, a saúde emocional também interfere no nosso dia a dia. É possível se manter verdadeiramente saudável com o distanciamento social? Quais os sentimentos de um professor neste momento pandêmico?

Deixar de conviver com os estudantes, de sentir na pele, no cheiro, no olhar, o ser professor no cotidiano escolar é como tirar a essência dessa profissão. E esse distanciamento prolongado deixa marcas. Jamais um professor será substituído por máquinas, será sempre o mediador. Esse contato entre indivíduos além do seu grupo familiar é de uma riqueza incalculável como podemos observar no relato do professor de Informática.

Ao mesmo tempo, aquela sensação de vazio, de que aquela rotina faz parte da vida da gente e que não dá mais para dissociar de maneira simples, não dá para tirar isso da pele da gente. É muito ardido interromper essa rotina do jeito que ela foi interrompida em especial com as crianças porque existe um abraçar, um olhar, um dialogar, um entender, uma outra dinâmica que se perde diante do virtual e da distância. Tem hora que bate um vazio de: Como será que eles estão? O que será que eles estão fazendo? A gente tem que se concentrar em outras coisas para não endoidecer dentro disso. Eu acho que a nossa rotina enquanto professores, de vivenciar o dia a dia, o contato, enfim a intimidade no sentido paternal, maternal da palavra quando a gente tinha todo esse cotidiano, essa partilha diária... perder isso do dia para a noite é uma ruptura muito cruel.

O compromisso do professor é com o estudante, com a sociedade e, neste momento de crise, transpareceu a falta de competência dos governantes para deliberar com foco no ensinar-aprender. Esses desmandos se refletem em sentimento de impotência, angústia e tristeza conforme os relatos das professoras de Inglês e Matemática, respectivamente.

Não estou me sentindo efetivamente como professora, então é muito complicado lidar com essas situações. Eu acho que o que atrapalha muito na educação aqui de São Roque e acaba refletindo na nossa escola Barão de Piratininga, é que nós temos professores aqui na rede que são militantes de causa própria e eles acabam pressionando o Departamento de Educação, muitas vezes sem coerência e atrapalham. O que me magoa é que eu estou ganhando para ser professora, continuo recebendo o meu salário e uma gratificação de permanência para sala de aula, mas eu não estou em sala de aula. A minha obrigação, o que seria ético da minha parte, é fazer o meu melhor e eu não estou sentindo isso, estou me sentindo podada.

Estava me sentindo muito mal, falei que no começo da pandemia eu não tinha nem coragem de sair de manhã para caminhar ou correr, porque para mim os pais iriam estar vendo e falar “a professora está ganhando e está aí caminhando”. Eu fui sair de casa em final de julho/comoço de agosto, e tinha vergonha de estar na rua, sabendo que estou ganhando e essas crianças sem estudar...

...tinha o grupo de matemática que preparava atividades para a rede inteira e jogava no site. Eu só estava fugindo porque eu não queria gravar vídeo, entrei em desespero. Eu tenho dificuldade para gravar vídeo e até fazer áudios. Graças a Deus optaram em fazer atividades por escola. A gente tem muito mais trabalho, lógico, porque até então um grupo prepara e o outro ficava tranquilo, mas é muito melhor. Quando eu vou preparar, por exemplo, no meu caso fiquei com os sétimos anos, eu faço as atividades pensando nos meus alunos. Então eu sei o que posso preparar, a maneira que eu posso falar com eles, que figuras eu posso colocar, se eu posso ter uma brincadeira lá meio da atividade ou não, porque daí estou fazendo para o meu estudante. O que a gente pleiteou era ter pelo menos uma reunião por semana com eles.

Muitas incertezas e a preocupação com a vida, o noticiário diariamente nos informa do avanço da doença, cresce o número de infectados/as e de mortos, medo do que está por vir diante do triste cenário mundial. Professores de Ciências e Língua Portuguesa, respectivamente, nos demonstram esse movimento de medo e esperança.

[...] na semana seguinte, quando já não tinha mais alunos, a primeira sensação que tem é de tranquilidade, de sossego. Vou poder respirar aliviado essa semana e vai ser mais tranquilo. Havia uma preocupação um pouco maior com a doença, mas não tinha as condições que a gente tem hoje de estar todo mundo de máscara, não precisava disso. Então uma situação até que confortável, vou manter o distanciamento social, vou sair o mínimo possível da minha casa, na verdade eu não deixei de ir à casa da minha mãe nenhum dia, tomando cuidado. Vai estar tudo certo, com o passar do tempo veio a questão de que era recomendado que usássemos máscaras mesmo se não tivesse sintomas e a coisa foi se avolumando até que chegar nos dias de hoje, onde acredito que ninguém se sinta seguro em relação a doença.

Com o passar do tempo, a primeira semana, ou primeiro dia, ou segundo, é aquela sensação de tranquilidade, mas depois já vem aquela sensação de vazio de que você está em casa, os estudantes estão em casa, mas não está acontecendo nada. Ao mesmo tempo você não está de férias, como foi colocado que ficamos de recesso um tempo ou até de férias. Em alguns casos a gente até ficou de férias, mas não são férias normais, onde você pode pegar e sair viajar. Acho que ficar trancado em casa eu não considero férias. As minhas sensações neste momento são de que a gente vai ter que ter um pouquinho mais de paciência ainda e, o que já disse outras vezes, acho que o que menos me preocupa neste momento é a questão do burocrático, na questão que tem que dar uma nota para fechar o bimestre. Me preocupa mais é saber como esse aluno está, quais são as condições que ele está enfrentando, acho que isto é que é importante. Não que o estudo não seja importante, não é isso, dar menos importância a parte burocrática da coisa, repito: isso é o que menos importa neste momento. Não acho que seja um ano perdido, mas eu particularmente acharia melhor que só o ano que vem mesmo, começar um novo ano com os ajustes necessários. Acredito

que vale muito mais a vida do que um ano na escola. Ter aula agora, tanto professor, aluno, funcionário, gestão, uma situação em que a gente não tem segurança, expor a riscos, não compensa. A vida humana tem um valor muito maior que um ano de escola.

Nessa quarta-feira à noite tivemos nosso último HTPC presencial, aliás, o último encontro, provavelmente do ano com um grande grupo de professores. Houve um lanche muito descontraído, campanha para que eu engordasse na quarentena, abraço em tempos de pandemia (de dois professores protegidos com uma toalha de plástico); muitos risos e otimismo. Como de costume, conversamos sobre algumas pendências escolares e pedagógicas e como resolvê-las. Terminamos com um relatório sobre o perfil das salas. Em seguida, fomos para casa na esperança de que nenhum colega nosso fosse surpreendido com este mal que virou o mundo de cabeça pra baixo. No Barão nos sentimos família, nos víamos todos os dias, conversávamos sobre nossos problemas, medos, anseios, brincávamos, ríamos e até brigávamos... foi muito difícil distanciar uns dos outros.

Seis meses e ainda seguimos enfrentando a pandemia. Uma longa quarentena. As aulas ainda estão suspensas, mas mais difícil de controlar são os adultos. Alguns ainda não enxergaram a realidade; não querem os filhos nas salas de aula, mas querem passear com eles à praia, shoppings... Eu sigo em casa, assim como muitos colegas, na esperança de que dias melhores virão e de que no próximo ano, tenhamos um ano mais seguro para todos.

No sistema municipal de ensino de São Roque ficou decretado que as aulas presenciais não retornariam no ano de 2020, permanecendo as atividades postadas no site criado pelo Departamento de Educação para esse fim. Foi publicada a Portaria número 7 em 23/03/2020, que dispõe sobre a reorganização do calendário escolar regulamentando as formas de realização de atividades escolares não presenciais, e a Portaria 9 de 20 de julho de 2020, que dispõe sobre a reorganização das atividades pedagógicas remotas, sua realização e registro.

No mês de outubro foi autorizada a aula online pela plataforma Google Meet, com os professores da própria escola, após muita insistência de alguns educadores e a cobrança do Conselho Municipal de Educação.

Como aconteceram poucos encontros online com os estudantes da EMEF Barão de Piratininga, a frequência é baixa, principalmente dos sextos anos que chegaram este ano na escola (2020) e tiveram pouco contato com os professores. São apontados por alguns funcionários e professores como fatores determinantes da baixa frequência: a falta de comunicação com as famílias (alguns estudantes não estão sabendo das aulas online), a demora para iniciar esse contato via internet, falta de acompanhamento dos familiares (crianças brincando na rua e em outras atividades no horário da aula), não ter internet, residir em local sem sinal de internet, não possuir computador e ou celular, falta de informação.

Para os estudantes que participam das aulas tem sido uma experiência muito rica. Eles se sentem motivados. Acompanhei uma aula das disciplinas de Informática e Arte e era perceptível a alegria de todos, com um diálogo fluido e acolhedor dentro do processo de ensinar aprender.

Uma estudante relatou que ficou muito emocionada quando ouviu a voz do professor de Língua Portuguesa em uma aula gravada, chegando a chorar. Agora conta estar mais feliz por poder conversar com os professores, tirar dúvidas, ver e ouvir seus colegas. Um outro estudante mencionou a dificuldade que encontrou na resolução das atividades, que seu pai não tinha paciência para explicar e não entendia algumas coisas.

4.3 Aprendizagens

É muito interessante perceber os diferentes percursos, os recursos, as metodologias, o formato de pesquisa de cada docente para preparar a sua aula. Dentre os relatos foi muito importante a contribuição do professor de Informática. Ele entende que:

[...] as aulas estão em todos os lugares! Tudo o que fazemos tem possibilidades didáticas. Vejo o mundo com as lentes do educador. Há semanas em que faço como a dona de casa que olha para a geladeira e com base naquilo que ali se encontra realiza o banquete para todos os membros da família. Temos que saber os gostos, os afetos e as linguagens das crianças. Tento manter um vocabulário provocador: se falo a linguagem das crianças e utilizo termos que elas mesmas colocam diante de mim, também as estímulo jogando no cotidiano palavras que elas precisam "traduzir". Amplio o pensamento enquanto finjo que estou apenas explicando o conteúdo. Preparar aulas envolve conhecer o todo: o ambiente, as ferramentas, o público-alvo, as expectativas da unidade escolar e das famílias. Quando preparo uma aula tento ser diversificado, busco estratégias diferentes sempre que posso para que, talvez, nessa pluralidade pedagógica eu possa alcançar o máximo possível de pessoas.

É marcante nos depoimentos dos docentes a importância de preparar a aula, organizar a sequência de atividades, revisar o material que será trabalhado, delimitar o tempo de cada atividade, manter os registros atualizados, pesquisar o conteúdo que será ministrado para ampliar as possibilidades de aprendizagem, conhecer os estudantes e buscar estratégias desafiadoras para envolvê-los na dinâmica da aula, colocar a pauta na lousa no início da aula e retornar no final para verificar se podem avançar. Podemos observar nos relatos das professoras, de Língua Portuguesa, e de Matemática, respectivamente.

Com base no planejamento, utilizando o livro didático do ano letivo ou outros livros sobre o assunto, eu preparo uma sequência para trabalhar com os alunos. Escolho texto teórico, gênero textual e alguns exercícios. Às vezes anoto os passos da aula ou até já tenho pronto na minha mente (por causa da prática): o momento em que vou motivar os alunos, ou seja, apresentar o assunto, o momento de leitura, de explicação, de atividades, correção e avaliação. Se achar algo que acrescenta nas aulas, salvo para apresentar, como um vídeo, uma música, um outro texto, entre outros. Algumas vezes peço antecipadamente para a equipe da escola o uso da sala de vídeo, de rádio ou notebook.

Para uma boa aula, primeira coisa é gostar daquilo que você faz e não encarar somente como obrigação. Por obrigação a coisa não vai funcionar. Segundo é conhecer bem o grupo, a gente sabe que nem sempre o que funciona com uma turma funciona com outra, nem sempre o que funciona com um estudante vai funcionar com outro. Aula boa é aula preparada, pensada com antecedência. Você ter bem claro o objetivo da aula, o assunto que você quer desenvolver, traçar uma rota para atingir esse objetivo. Se não tem conhecimento total do assunto, se for algo que você não domine totalmente, você deve pesquisar bem o assunto e não simplesmente chegar na sala e jogar todo conteúdo de uma vez só para cumprir tabela. Desse modo a aula não vai ser boa, isso é fato. Estou sempre com o planejamento na mão, está na caderneta, dentro da minha agenda, estou sempre riscando, passando marca texto aquilo que já trabalhei, o que preciso trabalhar, mas isso é coisa minha, eu não consigo trabalhar se não tiver um norte um roteiro, primeiro eu tenho que ter uma organização. Eu preparo baseado em pesquisa, faço pesquisa em livros, atividades que tenho em livros, pesquiso muita coisa na internet, tem muitas atividades boas que outros professores já aplicaram, que as vezes eu consigo aplicar na íntegra, as vezes eu tenho que adaptar. Gosto sempre de levar atividades prontas, porque facilita muito o desenvolvimento e a dinâmica da aula, a aula flui. Eu tenho costume de andar com agenda, preciso ter anotado, olhar um dia antes, que exercício vou trabalhar, já dou uma olhada ali no geral, marcar os números que irei trabalhar, que tenho para corrigir. Terminando a aula eu já deixo anotado alguma coisa para próxima, eu preciso ter tudo anotado, ter esse roteiro, essa sequência para minha aula fluir.

Um ponto forte da reunião é que sempre ganha adesão da maioria dos professores é a falta de tempo para preparar as aulas, para pesquisar, para corrigir e dar a devolutiva aos alunos. O HTPC, que compõe a jornada de trabalho, pode chegar até 4 horas/aula, conforme a carga horária de cada professor, mas os docentes alegam que esse tempo não dá conta da demanda de trabalho, principalmente por ser coletivo. Em São Roque ainda não foi implementado o período para atividade extraclasse que deve corresponder a 1/3 da jornada, previsto na Lei do Piso nº 11.738/08, que enfatiza a valorização profissional articulando três elementos constitutivos: carreira, jornada e piso. O professor de Ciências, menciona que faz pesquisas, mas questiona a falta de tempo do professor para pesquisar.

Eu preparo minhas aulas seguindo o livro didático adotado pela escola e complemento conforme a necessidade, pesquisando artigos e vídeos na internet, por exemplo. Para preparar uma boa aula é necessário ter acesso aos materiais didáticos e à internet. Também são necessários equipamentos e tempo, por isso a importância do 1/3 da carga horária do professor ser sem alunos.

O profissional da Educação precisa estender a sua jornada de trabalho para melhorar minimamente a sua renda, reduzindo ainda mais o tempo necessário para preparar as aulas, pesquisar e dar continuidade a sua formação continuada. Existe no senso comum a falsa impressão de que é fácil ser professor, que tem o livro e é somente seguir, mas para melhorar o ensino é preciso valorizar esse profissional.

Quando o assunto são as aulas de Educação Física, transparece a crença de que basta jogar uma bola na quadra e pronto, mas isso não corresponde à ação pedagógica do professor que prepara as suas aulas com criatividade, sempre alinhavando a teoria e a prática.

São vários os fatores, muitas vezes tornam-se automáticos, são incorporados até sem que possamos perceber. Mas parando para analisar existem alguns que são fundamentais.

- Um ponto é o processo que a turma está vivendo, pois relacionar o tema anterior com o que se irá trabalhar é fundamental, caracterizando a continuidade;

- Outro ponto importante está nas características da turma e até de alguns alunos com os quais precisamos contar para liderar e outro que precisamos pensar para incluir. Importante que todos estejam no processo, mesmo que os níveis de conhecimento sejam diferenciados, o que sempre são;

- Sabido isso é pensar nas etapas da abordagem do conteúdo para realizar a tematização. As etapas principais que muitas vezes se intercalam e estão presentes na mesma tarefa são: sensibilização; levantamento de conhecimentos prévios; problematização; apresentação do planejamento de atividades (propondo atividades que favoreçam a pesquisa, a troca de experiências, a experimentação e a análise de situações); ouvir os alunos como sujeitos no processo; definir o papel dos alunos na aula é outro ponto fundamental, pensando em atividades individuais e coletivas; por fim é importante pensar na avaliação constante, com os alunos durante o processo. É fundamental que os alunos participem, verifiquem o que aprenderam, resgatando o que sabiam e o quanto avançaram com as atividades.

Um outro apontamento a se considerar, são os recursos que o docente utiliza para identificar se os estudantes se apropriaram do conhecimento. Observamos que eles não acreditam que uma prova no final do bimestre seja suficiente para identificar se o aluno aprendeu - ela é um instrumento dentre tantos outros. Acreditam que precisam conhecer, dialogar com os estudantes para entender o seu processo de

aprendizagem, observar como participam, realizam e interagem com a proposta educacional, estar muito próximo do estudante, ouvir o que eles querem contar. Essa relação mais efetiva entre o professor e o estudante possibilita entender o caminhar do ensinar-aprender.

Destaco o relato da professora de Matemática:

Eu acho que é mais observação do desenvolvimento, observando o desenvolvimento deles durante as aulas, o dia a dia mesmo. Prova é uma coisa que eu não consigo entender que avalia a aprendizagem, então eu me engano muito. Estudante que eu sei que participa da aula, que está ali, que está fazendo, chega na prova faz bobeira, mas não é que ele não sabe fazer, ele até sabe, mas na prova não sei, não saiu do jeito que deveria sair e vai mal. Tem aqueles que não vou dizer que aprenderam, mas estudou para a prova, foi até bem, dali dois dias não sabe mais nada. A prova as vezes me frustra um pouco, eu sempre falei que preferia não dar nota de zero a dez, falar "esse aprendeu", "esse não aprendeu", "esse está no meio termo e precisa reforçar um pouquinho até que ele aprenda", mas precisa ter papel precisa ter nota... a gente continua nessa, mas saber se ele aprendeu ou não é no dia a dia mesmo.

Assistindo às aulas da professora de Matemática, pude observar que ela passa nas mesas conversando com os estudantes para saber como eles chegaram naquele resultado. Não entrega a resposta pronta, mas sim vai cuidadosamente fazendo perguntas e mostrando o caminho, diversifica as atividades para verificar se todos entenderam o conteúdo proposto. Como ela acompanha o desenvolvimento de seus estudantes, consegue identificar o processo de construção de conhecimento da turma e preparar as suas aulas focadas nas necessidades de cada um.

Não estamos falando de uma aula show, cheia de parafernalias. O diferencial é um profissional comprometido com a ação educativa, que respeita os estudantes trazendo para a sala de aula o que ele tem de melhor, uma aprendizagem significativa, possibilitando que todas e todos participem ativamente do processo de ensinar-aprender, professor e estudante como sujeitos aprendizes.

Já no final da reunião, o professor de Informática nos mostra que todos precisamos trabalhar para viver, que então sejamos felizes em nosso trabalho.

[...] coisas que me tocam, que me atingem, que me formam. Em hipótese alguma minha forma de pensar é a única, é a certa ou é a definitiva; estou em processo. Não quero certezas, não quero o peso sorumbático do poder final sobre os saberes e sobre as ações. Sou feliz em sala de aula porque aprendo mais do que ensino, porque lido com pessoas que amo e que me amam, sou feliz em sala de aula porque não estou ali simplesmente pelo dinheiro. Claro que preciso pagar minhas contas e sobreviver... mas meu ganha-pão é também foco dos

meus afetos, como o pescador ama o mar ou como músico ama a sonoridade de um instrumento.

São muitos os desafios que os professores encontram na gestão da sala de aula. Participando do cafezinho na hora do intervalo ouvimos vários relatos, uns entram na sala dos professores frustrados, tensos, outros sem expressar sentimentos e outros realizados. Entre um cafezinho, uma bolacha, uma fala descontraída para animar o grupo, o desabafo de uma professora me chama a atenção: é o desafio de em pleno século XXI, conquistar e atingir os estudantes dentro de uma sala de aula, dentro de uma escola, fechada, sabendo que eles têm tantas coisas mais interessantes fora da escola, como as redes sociais, o celular, o videogame, a namorada, a saidinha... Competir dentro da escola com essas coisas é muito difícil. É um desafio muito grande porque a aula tem que ser muito bem planejada, utilizar as novas tecnologias da comunicação e informação para conquistar o estudante e conseguir que realmente a aprendizagem aconteça.

São tantas e tantas situações que acontecem em uma escola, em um único dia, que não daríamos conta de retratar. Os profissionais que ali atuam precisam estar sempre atentos, ter sabedoria e serenidade para compreender e desvendar as suas riquezas. Para sentir esse cotidiano escolar pulsante, seleciono uma situação vivida pelo professor de Informática, a direção e alunos:

Uma situação que marcou minha vida? Aquele episódio em que eu estava explicando a sintaxe nas sextas séries. Claro que há outras, mas essa me é especial. Ao explicar o verbo intransitivo, eu dizia, por exemplo, que "o cachorro mijou". Precisa explicar o que foi mijado? Não, então não há trânsito. Conduzi essa forma didático subversiva nas 4 salas em que eu era regente..., mas uma delas estava agitada demais e, eu, como professor iniciante em seu primeiro ano de escola, precisei chamar a diretora para conversar com a classe (nunca fui fã da ideia de chamar a direção para resolver meus problemas, mas em início de carreira isso às vezes é mais necessário que depois de alguns anos de prática). A diretora chegou à sala e começou a conversar com os alunos, de repente, olhou para a lousa e, indignada com aquele "O cachorro mijou" na lousa, perguntou para mim o que era aquilo (achando que algum aluno havia feito a provocação, decerto). Respondi apenas que era um recurso didático e mantive o silêncio sério enquanto ela terminava sua preleção para a sala. Naquele dia, fui a outra sala de sexta série e, teimoso, utilizei o mesmo termo na lousa... acontece que nessa sala eu expliquei o que havia acontecido na outra turma e havia falado sobre a saia justa que eu havia passado. A porta da classe estava emperrada, precisava ser arrastada, barulhenta, para que se abrisse. No meio da aula alguém arrastou a porta para falar comigo e, preocupado com minha integridade moral depois do que havia acontecido na outra turma, um menino sacou o lápis e o apontador do estojo e em 3 movimentos havia apagado a palavra "mijou" da lousa e foi para o cesto de lixo "apontar o lápis". Naquele dia entendi o

valor da cumplicidade na relação de sala de aula. Do afeto em mão dupla, da parceria que precisa acontecer no dia a dia.

Até então a EMEF Barão de Piratininga estava no primeiro bimestre do ano letivo de 2020 e toda demanda de trabalho da escola se organizava conforme o planejado, no final do mês de março o início das atividades pedagógicas remotas no período de restrição das atividades escolares presenciais.

A questão que permeia esta tese é: Como acontece a produção de subjetividades nas relações de ensinar-aprender nesta escola, no ano de 2020? Observando os primeiros meses do ensino presencial, passo a destacar os aspectos que interpreto como mais relevantes.

Primeiramente é necessário destacar que nada substitui o cotidiano escolar, o olho no olho, a relação educador/a-educando/a, o diálogo, a convivência que prepara para a vida em sociedade. Neste contexto socializador a escola trabalha com os quatro pilares da educação (DELORS *et al.*, 2021): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Como também a casa não substitui a escola, os familiares nesse período pandêmico não deram conta da demanda educacional.

A relação professor-aluno é fundamental para que o aprendizado ocorra. A pandemia deixou claro isso, quando esse convívio foi tirado, sem dúvida, as perdas cognitivas e emocionais foram enormes. O aprender a ser e sentir.

Nos primeiros meses do Ensino Remoto, o Departamento de Educação de São Roque centralizou todas as ações criando um site para publicar as atividades para todos os estudantes da rede. Mas as orientações eram confusas e mudavam com frequência, deixando toda comunidade escolar sem um norte, sem diretrizes sólidas. Quinzenalmente alguns professores elaboravam as atividades que, após análise dos coordenadores e supervisores, eram publicadas em um site criado pelo Departamento de Educação e Cultura e disponibilizadas para todos os estudantes do sistema. As atividades também poderiam ser retiradas impressas nas escolas.

As escolas ficaram de mãos atadas e não tinham autorização para realizar nenhuma atividade on-line ou pelas redes sociais. Com isso, os professores ficaram completamente distantes dos estudantes.

Em um segundo momento o Departamento passou a solicitar que alguns professores gravassem vídeos curtos (10 minutos) sobre o conteúdo das disciplinas

para serem postados no site. Depois incluíram no final do bimestre uma prova de múltipla escolha, contendo questões de todas as disciplinas.

Após várias reivindicações dos professores, no mês de agosto foi autorizado que cada um elaborasse as atividades para os seus alunos e posteriormente, no mês de outubro, a possibilidade de aulas on-line pelo Google Meet, que não eram obrigatórias. Os estudantes poderiam entregar as atividades impressas na escola.

Esses fatores são identificados pelos professores da EMEF Barão de Piratininga como determinantes para o distanciamento dos alunos, pela falta de interesse e pelo número reduzido de alunos nas aulas on-line.

É evidente que teremos um retrocesso no sistema educacional da cidade de São Roque. Os professores, a equipe gestora e demais funcionários das escolas terão um grande desafio para minimizar as perdas dos estudantes e a desigualdade social.

Defendo a ênfase em políticas públicas voltadas para a juventude, de modo a acolher os jovens sem preparo para o mercado de trabalho, que exige mais qualificação, gerando diferenças cada vez maiores.

Os estudantes dos 6º anos que haviam ingressado na EMEF Barão no ano de 2020 (lembrando que a escola atende de 6º a 9º) tinham praticamente dois meses de aula na nova escola e ainda estavam conhecendo os professores, estabelecendo vínculos, quando tiveram que passar a cumprir o distanciamento imposto pelo sistema municipal e pela COVID-19. Conversando com um pai, ele relatou que o seu filho não se lembrava dos professores.

Além das aulas regulares de Educação Física, a EMEF Barão de Piratininga contava com os projetos de dança, futsal e vôlei. Grande parte dessas aulas eram práticas e, como o modelo que permaneceu até outubro era de elaborar atividades para serem postadas no site, os professores afirmam que foi desgastante trabalhar somente com questões teóricas, não sendo possível o mínimo contato com os estudantes.

Os docentes tiveram um imenso desafio para se apropriar das ferramentas pedagógicas da TDIC e não receberam Formação Continuada para criar formas diferentes de aprendizagem. Foram socorridos pelos colegas que, por trabalhar na rede privada, já conheciam os mecanismos da TDIC.

A EMEF Barão de Piratininga não recebe investimentos por parte do poder público. Na sala de informática os equipamentos têm mais de quinze anos e muitos pararam de funcionar por serem antigos.

É necessário e urgente que os governantes efetivem investimentos na TDIC, possibilitando o acesso a estudantes, professores e pais, prevendo que essa ferramenta pedagógica não poderá faltar no sistema público de ensino e nas casas dos estudantes.

As aulas on-line que aconteceram pela plataforma Google Meet funcionaram como um plantão de dúvidas para dar suporte para os textos e atividades postadas no site, com duração de uma hora por semana para cada disciplina. A participação dos estudantes foi baixa e não era obrigatória a frequência. Alguns professores optaram por trabalhar em duplas. Não ocorreu uma transposição da prática de aula presencial para a aula remota.

Os professores continuaram preparando atividades quinzenais, para publicação no site do Departamento de Educação e Cultura e os estudantes tendo atividades semanais, pois cada semana é um bloco de disciplinas que enviam as atividades.

Foi possível assistir a algumas aulas on-line, observar o processo educacional neste formato e conversar com estudantes e professores no final das aulas.

As aulas on-line têm um clima excelente, todos motivados, com um pouco da rotina da casa dos alunos para descontrair, dificuldades com a internet e equipamentos, mas, com muita paciência, os professores fazem perguntas, conversam, resgatando o conteúdo da aula anterior e apresentando o tema que será trabalhado. Cada professor tem um formato de aula, mas sempre os estudantes participam ativamente, falam sobre as suas dificuldades, fazem perguntas, relacionam o conteúdo com o que já conhecem, ajudam a identificar as perguntas no chat, a aula é um diálogo. Os docentes utilizam várias ferramentas para adequar o conteúdo e enriquecer as aulas (utilizam a lousa), indicam sites para pesquisa, sempre solicitam uma produção, na correção das atividades fazem a revisão do conteúdo valorizando o potencial de cada estudante. Observe a fala da professora de Matemática para um estudante no momento da correção: *“Você pensou certo e esqueceu de um detalhe”*.

O professor de Informática fez alguns comentários importantes sobre as aulas virtuais em tempo de pandemia:

Busquei elaborar atividades que contemplassem questões relevantes para as crianças, atividades que as fizessem pensar em profundidade dentro de suas mais diversas situações. Nas aulas virtuais utilizando aplicativos de vídeo tentei me aproximar mais do que explicar, matar saudades, mostrar que haverá um novo jeito de encarar a vida, mas que

continuaremos vivos. Os conteúdos estão disponíveis, o mundo continua aberto, mas estou com saudade das crianças, da conversa, da possibilidade de fala. Pessoas sentem falta de pessoas e os professores são figuras essenciais na vida das crianças, precisamos manter uma rotina, mesmo que ela seja diferente da anterior. Busco interagir com os professores da escola, participar de outras aulas e interagir em outras circunstâncias. Pergunto, aprendo, questiono, por vezes preciso me controlar para não ultrapassar o limite da interação e permitir às crianças a sua participação. Quero estar com elas em nossas condições mais puras, de sujeitos questionadores, buscando asas, buscando transformar o mundo ao qual pertencemos.

O contato com a escola, com o ensinar-aprender, mesmo que reduzido, precisa ocorrer e é fundamental para a vida do estudante e do professor.

A conversa com os estudantes dos 6º aos 9º anos nas aulas on-line foi rica e prazerosa. Relataram que foi emocionante a primeira aula, ouvir o professor, falar com os colegas de turma, interagir com o grupo, uma mescla de choro e sorriso, ficaram felizes com o reencontro,

Perguntei para minha mãe quando veio a mensagem no grupo que teria aula on-line. Eu surtei, fiquei feliz! (Aluna do 7º ano)

Com os primeiros professores fiquei emocionado, chorei, fazia tempo que não via os professores e a turma da sala. A coisa mais feliz foi ver todos da escola. É muito bom rever amigos. Eu não estava falando com ninguém e a aula on-line foi a melhor coisa desse ano. (Aluno do 7º ano)

Teceram inúmeros elogios aos professores: que preparam bem as aulas, que são dedicados, que têm paciência para explicar, que sabem ouvir. Mencionaram inúmeras vezes que estava difícil realizar as atividades sem a presença dos educadores para explicar os conteúdos, que seus pais não sabiam explicar e não tinham paciência.

As atividades eram muito complicadas, era muito difícil, nem minha mãe sabia... Com o professor eu consegui, me interessei, mas pesquisando sozinha não. (Aluna do 9º ano)

Buscava aulas na internet para compreender o conteúdo e mesmo assim não entendia. (Aluna do 8º ano)

Tinha preguiça por não entender, mas quando começou a aula on-line me animei. Tinha curiosidade de aprender com os professores. (Aluno do 9º ano)

Eu copiava as respostas das atividades da internet (Aluno do 9º ano)

Dormia no horário que ia para a escola, não aprendi aquilo que preciso para enfrentar o Ensino Médio. Será que terá revisão do conteúdo? Eu desandei. (Aluno do 9º ano)

Quando questionados sobre os colegas que não participam das aulas on-line, eles falam que os colegas têm preguiça, que dormem tarde, tem falta interesse por não ter reprova, falta de informação, que preferiam brincar na rua e a demora para iniciar as aulas on-line.

Esse momento com os estudantes passava muito rápido, sempre acontecia uma brincadeira ou uma fala para descontrair. Um estudante fala espontaneamente - Perdi meu lápis, professora! O outro responde – Olha embaixo da carteira. Um estudante do 7º ano me deixava pensativa, assistia às aulas sozinho e o tempo todo de máscara. No meio da aula uma estudante avisa que iria comer pastel, que chegou quentinho da feira, todos ficam com vontade. A título de curiosidade, tem uma feira que acontece em uma rua próxima da escola e é um costume local comer pastel na feira.

Mas o reconhecimento por parte dos estudantes da relevância do papel do professor para aprenderem foi o ponto forte, eram unânimes em afirmar:

Foi muito mais difícil sem o professor. O professor precisa ser mais valorizado porque é muito mais fácil aprender com o professor. Comecei a me interessar no final, o trabalho dos professores foi show, todo preparo foi ótimo. Estão de parabéns! (aluna do 9º ano)

Os professores se dedicaram muito, consegui entender bem. (aluna do 8º ano)

Nossos professores acolhem, o Barão acolhe. (aluna do 9º ano)

Professores, estudantes, funcionários, pais, sentem falta do cotidiano escolar. Com toda a fragilidade que a humanidade está vivendo nesta pandemia, descobriu-se que a escola faz falta, que o professor é importante para mediar o ensinar-aprender e que somente as máquinas não dão conta do processo. Precisamos de gente, de professores, para a educação acontecer e, assim, constituir uma sociedade forte e humana.

Os reflexos da pandemia serão nefastos, como a evasão escolar, danos emocionais e o aumento da desigualdade social. É urgente a necessidade de se

repensar o modelo educacional pós-pandemia. Mas uma coisa é certa: é o momento de valorizar o professor, propiciar formação continuada, melhores salários, de afluir a vontade de ser professor nas futuras gerações e de mostrar para toda coletividade a importância de ser professor.

5 O QUE SE APRENDE COM AS VOZES QUE ECOAM? A modo de conclusão...

Tenho estado um tanto reflexiva/pensativa, visitando os momentos que marcaram a minha história de vida, os caminhos que trilhei na educação. A escola pública é muito importante na minha constituição como sujeito histórico. Foi nesses espaços tempos, que pesquisei, que aprendi ensinando, que em uns momentos fui feliz e em outros triste, que sorri e chorei, fui impetuosa no início da carreira e cautelosa/serena quando os anos passaram. Sem entender o meu processo de formação, fui percorrendo o caminho, entendendo que deveria dar o meu melhor, estudar, preparar uma boa aula, mesmo que fosse uma substituição de uma única aula, em uma turma desafiadora.

No percurso acadêmico, apesar de momentos de muita dificuldade, percebia uma tendência em minhas escolhas, por história, filosofia, questões sociais e ambientais, mesmo que no início tivesse um outro entendimento conceitual.

Hoje consigo entender a importância do que constituí o cotidiano escolar, a riqueza do conhecimento que se efetiva nesse convívio entre sujeitos históricos inacabados.

Percebo as influências que recebi, as mudanças de perspectivas, de compreensão do papel social da escola, de buscar legitimar o valor da escola pública como um diferencial para a transformação da sociedade, para mudarmos o rumo dessa condição posta e imposta por um sistema corrupto, inescrupuloso, preconceituoso e tudo mais.

Quando cursei o Mestrado em Educação (conclusão 1999) as aulas que viajavam comigo de Sorocaba até Mairinque, que reverberavam por um longo e infinito período, eram as aulas que traziam a história com o professor Sanfelice.

As entrevistas com os munícipes que viveram essa escola foi um aprendizado inesquecível. Uma senhora relata que *a professora era tão amável, que era como comer pão com mel*. Sou da primeira turma a cursar o Mestrado na Uniso, por volta de agosto de 1997 iniciei a pesquisa de campo, não foi nada fácil, uma por não ser possível me dedicar exclusivamente à pesquisa, era Diretora de uma escola pública com 2.000 alunos, três períodos e três cursos, uma mãe amorosa do Jomar com sete anos e do Matheus com seis anos, casada e fortemente ligada à família. Além de toda essa história de uma brasileira, me encantei, como já era previsto, pelas minhas

escolhas pelas aulas do professor Sanfelice e optei por pesquisar “Aproximações sobre o ensino público do município de Mairinque/SP (BELLINI, 1999), trabalhei com a história oral, iconográfica e documental. Dentre as dificuldades encontradas nesse percurso, aponto as condições em que os documentos mais antigos são guardados como um obstáculo para o trabalho de resgate histórico.

O arquivo morto da primeira Escola e o da Diretoria de Ensino foram um grande desafio. Alguns registros dos livros do arquivo da escola vale retomar e mencionar: em 20/10/1893 é citado o nome do primeiro Professor Normalista Tibério Justo da Silva e o Inspetor Júlio César D’Oliveira, no ano de 1894 o Inspetor Júlio César D’Oliveira vacinou os alunos da escola auxiliado pelo Professor Manoel Martins Villaça (que nomeia a escola nos dias atuais), em 12/06/1903, o Inspetor que visita a escola registra que não figuraram na matrícula nove alunos por não terem apresentado atestado de vacina que a Câmara Municipal deveria fornecer. Esses livros de Termos de Visita eram registros anuais, com algumas orientações aos professores sempre de maneira bem sucinta, geralmente tecendo elogios.

Observamos aqui uma preocupação significativa com a vacinação plena dos alunos em Mairinque- SP no ano de 1894. Em 1909, está destacada uma moléstia contagiosa que se alastrou pela localidade e que influenciou na frequência dos alunos. Outro fato registrado é que no ano de 1918, houve uma epidemia de gripe “espanhola”, fazendo com que o ano letivo, encerrasse em 18 de outubro, deixando prejudicado aquele ano escolar. A Gripe Espanhola, a mãe das pandemias, entre 1918 e 1919 atingiu todos os continentes, no mínimo 50 milhões de mortes que teve início de uma mutação do vírus *Influenza(H1N1)*. No ano de 2020, e em 2021, estamos em campanha pela vacinação massiva das populações e infelizmente temos um Presidente que nega a vacina e todos os mecanismos comprovados pelos cientistas de prevenção (Covid-19). O Brasil registra hoje 01/12/2021, 615.020 mortes por Covid – 19 (BIMBATI; BATISTA; ESPINA, 2021), e todos os dias registramos tristemente novas mortes.

No Brasil, a Pandemia teve início em março de 2020, quando a orientação era ficar em casa, ninguém tinham certeza de nada e neste exato momento continuamos somente com incertezas, está chegando uma nova onda/ a próxima pandemia já começou, a aparição de superbactérias nos assustam, os óbitos continuam, temos uma nova cepa da Covid denominada Ômicron, as nossas autoridades dizem que o nosso país está preparado, mas como acreditar?

Nestes tempos de Pandemia nunca se falou tanto da importância do Professor como mediador do ensino e aprendizagem, o reconhecimento que o espaço escolar é o local de convívio dos sujeitos, do aprender os desafios de viver em sociedade.

Tive a felicidade de trabalhar tanto nas redes privada, quanto na estadual e municipal de ensino, com profissionais compromissados, uns mais tradicionais, outros mais contemporâneos/ousados, mas com aulas bem-preparadas e respeitando os educandos. Os anos vividos na escola pública me mostraram que existem: excelentes professores que atuam com ética e responsabilidade social, jovens e adultos maravilhosos, funcionários que dão o sangue para que a escola pública aconteça. Trabalham em condições precárias e estão ali prestando um serviço honesto para a população.

Acredito no potencial da escola pública, na riqueza do seu cotidiano, ali as coisas acontecem, os seus profissionais precisam ser valorizados pelo Poder Público e pela sociedade.

Quando atuava no curso de Pedagogia na Faculdade de Vargem Grande Paulista, o Coordenador do curso determinou que assumisse as aulas de Projetos em Educação Ambiental, fiquei muito nervosa, a experiência que tinha eram os projetos de reciclagem e plantio realizados na escola Barão, que era diretora e a leitura do PCN Meio Ambiente. Adquiri alguns livros e dentre eles um indicado pelo Professor Leodir Ribeiro, que o autor era o seu orientador no curso de Mestrado, “O que é Educação Ambiental”, do Professor Marcos Reigota. Não sei dizer quantas vezes realizei a leitura desse livro, mesmo porque o seu conteúdo era muito diferente dos outros, esse livro mudou o rumo da minha história de vida, como pessoa, como professora, como diretora, incentivou inúmeras ações, tirou a venda dos meus olhos e as amarras das minhas mãos. Neste movimento me vem a necessidade de reler o livro Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. Muitos pesquisadores nos influenciam, visitam as nossas práticas e nos convidam a refletir sobre o ensinar–aprender, Paulo Freire é mestre nessa arte. Nunca achei fácil estudar Paulo Freire, é necessário ler inúmeras vezes, parar, refletir, conversar, visitar a sua prática e ler novamente.

Ao analisar algumas pesquisas em educação, me parecia muito distante da realidade escolar, e digo que não sou a única, ouvi muitas vezes que os acadêmicos não têm noção do que acontece em uma escola pública. Estudando Nilda Alves, foi possível entender esse movimento, ela questiona a distância dos pesquisadores dos sujeitos da pesquisa, essa neutralidade que se transforma em um abismo.

Os profissionais da educação necessitam do apoio dos pesquisadores para dar conta da demanda de exigências do seu fazer educativo e Nilda Alves traz a identidade da escola, ela legítima a importância do conhecimento construído nos/dos/com os cotidianos escolares.

Convivendo na Escola Barão e com a perspectiva de melhorar a minha prática como gestora, realizei vários cursos, precisava compreender de uma outra maneira as várias situações do dia a dia de uma escola de Jovens e Adultos. Cursei uma especialização em Gestão Escolar em parceria com o MEC na UFSCar e muitas dinâmicas no convívio escolar se modificaram, o diálogo com todas e todos foi um avanço na ação educativa. E a pesquisa foi transformando a pesquisadora e sendo transformada.

Diante de todo movimento de visitação de práticas pedagógicas, do ensinar-aprender, das memórias prazerosas e outras nem tanto, de dialogar para compreender reflexivamente como a ação educativa que acontece no cotidiano da EMEF Barão de Piratininga, o que faz pulsar forte, que aquece, que vibra nesta escola, é a certeza de que a maioria dos que ali convivem - sejam professores, estudantes, pais e ou responsáveis, funcionários, equipe gestora -, são pessoas cujo princípio é o da solidariedade. Considerando com Freire (2016), que sermos solidários significa estarmos inquietos, termos a curiosidade aflorada para pesquisar, sonhar, considerar a utopia, acreditar que é possível construir um mundo melhor com direitos iguais, respeitando todas e todos com as suas admiráveis diferenças. A partir desses princípios, lutar com ética e amor, esperar.

Essa é a boniteza de viver intensamente o cotidiano de uma escola pública, de levar o Barão para nossas vidas, de conseguir sentir os aromas, de ir além do já descrito. Tais princípios nos ensinam Felix Guattari com o conceito de subjetividade, Paulo Freire com suas pedagogias, Nilda Alves nas orientações com os cotidianos escolares, dentre outros, estudados durante as aulas de Alda Romaguera e Marcos Reigota no percurso do doutorado.

Paulo Freire (2018), menciona em seus registros que o aprender precede o ensinar. Dialogando, observando o posicionamento dos professores/as da escola em questão fica evidente que pesquisam antes de entrar em sala de aula; que existe uma preocupação desde o “prato de entrada” que abrirá o caminho para o “prato principal” e de saber a aceitação desse prato por seus estudantes que o degustarão. Os questionamentos que levantam: como entrar na sala de aula, como motivar o meu

aluno/a? Pensar no perfil de cada aluna/o, colocar a pauta na lousa para que eles tenham conhecimento do que será ensinado-aprendido, pesquisar novas possibilidades, trazer algo a mais, saber o conteúdo que será trabalhado e relacioná-lo com o mundo vivido, e estar uma aula à frente das/os alunas/os. É perceptível nos depoimentos, antes e pós pandemia, que muitas coisas acontecem antes do horário da aula, do encontro com as alunas/os.

A interação, o diálogo dos professores/as com as alunas e os alunos para entender como apreenderam o conhecimento construído é notável nas falas dos alunos e alunas, dos professores, da equipe gestora e dos pais (em relatos informais durante as reuniões de conselho e nos encontros de porta de escola). O professor vai até os alunos e alunas querendo entender o processo percorrido pelos mesmos e se apreenderam o proposto e, se existem dúvidas, buscam resolver.

Um dia a professora de Matemática chegou tão desanimada na sala dos professores na hora do intervalo que foi perceptível a todas e todos, sem se conter perguntaram: *o que aconteceu?* E ela quase chorando respondeu – *Preparei uma aula com tanto amor e cuidado e a resposta dos alunos me desapontou demais.* E o grupo tentou entender e ajudar. São os mínimos detalhes que somente quem está imbuído e com o olhar atento consegue perceber e entender.

É nesse movimento que a escola se torna pública, quando todas e todos são tratados com respeito e participam do ensinar-aprender. Existe uma preocupação em entender a realidade dos alunos e alunas, em conversar com os seus responsáveis; é assim que um pai se entende importante e vai limpar o jardim da escola, como aconteceu muitas vezes com outros pais, alunos, funcionários e professores. É assim que uma escola se torna pública, ela é parte dessa comunidade, não é pelo poder público e sim pelo trabalho realizado pela coletividade escolar, pois a participação de todas e todos faz a diferença. Não é fazer o que é de responsabilidade do poder público, que inúmeras e incontáveis vezes não o faz; é ter compromisso e respeito pelas pessoas. Isso não acontece da noite para o dia, é uma construção coletiva, é parceria. Por essas razões, a EMEF Barão de Piratininga é respeitada pela cidade de São Roque. Em todas as reuniões de Pais e Mestres, tenho a liberdade aqui de mencionar, porque a escola como um todo é testemunha disso, eu iniciava as reuniões afirmando que: *O que temos de melhor na EMEF Barão de Piratininga são as pessoas, alunos, professores, funcionários, equipe gestora, pais/responsáveis e os parceiros da escola.*

Em momentos de reunião do Sistema de Ensino da cidade, seja reunião por área de conhecimento, Conselho Municipal de Educação, entre outras situações grupais, quando um professor e ou equipe gestora do Barão se posiciona, todas e todos param para ouvir, porque tem fundamento, pois em primeiro lugar estão as alunas e os alunos, existe propriedade na argumentação.

Em março de 2020 as escolas públicas ficaram totalmente sem orientações do sistema de ensino; as autoridades não estavam preparadas e o nosso governante até hoje, com toda a desgraça que assola o nosso país - mortes, fome, desemprego, desmatamento, falta de moradia, falta de água potável para beber, e tantas mazelas -, não tem uma atitude com coerência que respeite o povo sofrido.

Esses dias uma colega Gestora Escolar, relatou que recebeu uma mãe na escola muito preocupada que perguntava – *Minha filha ficará analfabeta como eu?* Essa criança entrou no 1º ano do Ensino Fundamental em 2020, passou para o 2º ano em 2021 e passará para o 3º ano em 2022, sendo que ainda não está alfabetizada. A ordem, muitas vezes velada, é a de “passar de ano” todos os alunos, mesmo sem fazerem nenhuma atividade. Tomo a liberdade para registrar outro fato, um conhecido optou por não cursar a EJA Ensino Médio à distância; depois de um tempo, resolveu fazer um curso de eletricista e foi até a escola solicitar uma declaração de escolaridade. Para sua surpresa, havia concluído o Ensino Médio sem entregar nenhuma atividade durante um ano.

Esses dois breves relatos nos mostram que a situação da escola pública é muito mais séria do que podemos imaginar. Segundo alguns autores aqui mencionados será necessária muita cautela para lidar com as situações localmente, individualmente, e preparar todos os profissionais da escola. Podemos observar tais situações também nos relatos dos professores do Sistema de Ensino Municipal de São Roque, que não difere muito do restante do nosso país.

Em algumas ocasiões, nossos professores foram impedidos de participar das decisões; tínhamos professores com vergonha de sair na rua, que não entendiam como cumprir a sua função, que é ensinar-aprender. Os professores ficaram extremamente preocupados com seus alunos, inclusive se tinham como se proteger, se tinham comida, com quem estavam ficando, muitos deles não se têm notícias até hoje. Fica notório que os/as alunas/os da Rede Municipal/Ensino Fundamental foram e são os mais prejudicados desde o início da Pandemia.

Em São Roque, até o momento, não contamos com nenhum investimento, nenhuma melhoria nas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

Com a escola invadindo o espaço improvisado nas casas dos alunos, espaço esse que muitas vezes é mínimo, juntamente com a dificuldade que muitos responsáveis encontraram e ou não conseguiram acompanhar a vida escolar dos seus filhos - seja por motivos de trabalho, de falta de conhecimento, de não possuir internet entre outros -, o professor ganha destaque e é valorizado como nunca pela sociedade. É necessário dar dignidade aos professores, valorizar como nunca essa categoria.

Ressalto mais uma vez a importância de os profissionais da educação analisarem o processo educativo de forma mais singular (temos alunos não alfabetizados nos 6º anos é até adiante); desta forma, defende-se o entendimento de um processo educacional individualizado e com muita ética, estética, amorosidade, que disponibilize às alunas e alunos uma educação progressista, libertadora. Com Paulo Freire, sonhamos uma educação que propicie o entendimento, a certeza de que é possível sair da condição de oprimido, considerando a visão do mundo por elas e eles vivido para mudar o que está posto. Como seres históricos mediatizados pelo mundo, esta tese deseja que a alfabetização e a continuidade educacional se tornem possibilidades de mudança do mundo por eles vivido.

Espero que os espaços e os tempos da escola sejam repensados. Que se valorize e se ampliem as possibilidades de convívio, tão afetadas e tão sentidas pelas alunas/os, professores, pais, funcionários, responsáveis e parceiros da escola. A escola é vida, é movimento, é vibração. É o abraço, o aperto de mão, é a amizade conquistada, é o ombro para chorar, é o sorriso gostoso, é a troca de olhares e afetos, é aprender-ensinar para a vida, para viver e conviver no mundo.

A Rede Privada de ensino conseguiu se organizar rapidamente, com o uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação e logo depois retornou com o ensino presencial. Seguindo todas as regras necessárias conseguiu dar continuidade as suas propostas de ensino. Aprofunda-se então o imenso abismo entre a escola pública e a privada. Já contávamos com problemas gravíssimos nos sistemas públicos de educação, e agora não conseguimos nem mesmo dimensionar sua proporção.

Um dos grandes entraves que enfrentaremos a partir daqui é a falta de investimento do Poder Público no que realmente se faz necessário.

Temos que lutar bravamente com muito amor por nossos sonhos na educação, imaginar utopias, lutar pela igualdade de direitos, pela inclusão de todas e todos. Vozes

que ecoam nesta tese e continuarão ecoando com a escrita do livro pelos professores da escola “Barão”; cuja publicação se encontra no processo de editoração. Esta e será a primeira escola municipal da cidade de São Roque a publicar um livro sobre práticas pedagógicas, que reflita a inquietação do exercício de ser professor do povo, para o povo e com o povo.

Não perderemos a esperança. Arrisco dizer, lutar com amor, com ética, como Paulo Freire lutou por toda a sua vida. Esperançar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Faz bem trabalhar a memória: criação de currículos nos cotidianos, em imagens e narrativas. In: GARCIA, A; OLIVEIRA, I. B. (Orgs.) **Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- ARRUDA, Ecídio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede, Revista de Educação à Distância**, v. 7 n. 1, 2020.
- BELLINI, Magda Cristina Fulan Bellini. Os Índices do Ideb e a qualidade do ensino. In: FERREIRA, Creusa Avigo; LENOTTI, Ana Duarte (Orgs) **Formação docente: um olhar teórico para a prática educativa**. Salto, SP: Schoba, 2014.
- BELLINI, Magda Cristina Fulan. **Aproximações sobre as origens do ensino público no município de Mairinque - SP**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Sorocaba – UNISO, Sorocaba, SP, 1999.
- BIMBATI, Ana Paula; BAPTISTA Sara; ESPINA Ricardo. Covid: Com 266 mortes em 24 h, Brasil passa de 615 mil óbitos... 01 jan. 2021. Do UOL e colaboração para o UOL, em São Paulo. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/12/01/covid-19-coronavirus-casos-mortes-01-de-dezembro.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 01 jan. 2021.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Capítulo III da Educação, da cultura e do desporto, Seção I. Brasília Distrito Federal. 1988. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_const.pdf. Acesso em 10 out. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008**. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm. Acesso em: 20 ago. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020**. Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.040-de-18-de-agosto-de-2020-272981525>. Acesso em 14 set. 2020.
- BRASIL. **Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020**. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>. Acesso em 20 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer Conselho Nacional de Educação nº 15/2020**. Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1603

91-pcp015-20&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 13 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer Conselho Nacional de Educação nº 5, aprovado em 28 de abril de 2020.** Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da covid-19. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em 20 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer Conselho Nacional de Educação nº 9, aprovado em 8 de junho de 2020.** Reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2020, que tratou da reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da covid-19. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=147041-pcp009-20&category_slug=09/07/2020=junho-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em 14 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer Conselho Nacional de Educação nº 11, aprovado em 7 de julho de 2020.** Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=148391-pcp011-20&category_slug=julho-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer Conselho Nacional de Educação nº 15, aprovado em 6 de outubro de 2020.** Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=160391-pcp015-20&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em 30 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer Conselho Nacional de Educação nº 19, aprovado em 8 de dezembro de 2020.** Reexame do Parecer CNE/CP nº 15, de 6 de outubro de 2020, que tratou das Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=167131-pcp019-20&category_slug=dezembro-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 24 dez. 2020.

CENTRO PROFESSORADO PAULISTA. **“Somos analfabetos digitais” afirma professora.** 2020. Disponível em: <https://www.cpp.org.br/informacao/noticias/item/15554-90-dos-professores-nao-tinham-experiencia-com-ead-42-seguem-sem-treinamento>. Acesso em: 10 ago. 2020

CNN Brasil. **Veja quais países iniciaram a vacinação contra a Covid-19; Brasil está fora.** <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/quais-os-paises-que-ja-comecaram-a-vacinacao-contra-a-covid-19/>. Acesso em: 24 dez. 2020.

COSTA, Hugo Heleno Camilo. PEREIRA, Talita Vidal. Discursos curriculares em disputa pela significação do mundo: os acontecimentos e a suspensão das verdades. **Currículo sem fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 614-620, set./dez. 2020.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação escolar e pandemia. **Pedagogia em ação**, v.13, n. 1, Belo Horizonte, 1 sem. 2020.

DELORS, J. et al. Educação: um tesouro a descobrir. 6 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001. "Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI". Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

FEDELE, Regina Célia Ferreira. **A municipalização do ensino fundamental na cidade de São Roque no período compreendido entre 1997 – 2005.** Sorocaba, São Paulo: Universidade de Sorocaba – UNISO, 2005.

FOLHAPRESS. Brasil chega a 191 mil mortos pela Covid-19, mostra consórcio de imprensa. **Tribuna**. 27 dez. 2020. Disponível em: <https://tribunapr.uol.com.br/noticias/brasil/brasil-chega-a-191-mil-mortos-pela-covid-19-mostra-consorcio-de-imprensa/>. Acesso em: 30 dez. 2020

FREIRE, Paulo. Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa Participante**. 2ª ed. São Paulo: editora brasiliense, 1982.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 21 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** 56 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido / Paulo Freire; prefácio de Leonardo Boff; notas de Ana Maria Araújo Freire**. 17 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra; 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos** 3ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra; 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 64 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra; 2017.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. 1997. PDF. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Professora-sim-tia-n%C3%A3o-Cartas-a-quem-ousa-ensinar.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

G1. **Brasil registra 1259 mortes por covid 19 em 24 horas...** 21 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/21/brasil-registra-1259-mortes-por-covid-19-em-24-horas-e-chega-a-294-mil-obitos-desde-o-inicio-da-pandemia.ghtml>. Acesso em 23 mar. 2021

- GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa (Orgs.). **Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2015.
- GATTI, Bernadete. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. Impactos da pandemia. USP: **Estudos Avançados**. 34 (100) Sep-Dec 2020.
- GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1991.
- GUATTARI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lucia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- HENRIQUES, C. M. P.; VASCONCELOS, W. **Crises dentro da crise: respostas, incertezas e desencontros no combate à pandemia da Covid-19 no Brasil**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/BWWTW6DL7CsVWyrqçMQYVkB/?lang=pt#>. Acesso em: 9 set. 2020.
- HERMANN, Nadja. A aprendizagem da dor. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e110033, 2020.
- HOLLANDA, Francisco Buarque De. Compositores Francisco Buarque De Hollanda; Sergio Bardotti; Luis Enriquez Bacalov. **Todos juntos**. Canção da peça infantil de teatro musical Os Saltimbancos. 1977.
- LÜCK, Heloísa *et al.* **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MESQUITA, Diego. Não seremos os mesmos. **Revista Cult online**. 30 abr. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/nao-seremos-os-mesmos/>. Acesso em: 3 maio 2020.
- MINISTÉRIO DE SAÚDE. **Covid 19 – casos e óbitos**. Disponível em: https://qsprod.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em 20 out. 2021.
- MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand; Brasil, 2013.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF, 2002.
- OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde/Organização Mundial de Saúde. **Histórico da pandemia de Covid-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 27 dez. 2020.
- PALACIO, R. J. **Extraordinário**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. Disponível em: <http://lelivros.love/book/download-extraordinario-r-j-palacio-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- PARO, Vitor Henrique. **Administração Escolar: introdução crítica**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo; CUNHA, Renata Barrichelo. **Percursos de autoria: exercícios de pesquisa**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.
- REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994. Coleção Primeiros passo, v.292.

ROMAGUERA, Alda *et al.* Dissertações e teses produzidas entre os anos 2000 e 2017: uma contribuição para o cotidiano escolar. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 26, n. 56, p. 287-305, jan./abr. 2021.

ROMAGUERA, Alda. *Árvore do (re)colhimento. Catálogo quarentena. Arte na espreita e na espera... Poéticas na Quarentena!* Organizado e produzido, por Bené Fonteles. Instituto “Antes Arte do que tarde”. Maio, 2020.

SANTOS, Joaquim Silveira. **São Roque de outrora**. São Paulo: Merlot Comunicações, 2010.

SÃO PAULO. **Decreto nº 40.473, de 21 de novembro de 1995**. Institui o Programa de Reorganização das Escolas da Rede Pública Estadual. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/11017>. Acesso em: 3 dez. 2020

SÃO PAULO. **Decreto nº 40.673, de 16 de fevereiro de 1996**. Institui o Programa de Ação de Parceria Educacional Estado-Município, com o objetivo de desenvolver o ensino fundamental através de ação conjunta dos poderes executivos Estadual e Municipal Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/10646>. Acesso em 20 dez. 2020.

SÃO ROQUE. **Decreto nº 2.413, de 19 de novembro 1997**. Dispõe sobre a criação de escolas municipais de ensino fundamental e da outras providências. disponível em: <https://www.legislacaodigital.com.br/SaoRoque-SP/LeisOrdinarias/2413-1997>. Acesso em 9 jan. 2021.

SÃO ROQUE. **Portaria nº 07 de 23 de março de 2020**. Dispõe sobre a reorganização do calendário escolar regulamentando as formas de realização de atividades escolares não presenciais, devido ao surto global do novo Coronavírus, para a Rede Pública de Ensino do Município de São Roque. disponível em: http://atividadesdomiciliares.educasaoroque.sp.gov.br/informacoes/portaria_07_2020.pdf. Acesso em 14 jan. 2021.

SÃO ROQUE. **Portaria nº 09 de 20 de julho de 2020**. Dispõe sobre a reorganização e registro, no período de restrição das atividades escolares presenciais para a Rede Pública de Ensino do Município de São Roque e dá providências correlatas.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 16, Edição Especial, 2020, p.1468-70.

SPINK, Peter Kevin. O Pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia e Sociedade**, 20 (Ed. Especial), 70-77, 2008.

UNA-SUS. Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença. 27 fev. 2020. Disponível e: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde%20confirmou,para%20lt%C3%A1lia%2C%20regi%C3%A3o%20da%20Lombardia>. Acesso em: 1 mar.2020.

VASCONCELOS, C. dos S. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico.12.ed. São Paulo: Liberta, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Mais uma Lição: sindemia covídica e educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e109337, 2020.

ZIBELL, Matías. Mortos em casa e cadáveres nas ruas: o colapso funerário causado pelo coronavírus no Equador. 1 abr. 2020. **BBC News**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52129845>. Acesso em: 1 abr. 2020.

ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DE ACESSO A ARQUIVOS DA ESCOLA**PREFEITURA DA ESTÂNCIA
TURÍSTICA DE SÃO ROQUE**

ESTADO DE SÃO PAULO

"São Roque - Terra do Uinho. Bonita por Natureza"

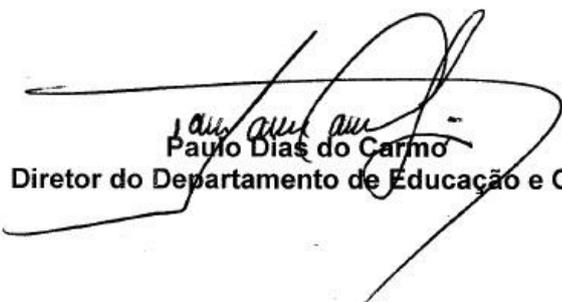
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

São Roque, 10 de dezembro de 2021.

À Ilma Profª Dr.ª Alda Regina Tognini Romaguera
Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Em atenção à solicitação referente à aluna **Magda Cristina Furlan Bellini**, RG 15.938.792-9 SP, do curso de doutorado, orientada da Prof.ª Dr.ª Alda Regina Tognini Romaguera, autorizamos, com grande satisfação, o acesso aos arquivos e documentos da EMEF Barão de Piratininga, visto que sua pesquisa trará enorme contribuição social ao município da Estância Turística de São Roque.

Respeitosamente,



Paulo Dias do Carmo
Diretor do Departamento de Educação e Cultura